BIBLIOTHECA PATRISTICA

Sobre a Vida de Moisés

São Gregório de Nissa

Fonte:
http://www.ecclesia.com.br/Biblioteca/pais_da_igreja/sobre_a_vida_de_moises.html

Prefácio

Os aficionados pelas corridas de cavalos, embora aqueles a quem apóiam nos esforços das corridas não se descuidem um instante em suas tentativas de ser velozes, nas arquibancadas e envolvendo com os olhos todo o certame, gritam no desejo de os ver triunfar, e com os gritos incitam ao cocheiro e aos cavalos – ao menos assim o crêem - a um impulso mais forte; dobram os joelhos ao mesmo tempo que os cavalos e estendem as mãos para a frente, agitando-as como um chicote. Não atuam assim porque estas coisas causem a vitória, mas pelo interesse que sentem pelos participantes, que os leva a mostrar sua preferência com a palavra e com o gesto. Algo semelhante me parece acontecer contigo, o mais estimado dos amigos e irmãos: enquanto no estádio das virtudes te empenhas valentemente na competição divina e avanças com passos ágeis e rápidos para a recompensa do chamado que vem de cima, te animo com minhas palavras, e te apresso, e te exorto a aumentar o esforço para ser mais veloz. Atuo assim não como quem se deixa levar por um impulso irrefletido, mas como quem proporciona a um filho querido tudo o que lhe é grato. Como na carta que me enviaste recentemente me pedes um conselho para a vida perfeita, me pareceu conveniente te propor com minhas palavras algo que talvez só te será útil se se converter para ti em um exemplo eficaz de obediência. Com efeito, se eu, que estou colocado no lugar de pai para tantas almas, considero conveniente a meus cabelos brancos aceder ao pedido de tua juventude virtuosa, tanto mais conveniente será que se reforce em ti a disposição à docilidade, agora que a tua juventude tem sido instruída por mim a uma obediência voluntária. E já basta deste tema. Iniciemos já o assunto proposto, tomando a Deus como guia de nosso discurso. Pediste-me, meu querido, que te trace um esboço de qual é a vida perfeita, com a intenção evidente de aplicar a tua própria vida – se o que procuras se encontra em minha resposta – a graça indicada por minhas palavras. Sinto-me igualmente incapaz destas coisas: confesso que se

encontra acima de minhas forças tanto o definir com palavras em que consiste a perfeição, como o mostrar em minha vida o que o espírito entende dela. Talvez não só eu, mas também muitos dos grandes e avançados na virtude confessarão que uma coisa assim também não é alcançável para eles. Explicarei com a maior clareza o que estou tentando dizer, para não parecer, dizendo-o com as palavras do Salmo, que tenho temor onde não deve haver temor (Sal 13, 5). Em todas as coisas pertencentes à ordem sensível, a perfeição está circunscrita por alguns limites, como sucede com a quantidade contínua ou descontínua. Com efeito, tudo aquilo que se pode medir quantitativamente se encontra em limites bem definidos, e alguém que considere um pedaço ou o número dez sabe bem que, para essas coisas, a perfeição consiste em ter um começo e um fim. Por outro lado, com relação à virtude, aprendemos com o Apóstolo que o único limite de perfeição consiste em não ter limite. Aquele divino Apóstolo, grande e elevado de pensamento, correndo sempre pelo caminho da virtude, jamais cessou de se lançar para a frente, pois lhe parecia perigoso deter-se na corrida. Por que? Porque todo o bem, pela própria natureza, carece de limites, e só é limitado pela presença de seu contrário, como a vida é limitada pela morte e a luz pelas trevas; em geral, tudo aquilo que é bem tem seu fim naquilo que é considerado o oposto do bem. Assim como o fim da vida é o começo da morte, assim também o deter-se na corrida pela virtude é o princípio da corrida ao vício.

Por este motivo, não nos enganava nosso raciocínio ao dizer que, no que diz respeito à virtude, é impossível uma definição da perfeição, já que demonstramos que tudo que se encontra demarcado por alguns limites não é virtude. E como eu disse que para aqueles que vão atrás da virtude é impossível alcançar a perfeição, esclarecerei meu pensamento com relação a esta questão. O Bem em sentido primeiro e próprio, aquele cuja essência é a Bondade, esse mesmo é a Divindade. Esta é chamada com propriedade – e é realmente – tudo aquilo que implica sua essência. Como já foi demonstrado que a virtude não tem mais limite alem do vício, e foi demonstrado também que na Divindade não cabe o que é contrário, conclui-se conseqüentemente que a natureza divina é infinita e ilimitada. Portanto, quem busca a verdadeira virtude não busca outra coisa senão Deus, já que Ele é a virtude perfeita. Com efeito, a participação do Bem

por natureza é completamente desejável para quem o conhece, e, alem disso, o Bem é ilimitado; segue-se, pois, necessariamente que o desejo de quem busca participar dele é co-extensivo com aquilo que é ilimitado, e não se detém jamais. Portanto, é impossível alcançar a perfeição, pois, como já dissemos, a perfeição não está circunscrita por nenhum limite; o único limite da virtude é o ilimitado. E como poderá alguém chegar ao limite prefixado, se este limite não existe? Porem o fato de havermos demonstrado que o que buscamos é totalmente inatingível, não justifica que se possa descuidar do preceito do Senhor, que diz: Sede perfeitos, como é perfeito vosso Pai celeste. Com efeito, aqueles que têm bom senso julgam grande ganância não carecer de uma parte dos bens verdadeiros, ainda que seja impossível alcançá-los de forma completa. Deve-se portanto, por todo ardor em não estar privado da perfeição possível e, em conseqüência, em alcançar dela tanto quanto sejamos capazes de receber em nosso interior. Talvez a perfeição da natureza humana consista em estar sempre dispostos a conseguir um maior bem. Parece-me oportuno tomar a Escritura como guia nesta questão. De fato, a voz de Deus diz por meio da profecia de Isaías: Lançai os olhos para Abraão vosso pai, e para Sara que vos deu à luz (Is 51,2). A palavra divina faz esta exortação àqueles que erram longe da virtude, para que assim como os navegantes que se desviaram de sua rota para o porto corrigem-se de seu erro graças a um sinal que se lhes faz visível – vendo um sinal de fogo posto no alto ou em cima de um monte – assim também aqueles que erram no mar da vida levados por uma mente sem timoneiro, se dirijam novamente ao porto da vontade divina seguindo o exemplo de Abraão e Sara. A natureza humana se divide em feminino e masculino, e a escolha entre virtude e vicio se apresenta igualmente ante ambos os sexos. Por esta razão, a palavra divina oferece o exemplo de virtude correspondente a cada uma das partes, para que, olhando cada uma para o que lhe é afim – os homens para Abraão e a outra parte para Sara – as duas se encaminhem para a vida virtuosa com exemplos que lhe sejam próximos. Também será suficiente para nós a lembrança de um destes personagens ilustres por sua vida, para fazê-lo desempenhar o papel de guia, e mostrar assim como é possível que a alma chegue ao porto seguro da virtude, onde já não estará exposta de nenhuma

forma às tempestades da vida, e onde não correrá o risco de cair no abismo do vicio por causa dos sucessivos embates das ondas das paixões.

Talvez a história destes homens ilustres tenha sido escrita detalhadamente para isto: para que a vida dos que vêm depois se dirija para o bem imitando as coisas que foram feitas precedentemente com retidão. Talvez alguém diga: se eu não sou caldeu como sabemos que foi Abraão, nem fui criado pela filha do Egípcio como conta a história de Moisés, nem tenho nada em comum na forma de viver com nenhum destes homens de outros tempos, como conformarei minha vida com a de um deles, se não tenho como imitar a alguém que me é tão afastado em sua forma de viver? Respondemos que não pensamos que ser caldeu seja vicio ou virtude, nem que ninguém se encontre afastado da vida virtuosa por viver no Egito ou habitar na Babilônia. Pelo contrário, nem Deus se faz conhecer somente na Judéia daqueles que são dignos, nem Sião, entendido em sentido literal, é a casa de Deus (Sal 75, 2-3). Portanto, teremos necessidade de uma interpretação mais sutil e de um olhar mais agudo para discernir sempre, a partir da história, de que caldeus ou egípcios havemos de nos distanciar e de que cativeiro da Babilônia devemos escapar para conseguir a vida bem-aventurada. Daqui para a frente, em nosso discurso, tomamos Moisés como modelo de vida. Em primeiro lugar, recorreremos rapidamente sua vida, conforme a conhecemos pela divina Escritura; depois buscaremos o significado espiritual correspondente à história, para receber um ensinamento sobre a virtude. Assim conheceremos em que consiste para os homens a vida perfeita.

Primeira Parte

Capítulo 1

Diz-se que Moisés viu a luz quando a lei do tirano proibia manter vivos os varões que nascessem (Ex 1, 16) e que com sua graça pressagiava já toda a graça que com o tempo haveria de reunir. Parecia tão belo já em fraldas (Ex 2, 2), que seus pais resistiram a destruí-lo com a morte. Depois, quando a ameaça do tirano se fez mais forte, não o atiraram sem mais à corrente do Nilo, mas o colocaram em uma cesta cujas junções haviam sido calafetadas com breu e piche, e desta forma o entregaram à corrente. Assim o explicam aqueles que refizeram cuidadosamente a história que a ele se refere. Guiada por uma força divina, a cesta arribou a uma encosta transversal, levada a este lugar pelo próprio movimento das águas. A filha do rei veio à região da praia onde se encontrava a cesta e, sendo alertada pelos vagidos que vinham da caixa, converteu-o em achado da rainha. Imediatamente, a princesa, vendo a beleza que resplandecia dele, encheu-se de benevolência e o adotou como filho. E posto que ele rechaçasse instintivamente um peito estranho, foi alimentado com o peito materno graças a um ardil de parentes (Ex 2, 1-9). Durante sua educação de príncipe, instruído nas ciências estrangeiras, ao sair da infância não escolheu as coisas que eram tidas em grande apreço pelos estrangeiros, nem deixou ver que confessava como mãe àquela mãe inventada que o havia feito filho adotivo, mas retornou à sua mãe natural e se misturou com os que eram de sua estirpe. Tendo-se originado uma briga entre um hebreu e um egípcio, tomou o partido do compatriota e matou o egípcio (Ex 2, 11–13). Pouco depois, quando brigavam dois hebreus, tentou acalmar a querela fazendo-os notar que, entre irmãos, é bom tomar como árbitro das divergências a natureza e não a ira (Ex 2, 13–15). Rechaçado por aquele que se inclinava à injustiça (Ex 2, 16-21) (At 7, 23-28), fez desta afronta o ponto de partida para uma filo mais alta: depois disto, tendo se afastado da

convivência com a multidão (Ex 2, 15), passa a vida na solidão e contrai parentesco com um estrangeiro sagaz para discernir o melhor e acostumado a julgar os costumes e a vida dos homens. Bastou a este uma única ação – refiro-me ao ataque dos pastores – para descobrir a virtude do jovem: como havia lutado pela justiça sem pensar em seu próprio proveito, mas por achar que o justo é valioso por sua própria natureza, e como castigara a injustiça dos pastores, que não haviam feito nenhum dano a ele. Tendo admirado o jovem por estas coisas, e estimando que, apesar de sua manifesta pobreza, sua virtude era mais valiosa que uma grande riqueza, entrega-lhe sua filha por esposa, e permite-lhe levar uma vida segundo seus desejos.

Capítulo 2

Ele escolheu conduzir nos montes uma vida solitária, afastada do tumulto das praças e dedicada a guardar os rebanhos no deserto. A história nos conta (Ex 3, 1-6) que, passado algum tempo nesta vida, Moisés recebeu uma surpreendente aparição de Deus: em um tranqüilo meio dia, reluziu ante seus olhos uma luz mais forte que a luz do sol; estranhando o inusitado do espetáculo, levantou os olhos para o monte e viu um arbusto do qual saia um resplendor como de fogo. Como os ramos da planta estavam verdes como se as chamas fossem orvalho, disse a si mesmo estas palavras: vamos e vejamos este grande espetáculo. Isto nos diz que o prodígio da luz não somente se mostrou a seus olhos mas, o que é mais impressionante de tudo, seus ouvidos foram iluminados com os resplendores da luz. Com efeito, a graça da luz foi distribuída a ambos os sentidos: os olhos foram iluminados com os resplendores da luz, e os ouvidos foram levados à luz com instruções puríssimas. Isto é, a voz que saía daquela luz proibiu Moisés de aproximar-se do monte com calçados feitos de peles mortas; quando ele livrou seus pés dos calçados, tocou assim aquela terra que estava iluminada com a luz divina. Depois dessas coisas, não julgo oportuno que o discurso se entretenha muito na história deste homem, para ater-nos mais a nosso propósito, fortalecido com a teofania que vira, recebeu a missão de livrar o seu povo da escravidão dos egípcios. E para que melhor se convencesse da força que recebia do alto, ele, por disposição de Deus, faz a experiência com o que tem nas mãos. Esta foi a experiência: o bastão que sua mão deixou cair se animou, e quando foi retomado por suas mãos, voltou a ser o que era antes de transformar-se em animal. Depois o aspecto de sua mão quando a tira do seio se transforma em um branco como de neve, e re-introduzida ao seio recobra seu aspecto natural (Ex 4, 2-7). Quando Moisés descia do Egito levando consigo sua esposa, que era estrangeira, e os filhos que tinha tido com ela, conta-se que um anjo saiu-lhe ao encontro causando-lhe um medo de morte, e que a mulher o aplacou com o sangue da circuncisão do menino. Foi então que ocorreu o encontro com Aarão que fora impelido por Deus para este

encontro (Ex 4, 24-28). Ambos convocam então o povo para uma assembléia geral e anunciam aos que estavam oprimidos pelo padecimento dos trabalhos, a libertação da escravidão. Sobre este tema ele teve uma conversa com o tirano. Por causa dessas coisas, aumentou a cólera do tirano contra os que dirigiam os trabalhos e contra os israelitas: aumentou então o tributo de ladrilhos, e enviou uma ordem mais pesada, de forma que os israelitas não só padeciam pelo barro, mas também eram sobrecarregados por causa da palha e das canas (Ex 5, 1-23). Depois o Faraó, este era o nome do tirano egípcio, tentou fazer frente, com os encantamentos dos feiticeiros, aos prodígios que eles faziam pela vontade de Deus. Quando Moisés tornou a converter seu bastão em animal ante os olhos dos egípcios, a magia pareceu realizar o mesmo prodígio nos bastões dos magos. Porem o engano foi desmascarado, pois a serpente surgida da transformação do bastão de Moisés, ao comer os troncos dos magos, isto é, as serpentes, demonstrou assim que os bastões dos magos não tinham nenhuma força para se defender e nem para viver, mas apenas a aparência de um truque mágico para verem os olhos daqueles que eram fáceis de enganar (Ex 7, 8-12). Quando Moisés viu que todos os súditos estavam de acordo com o príncipe da maldade, fez vir uma praga geral sobre todo o povo egípcio, sem que ninguém escapasse da experiência dos males. E para infligir este castigo aos egípcios, cooperaram com ele os mesmos elementos que vemos no universo: a terra, a água, o ar, o fogo, que trocaram suas forças conforme a vontade dos homens.

Capítulo 3

Com efeito, quem estava livre de culpa permanecia incólume, enquanto que com a mesma força, ao mesmo tempo e no mesmo lugar, era castigado o culpado. Ao comando de Moisés todo tipo de água se converteu em sangue para o Egito, ao ponto de que também os peixes morressem por causa da densidade carnosa em que se havia transformado a água; o sangue, por outro lado, voltava a se converter em água para os hebreus, quando a tomavam. Aqui os magos reaparecem para simular, na água que tinham os hebreus, a aparência de sangue (Ex 7, 20-22). Sucedeu o mesmo com as rãs que invadiram o Egito: sua aparição até uma proliferação de tal magnitude não pode ser avaliada como uma conseqüência da natureza, mas que o comando dado à espécie das rãs modificou a natureza conhecida destes animais. Todo o Egito foi atormentado por estes animais que invadiram inclusive as casas, enquanto a vida dos hebreus se mantinha limpa dessas coisas repugnantes (Ex 7, 25-29). Da mesma forma, a atmosfera não permitia aos egípcios nenhuma distinção entre a noite e o dia; permaneciam em um obscuridade uniforme, enquanto para os hebreus, nas mesmas circunstâncias, nada havia mudado em relação ao habitual. E do mesmo modo com relação a todas as demais coisas: o granizo, o fogo, os mosquitos, as pústulas, as moscas, a nuvem de gafanhotos. Cada uma, segundo sua própria natureza, feriu os egípcios; os hebreus, ao contrário, sabiam do sofrimento de seus vizinhos por rumores e relatos, pois não experimentaram em si mesmos o ataque dessas calamidades. Depois, a morte dos primogênitos fez mais clara a diferença entre o povo hebreu e o egípcio: uns se desfaziam em lamentações pela perda dos seres mais queridos (Ex 12, 29); os outros permaneciam em total tranqüilidade e segurança, porque tinham a salvação confirmada pela aspersão do sangue e por haverem marcado as portas com sangue, como senha, em cada um dos lados das ombreiras e no montante que as unia (Ex 10, 21-23). Depois disso, enquanto os egípcios estavam abatidos pelo desastre dos primogênitos e choravam sua desgraça, solitários ou todos juntos, Moisés começou a dirigir o êxodo dos israelitas,

após haver advertido que levassem consigo, como empréstimo, a riqueza dos egípcios. Quando já se passavam três dias de caminho fora do Egito – conta-nos a história – pareceu insuportável ao Egípcio que Israel não permanecesse na escravidão e, havendo mobilizado todos os seus súditos para a guerra, correu atrás do povo com sua cavalaria. Este, quando viu o arrancar da cavalaria e da infantaria, sendo inexperiente nas artes da guerra e estando pouco acostumado a estes espetáculos, deixou-se levar imediatamente pelo medo e rebelou-se contra Moisés. A história conta também este feito paradoxal de Moisés: que sua atividade foi dupla. Com efeito, com a voz e a palavra dava ânimo aos israelitas e os exortava a ter boas esperanças, e ao mesmo tempo apresentava a Deus suas súplicas em seu coração em favor daqueles que se encontravam em tal apuro, e era instruído por meio do conselho divino sobre como poderia fugir de tal perigo (Ex 12, 31-14, 5). Pois Deus mesmo, como conta a história, escutava sua voz silenciosa. Uma nuvem guiava o povo por virtude divina, não por sua própria natureza. Sua substância, com efeito, não era formada por alguns vapores ou exalações como resultado de que o ar se houvesse feito mais denso por causa de substância úmida e de sua compressão pelos ventos, mas era algo muito maior e que excedia a compreensão humana. Como atesta a Escritura, aquela nuvem era um prodígio tal que, quando os raios do sol brilhavam abrasadores, se convertia em uma proteção para o povo, fazendo sombra para os que estavam em baixo e umedecendo o calor excessivo do ar com uma água fina; durante a noite se transformava em fogo, iluminando os israelitas com o resplendor de sua própria luz desde o entardecer até o nascimento do dia (Ex 13, 21-23).

Capítulo 4

Moisés olhava para a nuvem e ensinava o povo a seguir este fenômeno. Então chegaram ao mar Vermelho. Ali, enquanto a nuvem dirigia a marcha, as tropas dos egípcios cercaram completamente o povo por traz, sem lhe deixar possibilidade de escapar por nenhuma parte, encurralado entre seus terríveis inimigos e o mar. Foi então que Moisés, reconfortado com a força divina, fez o mais incrível de tudo. Tendo se aproximado da margem, golpeou o mar com seu bastão. O mar se fendeu com o golpe. E, como costuma acontecer com o vidro que começando a se rachar em uma parte a fenda chega diretamente até o outro extremo, assim, fendido todo aquele mar em uma extremidade pelo bastão, a fenda das ondas se estendeu até a margem oposta. Onde o mar se havia dividido, Moisés desceu até o fundo; junto com todo o povo, estava nas profundezas, com o corpo enxuto e iluminado pelo sol. No fundo seco do mar, atravessou a pé os abismos, sem temer aquela muralha de ondas que se haviam formado de um lado e de outro: uma fortificação reta, feita dos lados deles, da solidificação do mar (Ex 14, 19-22). Porem, quando o Faraó entrou com os egípcios no mar pelo caminho aberto recentemente entre as ondas, as águas se uniram novamente com as águas; o mar fechando-se sobre si mesmo segundo sua forma primitiva, mostrou a superfície da água novamente unida, enquanto os israelitas, na margem oposta, se refaziam do grande esforço de sua marcha através do mar. Então cantaram a Deus um canto de vitória por haver erguido para eles um troféu sem derramamento de sangue, posto que os egípcios haviam sido aniquilados sob as águas com todo seu exército, seus cavalos, seus carros e suas armas (Ex 14, 26-15, 21). Depois disto, Moisés continuou avançando e, após haver percorrido durante três dias um caminho sem água, encontrou-se em grandes dificuldades ao não ter como saciar a sede do exército. Havia uma lagoa de água salobra, mais amarga que a água do mar, ao redor da qual acamparam. Estavam ali sentados em torno da água, devorados pela ânsia de água. Moisés, impelido por uma inspiração divina, tendo encontrado um pedaço de pau naquele lugar, atirou-o na água que, imediatamente, se converteu em potável pela própria força daquele lenho, que transformou a

natureza da água de salobra em doce (Ex 15, 22-25). Posto que a nuvem empreendesse novamente a marcha para adiante, eles se puseram também em marcha seguindo o movimento de seu guia. Faziam sempre o mesmo, parando onde a detenção da nuvem lhes dava o sinal de descanso, e empreendendo a marcha precisamente quando a nuvem recomeçava a guia- los. Seguindo este guia, chegaram a um lugar regado por água potável, banhado generosamente por doze fontes e que recebia a sombra de um bosque de palmeiras. As palmeiras eram setenta. Apesar de número tão pequeno, bastavam para produzir grande admiração a quem as olhava porque eram de excepcional beleza e altura (Ex 15, 27). Tendo o guia se posto novamente em movimento, isto é, a nuvem conduz o exército dali para outro lugar. Este era um deserto de areia seca que queimava, sem uma única gota de água que umedecesse aquele lugar. Aqui o povo foi atormentado novamente pela sede. Uma pedra situada a uma certa altura, golpeada com a vara por Moisés, deu água doce e potável mais que suficiente para a necessidade do exército (Ex 17, 1-6). Ali mesmo se acabou a provisão de alimentos que haviam trazido do Egito para o caminho. O povo foi acossado pela fome e teve lugar o milagre maior de todos: o alimento não lhes brotava da terra como seria natural, mas vinha gotejado de cima, do céu, em forma de orvalho. Pois ao amanhecer do dia caía para eles um orvalho. Este orvalho se convertia em alimento para os que o recolhiam. O que caía não eram gotas líquidas de água, como ocorre normalmente com o orvalho, mas em lugar de gotas de água caíam grãos parecidos com gelo; sua forma era redonda como semente de coentro, e seu sabor parecia a doçura do mel (Ex 16, 14).

Capítulo 5

Junto com este prodígio observava-se outro. Todos os que haviam saído para a coleta eram evidentemente diferentes em idades e forças. Não obstante, não obtinha um mais e o outro menos conforme a diferença de forças existente entre eles, mas o que era recolhido era proporcional à necessidade de cada um, de forma que nem o mais forte conseguia mais, nem o mais fraco tinha menos do que a medida justa. Alem deste prodígio, a história narra outro: cada um recolhia para o dia e não guardava nada para depois, e se alguém, por economia, reservava algo do alimento do dia para o amanhã, o reservado se tornava inútil para a alimentação, pois se tornava infectado de bichos (Ex 16, 16 –24). Na história desse alimento deu-se também este outro prodígio. Uma vez que um dia da semana era celebrado com o descanso conforme uma disposição antiga, no dia anterior, embora caísse o mesmo alimento dos dias precedentes e o esforço de quem o recolhia fosse também o mesmo, resultava que a quantidade era o dobro da habitual, de forma que não tinham nenhum pretexto para não cumprir a lei do descanso. O poder divino se mostrou ainda mais plenamente nisto; enquanto as sobras se tornavam inúteis nos outros dias, só o armazenado no dia anterior ao Sábado, assim se chamava o dia de descanso, se mantinha sem corrupção, de modo que em nada parecia mais estragado em relação à véspera (Ex 16, 25- 30). Houve uma guerra deles contra um povo estrangeiro. A narração chama amalecitas aos que se uniram então contra eles. Foi naquela ocasião que os israelitas se organizaram pela primeira vez no sentido de batalha: não foram lançados à luta todos em um exército completo, mas foram selecionados por seu valor, e os escolhidos foram designados para a peleja. Nesta peleja Moisés mostrou uma nova forma de luta: enquanto Josué, que era quem guiava o povo depois de Moisés, comandava a batalha aos amalecitas, Moisés, fora da luta, a partir de uma colina, olhava para o céu enquanto, de um lado e de outro, o assistiam dois de seus familiares (Ex 17, 8-10). Sabemos pela história que, entre as coisas que então aconteceram, teve lugar este prodígio: Se Moisés mantinha as mãos elevadas ao céu, seu exército cobrava forças contra os inimigos: porem, se os abaixava, também o

exército cedia ao assalto dos estrangeiros. Ao perceberem isto, os que assistiam a Moisés, colocando-se de um lado e de outro, sustentavam-lhe as mãos quando por alguma causa desconhecida elas se tornavam pesadas e difíceis de se mover. E como eles eram fracos para mantê-lo em posição ereta, escoraram sua posição com uma pedra, e conseguiram que Moisés mantivesse as mãos levantadas ao céu com este apoio. Feito isto, os estrangeiros foram dominados pelas forças dos israelitas (Ex 17, 11-13). A nuvem que guiava o caminhar do povo permanecia no mesmo lugar; era preciso que também não se movesse o povo, já que não havia guia para seu caminhar. Desta forma tinham abundância para viver sem esforço: acima o ar fazia chover sobre eles um pão preparado; e abaixo a pedra lhes proporcionava água; a nuvem aliviava os inconvenientes do ar livre, pois durante o dia se convertia em anteparo contra o calor do sol e durante a noite dissipava a escuridão iluminando com seu fogo. Por esta razão não lhes era penoso deter-se naquele deserto ao pé do monte em que se havia instalado o acampamento.

Capítulo 6

Neste tempo, Moisés foi para eles guia de uma iniciação mais misteriosa: foi propriamente a força divina que, por meio de prodígios que superam todos os discursos, iniciou no mistério todo o povo e seu guia. A iniciação no mistério realizou-se desta maneira: pediu-se ao povo que permanecesse livre de todas as manchas que podem ocorrer no corpo e na alma, e que se abstivesse de relações conjugais durante o número estabelecido de três dias, de forma que, purificados de toda disposição passional e corporal, se aproximassem da montanha, livres de paixões para serem iniciados. O nome desta montanha era Sinai. Só se permitia o acesso aos seres racionais, e só àqueles que estavam purificados de toda mancha. Havia completa vigilância e precaução para que nenhum dos seres irracionais subisse à montanha, e para que fosse apedrejado pelo povo todo ser irracional que desejasse vir à montanha (Ex 19, 1-15).

Capítulo 7

O espetáculo não só produzia espanto na alma através dos olhos, mas também infundia terror através dos ouvidos, pois um ruído estrondoso se difundia do alto para todos os que estavam abaixo. Sua primeira escuta já era penosa e insuportável para todo ouvido, pois parecia o troar das trombetas, porem superava toda comparação pela intensidade e pelo terrível ruído; ao aproximar-se tornava-se ainda mais espantoso a aumentar sempre seu ruído. Tratava-se de um ruído articulado: o ar, pelo poder divino articulava a palavra sem órgãos vocais. Esta palavra não era pronunciada sem substância, mas promulgava mandatos divinos. A palavra crescia em intensidade na medida em que alguém avançava, e a trombeta ultrapassava a si mesma, superando sempre os sons já emitidos com os que se seguiam (Ex 19, 19). Todo o povo era incapaz de suportar o que via e ouvia. Por esta razão apresentaram todos uma súplica a Moisés: que fosse mediador da lei, pois o povo não se negaria a crer que era mandato divino tudo o que ele lhes mandasse conforme a instrução recebida do alto. Havendo todos descido novamente ao pé da montanha, Moisés foi deixado só e mostrou em si mesmo o contrario do que poderia parecer natural. De fato, enquanto os demais suportam melhor as situações temíveis se estão todos juntos, este se fez mais animado quando se afastou dos que o acompanhavam, manifestando assim que o medo que experimentara no início não era próprio dele, mas que o havia padecido por padecer juntamente com aqueles que estavam assustados. Moisés, livre da covardia do povo como de uma carga, fica só consigo mesmo. È então que enfrenta as trevas e penetra dentro das realidades invisíveis, desaparecendo da vista dos que olhavam. Com efeito, havendo entrado no santuário do mistério divino, ali, sem ser visto, entra em contato com o invisível, penso que ensinando com isto que quem quiser se aproximar de Deus deve afastar-se de todo o visível e como quem está sobre um monte, levantando sua mente para o invisível e incompreensível, crer que a divindade está ali onde a inteligência não alcança. Chegando ali, recebe os mandamentos divinos (Ex 20, 1-17). Estes consistiam em um ensinamento sobre a virtude, cujo ponto principal é a piedade e ter uma concepção

acertada sobre a natureza divina, isto é, que esta transcende todo o conceito e toda a representação, sem que possa ser comparada com nenhuma das coisas conhecidas. De fato, ele recebe a ordem de não considerar em sua reflexão sobre a Divindade nenhuma das coisas compreensíveis, e de não comparar a natureza que a tudo transcende a nenhuma das coisas conhecidas por meio de conceitos, mas apenas crer que existe e deixar sem investigar, como algo inacessível, como é, quão grande seja, onde está, qual é sua origem. A palavra divina acrescenta a isto as orientações que concernem aos costumes, finalizando seus ensinamentos com preceitos gerais e particulares. È geral a lei que proíbe toda a injustiça quando diz que é necessário comportar-se em relação ao próximo com amor, pois, ao observá-la, resultará como conseqüência que ninguém causará nenhum mal a seu próximo. Entre as leis particulares, está prescrito o honrar os progenitores, e se encontra enumerado o catálogo das faltas condenadas (Ex 21-23). Como se sua inteligência tivesse sido purificada com estes preceitos, Moisés avança a uma mistagogia ao lhe mostrar o poder divino, o conjunto de uma tenda de campanha. Esta tenda era um santuário cuja beleza era de uma variedade impossível de explicar: os vestíbulos, as colunas, os tapetes, a mesa, as lâmpadas, o altar dos perfumes, o altar dos holocaustos e o propiciatório; e, no interior do Santo, o impenetrável e inacessível. Para que a beleza e a disposição de todas estas coisas não fugissem de sua memória, e para que esta maravilha fosse mostrada também aos que estavam no pé do monte, ele recebe a ordem de não confiá-lo à simples escritura, mas de imitar em uma construção material aquela obra imaterial, utilizando nela os materiais mais preciosos e esplêndidos que se encontram sobre a terra.

Capítulo 8

Entre estes, o ouro, o mais abundante, revestia todo o perímetro das colunas; a prata era utilizada junto com o ouro paras adornar os capitéis e as bases das colunas com a finalidade – isto é o que penso – de que com a diferença de cor em cada lado, o ouro brilhasse mais ao ser contemplado. Havia também lugares em que se julgou útil o material de bronze para que servisse de capitel e de base para a parte de prata das colunas (Ex 25, 1-22). Os véus, os tapetes, os arredores do templo e o toldo estendido sobre as colunas, todas estas coisas estavam realizadas convenientemente, cada uma tecida com a sabedoria da arte do tecelão e feita da matéria apropriada. Algumas telas tinham a cor de jacinto e púrpura, o flamejar do rubro vermelhão, o esplendor do algodão em sua forma natural e sem artifício: outras eram feitas de linho, e outras de crinas, segundo o uso dos tecidos. Em alguns lugares haviam sido colocadas, para adorno das tendas, peles cuidadosamente tingidas de vermelho (Ex 26, 1 – 4). Após sua descida do monte, Moisés fez com que alguns artesãos construíssem estas coisas conforme o modelo da construção que lhe tinha sido mostrado. Também quando se encontrava naquele templo não feito por mão de homem, lhe foi prescrito com que ornamentos era necessário que o sacerdote estivesse ataviado ao entrar no santuário; a palavra lhe deu instruções no que concerne tanto à vestimenta interior como à exterior. As peças destes ornamentos começam pelo que é mais exterior, não pelo que está oculto. O peitoral era bordado de diversas cores, o mesmo para o véu, porem tinha ainda um fio de ouro com broches de ambos os lados que prendiam o peitoral e nos quais haviam esmeraldas engastadas em circulo por meio do ouro. A beleza destas pedras provinha do esplendor próprio de sua natureza – que reluzia com raios verde-mar que emanavam dela – e do prodígio da arte com que haviam sido talhadas. Não se tratava dessa arte que executa um talhado para reproduzir a imagem de alguns ídolos, mas a beleza provinha dos nomes dos patriarcas gravados nas pedras, seis em cada uma (Ex 28, 6-12). Haviam pendurado pequenos escudos na parte da frente; as correntes se desdobravam entrelaçadas entre si com certa alternância como um cordão, e desciam de cada lado desde cima, desde os

broches, com o fim – assim penso – de que resplandecesse mais a beleza do trançado, realçado pelas coisas que se encontravam abaixo (Ex 28, 13-14). Depois aquele ornamento tecido de ouro era colocado diante do peito, no qual havia pedras de diversas classes em número igual ao dos patriarcas, ordenadas em quatro filas, com três pedras incrustadas em cada uma, que levavam escritos os nomes das tribos. A túnica que havia em baixo do peitoral descia do colo até as pontas dos pés, adornada nobremente com franjas pendentes. A borda inferior não só era trabalhada formosamente com variedade de tecido, como também com adornos de ouro. Estes consistiam em campainhas de ouro e romãs colocadas alternadamente ao longo da fímbria (Ex 28, 15-35). Logo a mitra da cabeça era toda violeta; a lâmina da frente, de ouro puro, gravada com um sinal inefável. E, alem disso, o cíngulo, que cingia as pregas da túnica, e a finura das vestes íntimas, e tudo o que por meio da beleza dos vestidos se ensinava simbolicamente sobre a virtude sacerdotal (Ex 28, 36-40). Moisés, depois de envolvido por aquelas trevas que o faziam invisível, foi instruído em relação a estas coisas e a outras parecidas por inefável ensinamento de Deus, chegando, pela aquisição de doutrinas secretas, a ser maior que ele mesmo; então sai novamente das trevas e desce até sua gente para fazê-los partícipes das maravilhas que lhe haviam sido mostradas na teofania, estabelecer as leis e instituir para o povo o templo e o sacerdócio conforme o modelo que lhe havia sido mostrado no monte. Levava também em suas mãos as tábuas sagradas, que eram iniciativa e presente divino, cuja fabricação não tivera ajuda humana, pois a matéria e o que havia escrito nelas eram igualmente obra de Deus. O que estava escrito era a Lei. Porem o povo resistiu à graça e se extraviou na idolatria antes que o Legislador voltasse (Ex 32, 15-16).

Capítulo 9

Naquela divina mistagogia, Moisés havia passado em conversação com Deus um tempo não pequeno e, sob as trevas, havia participado daquela vida eterna durante quarenta dias com suas noites (Ex 24, 18), e havia estado fora de sua própria natureza. Durante aquele tempo, com efeito, não necessitou de alimento para seu corpo. Então, como um menino que se encontra longe da vista de seu professor, o povo se deixou levar pela desordem de seus impulsos desenfreados e, reunindo-se em torno de Aarão, o forçaram a ele, que era o sacerdote, a que os conduzisse à idolatria (Ex 32, 1-9). Tendo feito um ídolo de ouro, o ídolo era um bezerro, se entregaram à impiedade. Quando Moisés volta a eles, quebra as tábuas que traz em nome de Deus, para que eles, privados da graça que Deus lhes havia preparado, recebam um castigo digno de seu pecado (Ex 32, 19). Faz então com que seja expiado o sacrilégio diante dos levitas com o sangue do povo. Havendo aplacado a divindade com seu zelo contra os estrangeiros e tendo destruído o ídolo, depois de outro período de quarenta dias, traz novamente as tábuas, escritas pelo poder divino, porem cuja matéria havia sido preparada pelas mãos de Moisés (Ex 32, 25-29). Ele as traz, depois de haver saído outra vez dos limites da natureza pelo mesmo número de dias, levando um modo de vida diferente daquele que nos é conhecido, já que não dava a seu próprio corpo nada do que necessitava a natureza para sustentar-se por meio de alimento (Ex 34, 1-28).

Capítulo 10

Assim lhes construiu a tenda e lhes transmitiu as leis, estabelecendo o sacerdócio conforme o que lhe havia sido ensinado por Deus. Depois fez que se realizassem os trabalhos materiais conforme a instrução divina: a tenda, os vestíbulos, todas as coisas interiores, o altar de incenso, o altar dos holocaustos, o lampadário, os tapetes, as cortinas, o propiciatório no interior do santuário, os ornamentos sacerdotais, os perfumes, os diversos sacrifícios, as purificações, os ritos de ação de graças, de impetração contra os males, de expiação dos pecados; tendo ordenado todas estas coisas da maneira devida, suscita contra si a inveja de seus íntimos, essa enfermidade tão familiar à natureza dos homens. De fato, tanto Aarão, honrado com a dignidade do sacerdócio, como também sua irmã Maria, movida por uma inveja especificamente feminina contra a honra que Deus havia dado a ele, disseram coisas que moveram Deus a castigar este pecado. Nesta ocasião, Moisés se mostrou digno de admiração por sua mansidão, pois enquanto Deus queria castigar a ilógica inveja, ele antepunha a natureza à cólera e intercedia perante Deus por sua irmã (Nm 12, 1-13). A plebe se entregou novamente à desordem. O começo do pecado foi a desmedida nos prazeres do ventre. Não lhes bastava viver saudável e agradavelmente do alimento que lhes vinha de cima, mas o desejo de iguarias e a ânsia de comer carne os fizeram preferir a perpétua escravidão do Egito aos bens que já tinham. Moisés falou com Deus a respeito da paixão que se havia abatido sobre eles, e este, ao lhes conceder alcançar precisamente aquilo que desejavam, os ensinou que não era conveniente se comportar assim. De fato, de improviso fez cair no acampamento uma multidão de pássaros que voavam em grande número a rés do solo, com o que facilmente caçados saciou o desejo dos que ansiavam por carne fresca (Nm 11, 4-6 e 31-32). Para uma grande parte deles, o excesso de comida transformou o equilíbrio dos humores de seus corpos em vômitos corrompidos, e a saciedade se converteu em enfermidade e morte. Seu exemplo foi suficiente para levar a temperança a eles mesmos e aos que os assistiam (Nm 11, 33-34). Então Moisés enviou exploradores àquela região que, segundo a promessa divina, esperavam habitar. Como nem todos contaram a verdade, mas alguns

deram notícias falsas e más, o povo se encheu de ira contra Moisés mais uma vez. Aqueles que desconfiaram da ajuda divina, Deus castigou não lhes deixando ver a terra que lhes havia prometido (Nm 13, 1-14, 38). Ao prosseguir sua marcha através do deserto, faltou novamente a água e, juntamente com ela, lhes faltou a lembrança do poder de Deus. Na verdade, o prodígio da rocha que já havia tido lugar, não lhes foi suficiente para crer que nada do necessário lhes faltaria agora, mas, afastando-se das mais saudáveis esperanças, propalaram ultrajes contra Deus e contra Moisés até o ponto em que mesmo Moisés pareceu se deixar levar pela desconfiança do povo. Não obstante, novamente realiza o milagre transformando em água aquela rocha bruta (Nm 20, 2-11). Mais uma vez, o prazer vulgar da comida despertou neles o desejo de fartar-se e, embora ainda não lhes faltasse nenhuma das coisas necessárias para a vida, sonharam com a saciedade do Egito. Os jovens rebeldes foram corrigidos com castigos mais severos, ao lhes inocular veneno as serpentes mordendo-os em um ataque mortal (Nm 21, 4-6). Posto que um após outro sucumbiam à serpente, o Legislador, movido pelo conselho divino, fez uma figura de serpente em bronze e mandou colocá-la no alto para que estivesse à vista de todo o acampamento. E assim deteve o dano que estes animais faziam ao povo, e pôs fim a sua destruição. Com efeito, quem olhava para a imagem da serpente feita de bronze não tinha porque temer nenhuma mordida da serpente verdadeira, porque o olhar debilitava o veneno com uma misteriosa resistência (Ex 21, 7-9).

Capítulo 11

Como mais uma vez se originasse no povo uma rebelião para conseguir o poder, e alguns tentassem pela força que fosse transferido para eles o sacerdócio, ele suplicou uma vez mais a Deus pelos que pecavam, porem o rigor do juízo divino foi mais forte que a compaixão de Moisés por sua gente. A terra, que por vontade divina se abrira como uma boca, fechou-se novamente sobre si mesma, tragando totalmente todos os que se opunham a autoridade de Moisés; aqueles que se haviam envolvido em intrigas para alcançar o sacerdócio, devorados pelo fogo em número próximo de duzentos e cinqüenta, com sua desgraça ensinaram sensatez ao povo (Nm 16, 1-35). Para que os homens se persuadissem mais de que a graça do sacerdócio é concedida por Deus aos que são dignos, Moisés fez com que os homens principais de cada tribo trouxessem bastões, marcados cada um com o sinal de seu dono. Entre estes se encontrava o do sacerdote Aarão. Tendo colocado os bastões diante do santuário, neles mostrou ao povo o desígnio de Deus no que diz respeito ao sacerdócio: dentre todos, somente o báculo de Aarão floresceu e produziu fruto do lenho, - o fruto era uma noz -, e o levou ao amadurecimento (Nm 17, 16-24). Mesmo para os que não criam pareceu um enorme prodígio que o que estava seco, sem casca e sem raiz, se tornasse fértil de repente, e que realizasse o que realizam as plantas com raízes, fazendo, o poder divino, para o lenho as vezes da terra, córtex, umidade, raiz e tempo. Depois disto Moisés, guiando o exército entre povos estrangeiros que se opunham à sua passagem, promete com juramento que o povo não atravessaria suas lavouras nem seus vinhedos, mas que seguiria o caminho real, sem desviar-se nem para a direita nem para a esquerda. Como nem assim se aquietassem os inimigos, vencendo seu adversário em combate, faz-se dono do caminho (Nm 20, 17). Então certo Balac, que dominava sobre o povo mais importante, -madianitas era o nome desse povo-, compadecido da sorte dos vencidos e imaginando que padeceria as mesmas coisas por parte dos israelitas, não leva em sua ajuda nenhum contingente de armas ou de pessoas, mas a arte da magia através de certo Balaam, o qual tinha fama de ser versado nestas coisas e, segundo a convicção daqueles que o haviam procurado, tinha certo poder nesta

atividade. Sua arte era a da adivinhação, porem com a ajuda dos demônios era temível, fazendo cair males incuráveis sobre os homens com poder mágico (Nm 22, 2-8). Este, enquanto segue aos que o conduzem ao rei do povo, conhece pela voz da jumenta que o caminho não lhe seria favorável. Depois conhecendo por uma visão o que devia fazer, descobriu que sua magia era demasiado débil para causar dano àqueles que estavam acompanhados por Deus na luta. Balaam possuído pela inspiração divina em lugar da energia dos demônios, disse palavras tais que claramente são uma profecia das melhores coisas que lhes sucederia mais adiante aos israelitas. Ao ser impedido de utilizar sua arte para o mal, tomando então consciência do poder divino, afastou-se da adivinhação e se fez intérprete da vontade divina (Nm 22, 22-24). Depois disto, os estrangeiros foram exterminados pelo povo em um combate contra eles; este por sua vez resultou vencido pela paixão da incontinência pelas cativas. Finéias atravessou com uma só lança aos que estavam entrelaçados na ignomínia; então teve descanso a cólera de Deus contra aqueles que se haviam deixado arrastar às uniões ilícitas (Nm 25, 1-9). Finalmente, o Legislador, subindo a um monte e contemplando de longe a terra que estava preparada para Israel segundo a promessa feita por Deus aos pais, abandonou a vida humana sem haver deixado sobre a terra nenhum sinal, nem uma recordação de seu trânsito com algum monumento funerário. O tempo não havia maltratado sua formosura, nem havia obscurecido o fulgor de seus olhos, nem havia debilitado a graça resplandecente de seu rosto (Dt 34,1-7), mas permaneceu sempre idêntico a si mesmo e, desta forma, conservou, mesmo na maturidade, a imutabilidade na beleza. Expus para ti em grandes traços quanto aprendemos sobre a história do homem em seu sentido literal, ainda que também tenhamos alargado necessariamente o discurso naquelas coisas em que de algum modo havia razão para isso. Talvez já seja tempo de aplicar a vida que acabamos de recordar ao objetivo a que nos propusemos em nosso discurso com o fim de obter alguma utilidade para a vida virtuosa. Retomemos pois o começo do relato desta vida.

Segunda Parte

Capítulo 1

Moisés nasceu precisamente quando o tirano havia ordenado matar os varões (Ex 1, 16). Como o imitaremos com nossa livre escolha as circunstâncias do nascimento deste homem? Não está em nosso poder – dirá seguramente alguém – comparar aquele ilustre nascimento com nosso nascimento. Não obstante, não é difícil começar a imitação por aquilo que parece mis inacessível. Pois quem desconhece que todo o ser que está sujeito à mudança nunca permanece idêntico a si mesmo, mas que continuamente passa de um estado a outro, pois a mudança sempre se opera para melhor ou para pior? Apliquemos isto ao nosso assunto. O feminino da vida, aquele que o tirano quer que sobreviva, é a índole material e passional a que é conduzida, ao escorregar, a natureza humana; por outro lado, o renovo varonil é o impetuoso e forte da virtude, que é hostil ao tirano e que a este resulta suspeito de rebelião contra seu poder. É necessário que aquele que é submetido a mudança seja de algum modo gerado constantemente, pois na natureza mutável não há nada que permaneça totalmente idêntico a si mesmo. Alem disso, ser gerado deste modo não provem de um impulso exterior, à semelhança dos que geram corporalmente o que não prevêem, senão que este nascimento tem lugar por nossa livre escolha. Somos, de certa forma, nossos pais: geramos a nós mesmos de acordo com o que queremos ser. Mediante a livre escolha, nos adaptamos ao modelo que escolhemos: varão ou fêmea, virtude ou vicio. Por esta razão, apesar da hostilidade e do desgosto do tirano, nos é possível chegar à luz com um nascimento mais nobre, e ser contemplados com agrado pelos pais deste parto formoso, estes pais da virtude seriam os pensamentos, e permanecer na vida mesmo que isto seja contrário à intenção do tirano. Se partindo da história colocássemos mais em evidência seu sentido íntimo, o discurso ensinaria isto: que no começo da vida virtuosa se encontra o nascer que provoca tristeza ao inimigo,

referindo-me a esta forma de nascimento em que o livre arbítrio faz o papel de parteira. Pois ninguém causa tristeza ao inimigo se não mostra já, em si mesmo, sinais que dão testemunho de sua vitória sobre ele. Pertence exclusivamente ao livre arbítrio dar a luz a este rebento varonil e virtuoso e mantê-lo com alimentos convenientes, assim como também prover a que se salve incólume da água. Aqueles que entregam seus filhos ao tirano, os expõem nus e sem proteção à corrente. Chamo corrente à vida agitada com sucessivas paixões; o que cai nesta corrente, afundando, submerge nela e se afoga. Os sábios e providentes pensamentos, que são os pais deste filho varão, quando a necessidade da vida os obriga a depositar seu bem descendente nas ondas da vida, protegem aquele que põem na corrente em uma cesta para que não se afunde. Essa cesta, tecida com fibras diversas, é a educação, tecida por sua vez com diversas disciplinas; sobre as ondas da vida, ela manterá flutuando aquele que leva (Ex 2, 3). Graças a ela, este não vagueará muito na agitação das águas, levado de um lado para outro pelo movimento das ondas, mas tendo chegado à estabilidade da terra firme, isto é, tendo saído da agitação da vida, será empurrado para o estável pelo impulso mesmo das águas. A experiência também nos ensina isto: que a instabilidade e mudança constante dos negócios deixam longe de si aqueles que não estão imersos nos enganos humanos, considerando uma carga inútil os que lhes são nocivos por sua virtude. Quem conseguir permanecer fora destas coisas, que imite Moisés e não evite lágrimas, embora se encontre protegido em uma arca. As lágrimas, com efeito, são proteção segura para os que se salvam através da virtude. E se a mulher sem filhos e estéril, que é filha do rei, penso que ela representa propriamente a sabedoria pagã, fazendo passar por seu o recém-nascido, tenta ser chamada mãe deste, a palavra aceita que não se recuse o parentesco desta pretendida mãe contanto que se considere nela o imperfeito da idade. Porem quem corre para cima, para o alto – como sabemos de Moisés – experimenta a vergonha de ser chamado filho de quem é estéril por natureza. A cultura pagã é verdadeiramente estéril, sempre grávida, porem sem jamais dar a luz em um parto. Pois após seus grandes períodos de gravidez, que fruto pode mostrar a filo que seja digno de tais e tantos esforços? Acaso não são todos vazios e imaturos, abortados antes de chegar à luz do conhecimento de

Deus, podendo haver chegado talvez a homens se não tivessem estado completamente fechados no sentido de uma sabedoria estéril?

Capítulo 2

Portanto, quando alguém tiver convivido com a rainha dos egípcios, embora não pareça excluído de suas magnificências, deve correr àquela que é a mãe por natureza, da qual Moisés não se separou no tempo de sua infância junto da rainha, uma vez que foi amamentado, como conta a história, com o leite materno. Isto ensina, a meu ver, que se no tempo de nossa educação convivermos estreitamente com os pensamentos pagãos, devemos não nos separar do leite da Igreja que nos alimenta. O leite são os preceitos e costumes da Igreja, com os quais a alma se alimenta e se fortifica, tomando daqui o ponto de partida para subir ao alto. É verdade que o pensamento de quem presta atenção aos ensinamentos pagãos e aos ensinamentos pátrios se encontrará entre dois inimigos (Ex 11, 12). O pensamento religioso estrangeiro resiste à palavra hebréia, disputando continuamente para aparecer mais forte que a de Israel. E assim pareceu a muitos dos mais superficiais, os quais, abandonando a fé paterna, se misturaram com os inimigos, convertidos em transgressores dos ensinamentos de seus pais. Porem quem é grande e nobre, seguindo o exemplo de Moisés, mostra com seu golpe de lança que é alma morta a doutrina que se levanta contra o discurso da verdade. Interpretando esta passagem de forma diversa, talvez alguém encontre esta luta dentro de nós. O homem se encontra, como o troféu de um certame, no meio daqueles competidores que o pretendem; faz vencedor do certame àquele a quem se inclina. Assim ocorre com a idolatria e o culto verdadeiro a Deus, a intemperança e a moderação, a justiça e a injustiça, a soberba e a humildade, e todas as coisas que se subentendem contrapostas na luta aberta de egípcio contra hebreu. Moisés nos ensina aqui com seu exemplo, a ajudar a virtude como a alguém da própria estirpe, e a repelir o adversário que a ataca. De fato, o triunfo da piedade é, ao mesmo tempo, morte e aniquilação da idolatria. Da mesma forma, a injustiça é destruída com a justiça, e mata-se a soberba com a humildade. A contenda entre os dois compatriotas tem lugar também entre nós (Ex 2, 13). Com efeito, não existiriam as invenções doutrinais das perversas heresias se não lutassem,

em blocos contrapostos, as argumentações erradas contra as verdadeiras. E se somos demasiado débeis para dar por nós mesmos o triunfo ao que é justo, e o mal prevalece com seus argumentos e repele o primado da verdade, temos que fugir disto o mais rapidamente possível, partindo do exemplo da história de Moisés (Ex 2, 15) até um ensinamento melhor e mais sublime dos mistérios. E se for necessário viver de novo no estrangeiro, isto é, se houver uma necessidade que nos force a tratar com a filo pagã, façamo-lo depois de haver afastado os perversos pastores do uso injusto dos poços (Ex 2, 17), isto é, depois de haver refutado os mestres da maldade pelo mau uso da educação. Deste modo viveremos a sós com nós mesmos, sem chegar às mãos dos adversários ou nos colocar no meio deles, mas viveremos na companhia dos que estão apascentados por nós, iguais no sentir e no pensar: de todos os movimentos da alma que existe em nós, como ovelhas apascentadas pelo querer da razão que é a que dirige. E quando estivermos dedicados a esta paz e a este pacífico repouso, então brilhará a verdade, enchendo de luz com seus próprios fulgores os olhos da alma. Deus mesmo é a verdade que se manifestou então a Moisés através daquela inefável iluminação.

Capítulo 3

Nem sequer o fato de que o resplendor que ilumina a alma do profeta se ascende de um arbusto de espinhos (Ex 3, 1-6) é inútil em nossa busca. De fato, se Deus é a verdade (Jo 14, 6; 8, 12), e a verdade é luz, e a palavra do Evangelho utiliza estes nomes sublimes e divinos para o Deus que se nos manifestou através da carne, conclui-se que este caminho da virtude nos conduz ao conhecimento daquela luz, que desceu até a natureza humana, que não brilha com a luz que se encontra nos astros para que não se pense que seu resplendor provem da alguma matéria que ali está oculta, mas sim com a luz de uma sarça da terra, que com seus resplendores ilumina mais que todos os astros do céu. Esta passagem nos ensina o mistério da Virgem: a luz da divindade, que graças a seu parto, ilumina a vida humana, guardou incorrupta a sarça que ardia sem que a flor da virgindade se secasse no parto. Com esta luz aprendemos o que devemos fazer para permanecer dentro dos resplendores da luz verdadeira: que não é possível correr com os pés calçados até aquela altura da qual se contempla a luz da verdade, mas que é necessário despojar os pés da alma de seu invólucro de peles, morto e terreno, com o qual foi revestia a natureza no princípio, quando fomos despidos por causa da desobediência à vontade divina (Gn 3, 21). Se fizermos isto, seguir-se-á o conhecimento da verdade, pois ela manifestará a si mesma, já que o conhecimento do que é, se converte em purificação da opinião em relação ao que não é. A meu ver, esta é a definição da verdade: não errar no conhecimento do ser. O erro é uma ilusão que se produz no pensamento a respeito do que não é, como se o que não existe tivesse consistência, enquanto a verdade é um conhecimento firme do que verdadeiramente existe. E desta forma alguém, depois de ter passado muito tempo em solidão embebido em altas meditações, conhecerá com esforço o que é verdadeiramente existente – aquilo que tem ser por sua própria natureza -, e o que é o não existente, isto é aquilo que tem ser só em aparência, ao ter uma natureza que não subsiste por si mesma (Ex 3, 14). Julgo que o grande Moisés, instruído pela teofania, compreendeu então que fora da causa suprema de tudo, na qual tudo tem consistência, nenhuma das coisas que são captadas com os

sentidos e que se conhece com o pensamento tem consistência no ser. De fato, ainda que a mente considere diversos aspectos nos seres, o pensamento não vê nenhum deles com tal suficiência que não necessite em nada de outro, isto é, com tal suficiência que lhe seja possível existir sem participar do ser. O que sempre é de igual forma, aquele que nem cresce e nem diminui, aquele que não se move a nenhuma mudança, nem para melhor ou para pior, este é, na verdade, alheio ao pior e não há nada melhor que ele; aquele que é participado por todos e que não fica diminuído com esta participação: este é o que verdadeiramente existe e cuja contemplação é o conhecimento da verdade.

Capítulo 4

Moisés chegou então a isto, e agora chega também todo aquele que, seguindo seu exemplo, despoja a si mesmo de sua envoltura terrena e olha para a luz que sai da sarça, isto é, o raio de luz que nos ilumina através da carne cheia de espinhos, que é, como diz o Evangelho, a luz verdadeira (Jo 1, 19) e a verdade (Jo 14, 6). Então este chega a ser capaz de prestar ajuda aos demais no sentido da salvação, de destruir a tirania daquele que domina com artes más, e de encaminhar à liberdade os que estão debaixo da tirania de perversa escravidão. A transformação da mão direita e a mudança do bastão em serpente (Ex 4, 3-7) são o começo dos prodígios. Parece-me que nestes prodígios se dá a entender simbolicamente o mistério da manifestação da Divindade aos homens através da carne do Senhor, graças à qual tem lugar a destruição do tirano e a libertação dos que estão oprimidos por ele. Leva-me a esta interpretação o testemunho profético e evangélico. Pois o profeta diz: Esta é a mudança da destra do Altíssimo (Sal 76, 11), como se a Divindade, considerada imutável, se houvesse mudado conforme nosso aspecto e figura por condescendência para com a debilidade da natureza humana. A mão do Legislador tomou uma cor distinta da que lhe é natural ao ser tirada do peito; voltando novamente ao peito, tornou à beleza que lhe era própria e natural. O Deus Unigênito, o que está no seio do Pai (Jo 1, 18), é a direita do Altíssimo (Sal 76, 11). Quando se manifestou a nós saindo do seio, se transformou conforme nossa forma de ser; depois de haver curado nossa enfermidade, novamente recolheu ao próprio seio, o seio da direita do Pai, a mão que havia estado entre nós e que havia tomado nossa cor. Então não tornou passível o que era de natureza impassível, mas por sua comunicação com o que era impassível transformou em impassibilidade aquilo que era mutável e passível. A transformação do bastão em serpente não há de perturbar os amigos de Cristo como se tivéssemos que harmonizar a palavra do mistério com um animal que lhe é oposto (Ex 4, 3; 7, 10 e Nm 21, 9). A verdade mesma não afasta esta imagem quando diz com a voz do Evangelho: Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim é necessário que seja levantado o Filho do homem (Jo 3, 14). O sentido é claro. Se o pai do

pecado foi chamado serpente pela Sagrada Escritura (Gn 3, 1), e o que nasce da serpente é verdadeiramente serpente, segue-se que o pecado tem o mesmo nome daquele que o gerou. Pois bem, a palavra do Apóstolo dá testemunho de que o Senhor se fez pecado por nós (2Co 5, 21), ao revestir-se de nossa natureza pecadora. O símbolo se acomoda ao Senhor como foi dito. De fato, se a serpente é pecado e o Senhor se fez pecado, a conseqüência que se segue será evidente a todos : que quem se fez pecado, se fez serpente, a qual não é outra coisa senão pecado. Se fez serpente por nós para comer e destruir as serpentes dos egípcios produzidas pelos magos. Uma vez feito isto, a serpente se transforma novamente em bastão (Ex 7, 12) com o qual são castigados os que pecam, e são aliviados os que sobem o caminho escarpado da virtude, apoiando-se no bastão da fé por meio das boas esperanças. A fé é, na verdade, a substância das coisas que se esperam (Hb 11, 1). Quem chegou ao entendimento destas coisas é como um deus em relação àqueles que, seduzidos pela ilusão material e sem substância, opõem-se à verdade e julgam coisa vã escutar falar a respeito do ser. Pois disse o Faraó : Quem é ele para que eu escute sua voz? Não conheço o Senhor (Ex 5, 2). O Faraó só julga digno aquilo que é material e carnal, as coisas que caem sob as sensações irracionais. Ao contrário, se alguém tiver sido fortalecido pela iluminação da luz, e tiver recebido tanta força e tanto poder contra os adversários, então, como um atleta convenientemente preparado por seu treinador nos varonis exercícios do esporte, se dispõe, confiante e audaz, para o ataque dos inimigos, tendo na mão aquele bastão, isto é, o ensinamento da fé, com o que há de triunfar sobre as serpentes egípcias. A mulher de Moisés, saída de um povo estrangeiro (Ex 4, 20), o acompanhará. Há algo nada desprezível da cultura pagã para nossa união com ela com a finalidade de gerar a virtude. Com efeito, a filo moral e a filo da natureza podem chegar a ser esposa, amiga e companheira para uma vida mais elevada, com a condição de que os frutos que procedem delas não conservem nada da imundície estrangeira. Pois se esta sujeira não tiver sido circuncidada e cortada ao meio até o ponto em que todo o daninho e impuro haja sido arrancado fora, o anjo que lhes sai ao encontro lhes causará um terror de morte. A mulher o aplaca mostrando-lhe seu filho purificado pela ablação do sinal pelo qual se reconhece o estrangeiro (Ex 4, 24-26). Julgo que a quem esteja iniciado na

interpretação da história será patente, por tudo que se disse, a continuidade do progresso na virtude que mostra o discurso seguindo, passo a passo, a conexão dos acontecimentos simbólicos da históriaMoisés chegou então a isto, e agora chega também todo aquele que, seguindo seu exemplo, despoja a si mesmo de sua envoltura terrena e olha para a luz que sai da sarça, isto é, o raio de luz que nos ilumina através da carne cheia de espinhos, que é, como diz o Evangelho, a luz verdadeira (Jo 1, 19) e a verdade (Jo 14, 6). Então este chega a ser capaz de prestar ajuda aos demais no sentido da salvação, de destruir a tirania daquele que domina com artes más, e de encaminhar à liberdade os que estão debaixo da tirania de perversa escravidão. A transformação da mão direita e a mudança do bastão em serpente (Ex 4, 3-7) são o começo dos prodígios. Parece-me que nestes prodígios se dá a entender simbolicamente o mistério da manifestação da Divindade aos homens através da carne do Senhor, graças à qual tem lugar a destruição do tirano e a libertação dos que estão oprimidos por ele. Leva-me a esta interpretação o testemunho profético e evangélico. Pois o profeta diz: Esta é a mudança da destra do Altíssimo (Sal 76, 11), como se a Divindade, considerada imutável, se houvesse mudado conforme nosso aspecto e figura por condescendência para com a debilidade da natureza humana. A mão do Legislador tomou uma cor distinta da que lhe é natural ao ser tirada do peito; voltando novamente ao peito, tornou à beleza que lhe era própria e natural. O Deus Unigênito, o que está no seio do Pai (Jo 1, 18), é a direita do Altíssimo (Sal 76, 11). Quando se manifestou a nós saindo do seio, se transformou conforme nossa forma de ser; depois de haver curado nossa enfermidade, novamente recolheu ao próprio seio, o seio da direita do Pai, a mão que havia estado entre nós e que havia tomado nossa cor. Então não tornou passível o que era de natureza impassível, mas por sua comunicação com o que era impassível transformou em impassibilidade aquilo que era mutável e passível. A transformação do bastão em serpente não há de perturbar os amigos de Cristo como se tivéssemos que harmonizar a palavra do mistério com um animal que lhe é oposto (Ex 4, 3; 7, 10 e Nm 21, 9). A verdade mesma não afasta esta imagem quando diz com a voz do Evangelho: Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim é necessário que seja levantado o Filho do homem (Jo 3, 14). O sentido é claro. Se o pai do

pecado foi chamado serpente pela Sagrada Escritura (Gn 3, 1), e o que nasce da serpente é verdadeiramente serpente, segue-se que o pecado tem o mesmo nome daquele que o gerou. Pois bem, a palavra do Apóstolo dá testemunho de que o Senhor se fez pecado por nós (2Co 5, 21), ao revestir-se de nossa natureza pecadora. O símbolo se acomoda ao Senhor como foi dito. De fato, se a serpente é pecado e o Senhor se fez pecado, a conseqüência que se segue será evidente a todos : que quem se fez pecado, se fez serpente, a qual não é outra coisa senão pecado. Se fez serpente por nós para comer e destruir as serpentes dos egípcios produzidas pelos magos. Uma vez feito isto, a serpente se transforma novamente em bastão (Ex 7, 12) com o qual são castigados os que pecam, e são aliviados os que sobem o caminho escarpado da virtude, apoiando-se no bastão da fé por meio das boas esperanças. A fé é, na verdade, a substância das coisas que se esperam (Hb 11, 1). Quem chegou ao entendimento destas coisas é como um deus em relação àqueles que, seduzidos pela ilusão material e sem substância, opõem-se à verdade e julgam coisa vã escutar falar a respeito do ser. Pois disse o Faraó : Quem é ele para que eu escute sua voz? Não conheço o Senhor (Ex 5, 2). O Faraó só julga digno aquilo que é material e carnal, as coisas que caem sob as sensações irracionais. Ao contrário, se alguém tiver sido fortalecido pela iluminação da luz, e tiver recebido tanta força e tanto poder contra os adversários, então, como um atleta convenientemente preparado por seu treinador nos varonis exercícios do esporte, se dispõe, confiante e audaz, para o ataque dos inimigos, tendo na mão aquele bastão, isto é, o ensinamento da fé, com o que há de triunfar sobre as serpentes egípcias. A mulher de Moisés, saída de um povo estrangeiro (Ex 4, 20), o acompanhará. Há algo nada desprezível da cultura pagã para nossa união com ela com a finalidade de gerar a virtude. Com efeito, a filo moral e a filo da natureza podem chegar a ser esposa, amiga e companheira para uma vida mais elevada, com a condição de que os frutos que procedem delas não conservem nada da imundície estrangeira. Pois se esta sujeira não tiver sido circuncidada e cortada ao meio até o ponto em que todo o daninho e impuro haja sido arrancado fora, o anjo que lhes sai ao encontro lhes causará um terror de morte. A mulher o aplaca mostrando-lhe seu filho purificado pela ablação do sinal pelo qual se reconhece o estrangeiro (Ex 4, 24-26). Julgo que a quem esteja iniciado na

interpretação da história será patente, por tudo que se disse, a continuidade do progresso na virtude que mostra o discurso seguindo, passo a passo, a conexão dos acontecimentos simbólicos da história.

Capítulo 5

De fato, há algo carnal e incircunciso nos ensinamentos gerados pela filo; quando isto é cortado, o que fica é de pura razão judia. Por exemplo, a filo pagã disse que a alma era imortal. Este é um fruto conforme à piedade. Porem ela ensina também que transmigra de uns corpos a outros, e que passa da natureza racional para a irracional : isto é uma incircuncisão carnal e estrangeira. E assim muitas outras coisas. Diz que existe Deus, porem pensa que é material. Confessa que existe o demiurgo, porem que necessita de uma matéria prévia para fazer o mundo. Concede que é bom e poderoso, porem que obedece em muitas coisas à necessidade do destino. E se alguém se detivesse em cada questão, poderia ver como, na filo pagã, os formosos ensinamentos se encontram maculados com acréscimos absurdos que, se fossem cortados ao meio, o anjo de Deus lhes seria propício, alegrando-se do fruto legítimo destes ensinamentos. Mas temos que voltar à seqüência do texto, de forma que também a nós, que estamos perto da luta com os egípcios, nos saia ao encontro a ajuda fraterna. Recordamos, com efeito, que desde o princípio da vida virtuosa tem lugar para Moisés um encontro hostil e guerreiro : o do egípcio que oprimia o hebreu e o do hebreu que lutava contra seu compatriota (Ex 2, 11-15).

Capítulo 6

Por outro lado, uma vez que por seu grande esforço e pela iluminação que recebeu no cume se elevou à maior das ações da alma, tem lugar um encontro amigável e pacífico, pois Deus moveu seu irmão para que saísse a seu encontro (Ex 4, 27). Se o que acontece na história for interpretado em sentido alegórico, talvez não se encontre nada que seja alheio a nosso propósito. A quem se dedica ao progresso na virtude, assiste uma ajuda dada por Deus a nossa natureza, que é anterior a nós quanto a sua origem, mas que se mostra e se dá a conhecer quando nos dispomos a combates mais fortes, depois de havermos nos familiarizado suficientemente, com cuidado e diligência, com a vida mais elevada. Para não explicar alguns enigmas por meio de outro enigma, exporei mais claramente o sentido desta passagem. Existe uma doutrina que merece credibilidade por pertencer à tradição dos Pais. Diz que, depois da queda de nossa natureza no pecado, Deus não contemplou nossa desgraça indiferentemente, mas que colocou perto, como ajuda para a vida de cada um, um anjo que recebeu uma natureza incorpórea (Mt 18, 10- 11); e que em oposição, o corruptor da natureza maquinou algo parecido, danificando a vida do homem mediante um demônio perverso e malvado. Como conseqüência, o homem se encontra entre esses dois que o acompanham com propósitos contrários, e pode por si mesmo fazer triunfar um ou outro. O bom mostra ao pensamento os bens da virtude como são contemplados em esperança por aqueles que agem retamente; o outro mostra os sujos prazeres nos que não existe nenhuma esperança de bem, pois inclusive o prazer imediato, o que se apreende e se pega, escraviza os sentidos dos tontos. Porem se alguém se afasta dos que induzem ao mal, dirige seus pensamentos ao melhor e volta as costas - por assim dizer - ao vício, põe sua própria alma - que é como um espelho -, frente à esperança dos bens, e assim imprime na pureza da própria alma as imagens e reflexos da virtude que lhe é mostrada por Deus. É então que a companhia do irmão lhe sai ao encontro e o assiste (Ex 4, 27). Pela racionalidade e intelectualidade da alma humana, pode-se, de certo modo, chamar irmão ao anjo. Este, como já dissemos, aparece e socorre quando nos aproximamos do Faraó. Que ninguém pense

que a narração da história corresponde tão absolutamente com a ilação desta consideração espiritual, que se encontrar algo do escrito que não concorda com esta interpretação, por este algo que não concorda rechace o todo. Que tenha sempre presente a finalidade de nossas palavras, a qual temos presente ao expor estas coisas. Já adiantamos no prefácio a afirmação de que as vidas dos grandes homens são colocadas como exemplos de virtude para a posteridade.

Capítulo 7

Não é possível que aqueles que desejam imitá-los passem pela mesma materialidade dos feitos. Como, de fato, se poderia encontrar novamente o povo que se multiplicou depois de sua emigração do Egito, e como se poderia encontrar também o tirano que o escravizou comportando-se malvadamente com a descendência masculina e permitindo à descendência mais branda e fraca aumentar até se converter em multidão, e assim todas as outras coisas que aparecem na narração? Uma vez que podemos ver que, na materialidade mesma dos feitos, não é possível imitar os gestos maravilhosos destes bem aventurados, só havemos de transferir de seu acontecer material o ensinamento moral daqueles acontecimentos que assim o admitam, dos que oferecem, para quem se esforça por conseguir a virtude, algum estímulo até este gênero de vida. E se, por força, algum dos fatos que contem a história sai da ordem e da coerência com a interpretação que propusemos, passaremos por alto como algo inútil e sem proveito para nossa finalidade. Desta forma conseguiremos não interromper a exegese relativa à virtude. Digo isto pela interpretação em relação a Aarão, prevendo uma objeção ao que segue. Com efeito, alguém dirá que não repele o fato de que o anjo tenha semelhança com a alma quanto à incorporalidade e à capacidade de entender; que não nega o fato de que sua criação tenha tido lugar antes da nossa, nem que assista aos que lutam contra os adversários; porem que não parece bem entender como imagem sua a Aarão, que conduz os israelitas à idolatria. Antecipando a ordem do relato, responderemos a isto com o que já dissemos: que um episódio estranho não desvirtua a coerência dos demais fatos, e que, se o mesmo nome designa o papel do anjo e do irmão, se acomoda também a cada um segundo significados contrários. Com efeito, não só se diz anjo de Deus, mas também de Satanás (2Co 12, 7), e chamamos irmão não só ao bom, mas também ao mau. A Escritura fala dos bons quando diz : Os irmãos serão úteis na necessidade (Pr 17, 17). E dos perversos quando diz : Todo irmão prepara armadilha (Jr 9, 3). Após dizer isto a margem da ordem do discurso e deixando para seu lugar adequado uma consideração mais profunda destas questões, voltemos aos temas que nos propusemos.

Moisés, fortalecido com a luz que o iluminou e tendo recebido seu irmão como companheiro de luta e como ajuda, fala ao povo valentemente sobre a liberdade, recordando-lhes a grandeza pátria, e lhes dá a conhecer como poderão se livrar da fadiga do barro dos ladrilhos (Ex 4, 29-31). Que nos ensina a história com estas coisas? Que não se deve atrever a falar ao povo aquele que não tiver cultivado sua forma de dizer com uma educação adequada para dirigir-se a muitos. Não vês, de fato, como Moisés, quando ainda era jovem, antes de crescer em capacidade, não foi aceito como digno conselheiro de paz por aqueles dois homens que estavam lutando e agora, ao contrário, fala ao mesmo tempo a milhares de pessoas? Podemos dizer que a história grita que não te atrevas a propor um ensinamento ou um conselho aos ouvintes, se antes não tiveres adquirido autoridade nisto mesmo através de muito estudo. Depois de pronunciar Moisés as mais valentes palavras e mostrar o caminho da liberdade excitando nos ouvintes o desejo dela, o inimigo se irrita e aumenta os sofrimentos dos que dão ouvido a estas palavras (Ex 5, 6-14). Tampouco isto é alheio ao que nos interessa agora.

Capítulo 8

Muitos dos que acolheram a palavra que liberta da tirania e se aproximaram da pregação são maltratados agora pelo inimigo com os assaltos das tentações. Muitos destes se fazem mais provados e firmes na fé, temperados pelo ataque dos que os combatem; ao contrário, alguns mais débeis dobram o joelhos diante destes ataques dizendo abertamente que é preferível para eles permanecer surdos à chamada da liberdade que padecer tais dificuldades por causa dela. Isto mesmo ocorreu então devido à pusilanimidade dos israelitas, que acusaram os que os aconselhava o meio de escapar da escravidão. Porem não por isso cessará a palavra de atrair para o bem, ainda que o imaturo, infantil e imperfeito de entendimento, por sua inexperiência, se assuste ante as tentações. Isto é o que o demônio tenta contra os homens: busca ferir e corromper. Que quem está sujeito a ele não olhe para o céu, mas que se incline para a terra e faça ladrilhos com lama dentro de si mesmo. De fato, é patente a todo mundo como o que pertence ao prazer material deriva da terra e da água, quer se olhe para os desejos do ventre e da gula ou quanto se refere à riqueza. A mistura destes elementos é - e se chama justamente - barro. Quantos avidamente se enchem dos prazeres do barro, não conseguem manter cheia sua ampla capacidade para receber prazeres, pois uma vez cheia, de novo se torna vazia para aquilo que flui para dentro. Quem faz ladrilhos sempre coloca de novo outro barro no molde que ficou vazio; parece-me que quem considera o apetite concupiscível da alma, compreenderá facilmente este exemplo. De fato, quem dá satisfação a sua paixão em qualquer das coisas pelas quais lutou, novamente se encontrará vazio com relação àquilo mesmo, se é lançado pela paixão a alguma outra coisa. E ao sentir-se satisfeito por esta coisa, se encontrará de novo vazio e com capacidade de desejar alguma outra coisa. E isto não cessará em absoluto de atuar em nós, até que nos subtraiamos da vida material. A cana e a palha que provem dela e que quem está submetido às ordens do tirano é obrigado a misturar ao ladrilho, interpretamos conforme o Evangelho de Deus e às palavras profundas do Apóstolo: ambos significam igualmente, a palha e a cana, matéria para o fogo (Mt 3, 12 e 1Co 3, 12-13). Quando algum dos que

progridem na virtude quer atrair para uma vida livre e plena de sabedoria aqueles que estão escravizados pelo engano, aquele que, como diz o Apóstolo, seduz com ciladas variadas nossas almas (Ef 6, 12), sabe opor os sofismas do engano à lei de Deus. Tendo presente a Escritura, digo isto referindo-me às serpentes do Egito, isto é, às diversas maldades do engano, cuja aniquilação realiza a vara de Moisés (Ex 7, 10-12). Porem isto já está suficientemente considerado. Assim pois, quem possui esta invencível vara da virtude que destrói as varas enganosas, avança por um caminho contínuo até maiores prodígios. A realização dos prodígios não tem lugar com a finalidade de ser admirada pelos que os vêem, mas está dirigida ao aproveitamento dos que se salvam (2Tim 3, 16). Com estes prodígios da virtude, se afasta o que é inimigo e se reconforta o que é da mesma estirpe. Conheçamos, em primeiro lugar, o significado geral destes prodígios; depois talvez nos seja possível adaptar analogicamente este conhecimento a cada um deles em particular.

Capítulo 9

O ensinamento da verdade é acolhido segundo as disposições dos que recebem a palavra. De fato, a palavra mostra a todos o que é bom e o que é mau. Pois bem, quem é dócil àquilo que lhe é mostrado tem a mente na luz, enquanto que quem tem a disposição contrária e não aceita que a alma olhe para a luz da verdade permanece na obscuridade da ignorância. Se a interpretação que demos ao conjunto da passagem não estiver errada, então a interpretação dada a cada um dos detalhes não lhe será totalmente oposta, pois a exegese de cada um deles está compreendida no conjunto. Portanto, não há nada de estranho em que o hebreu permanecesse incólume diante das pragas dos egípcios, embora estivesse vivendo no meio desses estrangeiros, posto que também agora é possível ver que sucede a mesma coisa. De fato, estando divididos os homens nas grandes cidades entre doutrinas contrárias, para uns a água do manancial da fé é potável e límpida, e a conseguem mediante o ensinamento divino, enquanto a água se torna sangue corrompido para aqueles que se converteram em egípcios por causa de suas perversas opiniões (Ex 7, 20). Muitas vezes os sofistas do erro rondam também a água dos hebreus para convertê-la em sangue com a contaminação da mentira, isto é, para mostrar-nos que nossa doutrina não é como é, porem não conseguem corromper totalmente a água, embora a superfície fique avermelhada por causa do erro. Ainda que esteja caluniada pelos inimigos, o hebreu bebe água verdadeira, sem prestar atenção à aparência de erro. O mesmo cabe dizer da espécie de rãs (Ex 8, 1-6), ruidosa e maléfica, que se introduz sub-repticiamente nas casas, habitações e dispensas dos egípcios, sem chegar a tocar a vida dos hebreus: sua vida é anfíbia, seu salto rasteiro; é repugnante não só por seu aspecto como também pelo fedor de sua pele. Os desastrosos frutos da maldade que surgem do coração sujo dos homens como gerados no pântano, são certamente como uma espécie de rãs. Estas rãs habitam as casas de quem se fez egípcio por escolha de seu estilo de vida; se deixam ver às mesas, não abandonam os leitos e se introduzem nas dispensas onde se guardam as coisas. Considera a vida suja e desavergonhada, nascida de um verdadeiro limo pantanoso, que, ao imitá-lo, se assemelha à natureza irracional.

Falando com rigor, em seu estilo de vida, não pertence a nenhuma das duas naturezas, pois é homem segundo sua natureza, porem se transformou em besta por sua paixão. Por esta razão mostra em si mesma aquele modo de vida anfíbio e ambíguo. E assim encontrarás nessa vida os sinais desta praga, não só nos leitos, mas também nas mesas, nas dispensas e em toda a casa. Um homem assim deixa, por onde quer que vá, o rastro de sua vida dissoluta, de forma que todos podem distinguir facilmente a vida do homem licencioso da vida do homem puro, inclusive na decoração da casa. De fato, na casa do impuro, sobre o reboco das paredes, encontra-se pinturas feitas com habilidade, que, ao trazer à memória as formas da debilidade, excitam ao prazer sensual e introduzem as paixões na alma através da contemplação de coisas vergonhosas, enquanto que na casa do sábio, pelo contrário, há todo o cuidado e cautela para manter a vista livre de espetáculos obscenos. Do mesmo modo a mesa do sábio se encontra limpa, enquanto que a do que se espoja em uma vida lodosa está suja como as rãs, e transbordante de comidas. E assim se entrasses nas dispensas, isto é, nas coisas ocultas e reservadas de sua vida, encontrarias ali, nas intemperanças, um montão ainda maior de rãs. A história diz que o bastão da virtude fez estas coisas contra os egípcios. Não nos desconcertemos por esta forma de falar. Também diz a história que o tirano foi endurecido por Deus (Ex 9, 12 e Rm 9, 17- 18). Como seria digno de condenação aquele que tivesse sido feito duro e refratário por uma força irresistível vinda do alto? O divino Apóstolo diz a mesma coisa: Posto que não tivessem por bem guardar o verdadeiro conhecimento de Deus, Deus os entregou às paixões vergonhosas (Rm 1, 28 e 26), falando dos pederastas e de quantos se envilecem com as diversas formas vergonhosas e inconfessáveis da vida dissoluta. Porém, embora seja verdade que a divina Escritura se expressa dizendo que Deus entregou às paixões vergonhosas aqueles que se entregaram a elas, nem o Faraó se endureceu por querer divino, nem a vida sórdida, própria das rãs, é causada pela virtude. De fato, se a Divindade tivesse querido isto, tal querer teria tido absolutamente a mesma força sobre todos, de forma que jamais se poderia estabelecer diferença alguma entre virtude e vício. Ao contrário, uns e outros, os que são dirigidos pela virtude e os que caem no vício, vivem de formas diferentes, e ninguém poderá, racionalmente, atribuir a uma fatalidade estabelecida pelo querer

divino estas diferenças no modo de viver, que surgem exclusivamente da livre escolha de cada um.

Capítulo 10

Vejamos claramente pelo Apóstolo quem é o entregue à "paixão vergonhosa": quem não quis guardar o verdadeiro conhecimento de Deus (Rm 1, 28). Não significa que Deus o entrega à paixão para castigá-lo por não ter querido conhecê-lo, mas que o não falar reconhecido a Deus se converte para ele em motivo de cair em uma vida sensual e vergonhosa. É como se alguém dissesse que o sol fez cair uma pessoa no buraco porque não o viu. Nós não pensaríamos que o astro, cheio de ira, tenha lançado no buraco quem não o tenha querido ver, senão que esta expressão deve ser entendida corretamente no sentido de que a privação de luz tenha sido a causa da queda no buraco daquele que não o viu. Talvez seja esta a forma correta de entender as palavras do Apóstolo: que os que não tinham o conhecimento de Deus foram entregues às paixões vergonhosas e que o tirano egípcio foi endurecido por Deus, não como se a dureza tivesse sido introduzida no coração do Faraó pelo querer divino, mas sim no sentido de que por livre escolha, por sua inclinação para o mal, não acolheu a palavra que abranda a dureza. Também é assim com o bastão da virtude ao mostrar-se ante os egípcios, faz o hebreu livre da vida das rãs e, ao contrário, mostra o egípcio cheio desta praga. Chega então um momento em que Moisés estende as mãos sobre estes, e produz o desaparecimento das rãs (Ex 8, 9). Podemos ver que isto também acontece agora. De fato, quem conheceu a extensão das mãos do Legislador, - compreendes muito bem o que te diz este símbolo, entendendo como Legislador o verdadeiro Legislador, e pela extensão das mãos Aquele que estendeu suas mãos na cruz-, estes, ainda que até pouco tempo tenham vivido em pensamentos sujos e próprios de rãs, se olham para quem estende suas mãos em seu favor, são libertados dessa companhia perversa, pois a paixão morre e se dissolve. De fato, para os que foram sanados desta enfermidade, depois da morte desses movimentos próprios de répteis, a lembrança das coisas vividas anteriormente parece desagradável e fora de lugar, pois repugna a suas almas por causa da vergonha, conforme diz o Apóstolo a quem, depois de abandonar a maldade, busca a virtude: Que frutos recebestes então das coisas que agora vos envergonham? (Rm 6, 21). Entendemos de forma

parecida o fato de que, por obra do bastão, o dia se escureceu aos olhos dos egípcios, enquanto seguia brilhando com o sol para os olhos dos hebreus (Ex 10, 21-22).

Capítulo 11

Aqui se fundamenta especialmente a lógica da interpretação que demos: que não é uma irresistível força do alto que leva um a estar nas trevas e outro na luz, senão que nós homens temos dentro de nós, na nossa natureza e em nossa livre escolha, as causas da luz e da escuridão, convertendo-nos naquilo que queremos. Segundo a história, os olhos dos egípcios não se encontravam nas trevas porque estivesse interposta uma montanha ou uma muralha que obscurecesse a vista ou os raios do sol, mas porque enquanto o sol iluminava todas as coisas com seus raios, os hebreus gozavam da luz, e os egípcios eram insensíveis a este dom. Assim, embora a vida luminosa se apresente igualmente acessível a todos, os que caminham nas trevas são empurrados à obscuridade do mal por suas práticas perversas, enquanto os outros são iluminados pela luz da virtude. Depois de terem sofrido três dias nas trevas, os egípcios também recebem parte na luz. Talvez alguém, apoiando-se nisto, dirija sua interpretação à restauração que, depois destas coisas, esperam o reino dos céus os que estão condenados ao inferno. De fato, estas trevas que se pode apalpar (Ex 10, 21) como diz a história, tem grande afinidade na palavra e no sentido com as trevas exteriores (Mt 8, 12). Dissipam-se uma e outra quando Moisés, como explicamos anteriormente, estende as mãos sobre os que estão nas trevas. Da mesma forma, aquela cinza de forno que, segundo a palavra produzia dolorosas pústulas nos egípcios, poderia ser interpretada, dado o simbolismo do termo forno, como o castigo do fogo do inferno com que se ameaça e que só fere os que vivem à maneira dos egípcios (Ex 9, 8 e Mt 13, 42). Porem se alguém é verdadeiramente israelita e filho de Abraão, e se assemelha a ele em seu estilo de vida a ponto de mostrar por sua opção pertencer à família dos eleitos, este se conserva livre daquela dolorosa cinza. O estender das mãos de Moisés, segundo a interpretação que demos, se converteria, inclusive para os outros, em cura da enfermidade e em afastamento do castigo. E quanto àqueles leves mosquitos que atormentam os egípcios com invisíveis picadas, aos insetos tavões que se cravam dolorosamente nos corpos com suas mordidas, às lavouras destruídas pelos gafanhotos, às tempestades que se precipitam do céu com pedras de

granizo, talvez ninguém, se seguiu as explicações das pragas precedentes, encontre dificuldade para ajustar a interpretação correspondente a cada uma destas pragas. Todas estas coisas são causadas primeiramente pela livre decisão egípcia e são executadas pela justiça imparcial de Deus que se acomoda ao que merecem as diversas opções.

Capítulo 12

Assim pois, não pensemos, por nos ater à letra da narração, que Deus é a causa dos sofrimentos dos que os mereceram, mas que cada um é autor de suas próprias desditas, ao preparar para si, com uma escolha adequada um cúmulo de dores, como diz o Apóstolo a um homem desta classe: Pela dureza e impenitência de teu coração vais entesourando contra ti ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus, o qual dará a cada um segundo suas obras (Rm 2, 5-6). De fato, se por um excesso na comida gera-se nos intestinos um humor bilioso e daninho, e o médico o expulsa provocando o vômito com sua técnica, não se atribui a ele - senão à desordem na comida - a causa de introduzir o humor nocivo nos corpos: a ciência médica só o fez visível. Da mesma forma, quando se diz que provem de Deus a dolorosa retribuição aos que usaram perversamente sua liberdade, é bom reconhecer que estes padecimentos têm sua origem e sua causa em nós. Para quem vive sem pecado não existem as trevas, nem os vermes, nem a geena, nem o fogo (Mc 9, 43), nem nenhum dos temíveis nomes e realidades. A narração diz também que os hebreus não padeceram as pragas dos egípcios. Se pois em um mesmo lugar há mal para um e não para outro, segue-se que a diferença entre um e outro se encontra na diversidade da escolha, e é necessário concluir, portanto, que nenhum mal pode ter consistência fora de nossa livre decisão.

Capítulo 13

Avancemos com a continuação do texto, tendo bem presente o que já explicamos: que o mesmo Moisés ou aquele que a sua imitação se eleva na virtude, depois de haver fortalecido sua alma com uma prolongada vida elevada e reta, e com a iluminação recebida do alto, considera como uma injustiça de sua parte não guiar seus compatriotas a uma vida livre. Moisés saindo a seu encontro infunde-lhes um desejo mais forte de liberdade pondo diante deles a gravidade dos padecimentos. A quando está perto de libertar seu povo do mal, traz a morte a todo primogênito egípcio (Ex 12, 29), indicando-nos deste modo que é necessário destruir o mal em seu primeiro broto, pois do contrário é impossível escapar da vida egípcia. Parece-me importante não deixar passar este pensamento sem refletir sobre ele. Pois se alguém considerar só o sentido literal, como poderá manter uma interpretação digna de Deus nos acontecimentos narrados? É injusto o egípcio e em seu lugar é castigado seu filho recém nascido que por sua tenra idade não pode distinguir entre o bem e o mal. Sua vida é alheia à paixão malvada, pois a infância não dá lugar à paixão, nem estabelece diferença entre a direita e a esquerda; unicamente ergue os olhos ao peito de sua nutriz, para expressar sua dor só dispões de suas lágrimas e, se consegue o que deseja sua natureza, mostra sua alegria com um sorriso. Onde está a justiça, se este cumpre o castigo pela maldade paterna? Onde a piedade? Onde Ezequiel clamando que a alma que peca, esta morrerá e não será responsável o filho, mas o pai (Ez 18, 20)?

Capítulo 14

Como pode a história estabelecer uma lei contrária à razão? Considerando a interpretação espiritual, não será mais razoável crer que isto sucede como figura e que, através do que foi dito, o Legislador quis propor um ensinamento? O ensinamento é este: que quem se empenha na luta da virtude contra o vício deve fazê-lo desaparecer em seus primeiros brotos. De fato, com a destruição dos primeiros brotos, se destrói também o que lhes segue em continuação, como nos ensina o Senhor no Evangelho, ordenando quase com as mesmas palavras destruir os primogênitos dos vícios egípcios; exorta-nos assim a cortar a concupiscência e a ira (Mt 5, 22 e 28), e a não ter medo nem da sujidade do adultério, nem da mancha do homicídio, pois nenhum destes males tem consistência por si mesmo, mas que é a cólera que leva a cabo o homicídio e o desejo é que conduz ao adultério. Precisamente porque aquele que engendra o mal, antes do adultério produziu o desejo e antes do crime produziu a cólera, quem destrói o primogênito destrói totalmente a descendência que segue o primogênito, do mesmo modo que quem golpeou a cabeça da serpente matou com o mesmo golpe o corpo que rasteja atrás. Porem isto não poderia acontecer se previamente não tivessem sido borrifadas as ombreiras das portas com aquele sangue que afugenta o Exterminador (Ex 12, 23). E se queremos captar com maior exatidão o sentido de quanto se diz, a história no-lo insinua através destas coisas: através da morte do primogênito e através da proteção da entrada com o sangue. Ali, com efeito, se destrói o primeiro movimento do mal e aqui mesmo, pelo verdadeiro cordeiro, se afasta a primeira entrada do mal em nós. Pois uma vez que o exterminador esteja dentro, não o expulsaremos com um simples pensamento; vigiemos com a Lei, para que nem se quer comece a entrar em nós. A vigilância e a segurança consistem em sinalizar com o sangue do cordeiro o montante e as ombreiras da entrada (Ex 12, 22). A Escritura nos explica estas coisas da alma com figuras; também a ciência profana as intuiu ao distinguir a alma em seu aspecto racional, concupiscível e irascível. Deles - diz - o irascível e o concupiscível estão abaixo, sustentando cada um a parte racional da alma, e assim a parte racional,

tendo subjugadas as outras duas, as governa e, por sua vez, é sustentada por elas: é impulsionada ao valor pelo apetite irascível e é elevada pelo apetite concupiscível à participação no bem. Enquanto a alma se encontra estabilizada nesta disposição, estando segura por pensamentos virtuosos como se fossem cavilhas, dá-se uma cooperação para o bem de todas as faculdades entre si: a parte racional dá segurança por si mesma às partes que lhe estão submetidas e, por sua vez, recebe o mesmo benefício da parte delas. Porem se a ordem for invertida e o que está acima passar par baixo, caindo para a parte em que é pisada, a razão fará subir sobre si as disposições concupiscível e irascível, e então, o exterminador entrará no interior, sem que se oponha a ele nenhum repúdio proveniente do sangue, isto é, sem que a fé em Cristo ajude no combate àqueles que se encontram nestas disposições. Manda borrifar com sangue primeiro o montante, e besuntar depois as ombreiras de um lado e outro. Como poderia alguém untar primeiro o que está acima, se não estivesse em cima? Não estranhes se estes dois episódios - a morte dos primogênitos e a aspersão do sangue - não acontecem igualmente aos israelitas, e não repudies, por causa disto, nossa consideração a respeito da destruição do mal, como se estivesse fora da verdade. Interpretamos a diferença entre os nomes hebreu de egípcio como a diferença entre a virtude e o vício. Se, pois, o sentido espiritual sugere entender o israelita como o bom, não seria coerente que alguém tentasse matar as primícias dos frutos da virtude, mas aquelas cuja destruição é mais útil que sua conservação. Assim pois, coerentemente, aprendemos com Deus que é necessário destruir as primícias da estirpe egípcia, para que seja destroçado o mal, aniquilado com a destruição de seus primeiros brotos. Esta interpretação está de acordo com a história. A proteção dos filhos dos israelitas tem lugar por meio da aspersão do sangue para que o bem chegue à plenitude; por outro lado, aquele que ao amadurecer haveria de constituir o povo egípcio, este é destruído antes que chegue à plenitude no mal. O que segue está de acordo com a interpretação espiritual que propusemos, acomodando-se ao sentido do discurso. Prescreve-se, com efeito, que se converta em nosso alimento o corpo daquele do qual fluiu este sangue que, mostrado nos montantes das portas, afasta o exterminador dos primogênitos dos egípcios. A atitude dos que levam à boca esta comida há de ser sóbria e conforme com pessoas que têm

pressa, não como a que se vê naqueles que se divertem em banquetes, cujas mãos estão soltas, as vestes sem cingir, os pés livres de calçados de viagem. Aqui tudo é o oposto. Os pés estão aprisionados nos sapatos, o cinturão cinge as pregas da túnica aos rins e, na mão, o bastão que defende dos cães (Ex 12, 11). E neste atavio, a comida é posta diante deles sem nenhuma preparação complicada, mas elaborada apressadamente sobre o fogo, de forma improvisada. Os convidados a devoram rapidamente, a toda pressa, até que todo o corpo do animal tenha sido consumido. Comem tudo o que é comestível em redor dos ossos, porem não tocam no que está dentro, pois é proibido romper os ossos deste animal. O que sobra de comida é consumido pelo fogo (Ex 12, 9-10 e Nm 9, 12). De tudo isto se depreende com clareza que a Escritura está visando um significado mais elevado, já que a Lei não nos ensina o modo de comer, para estas coisas é suficiente guia a natureza, a qual colocou em nós o apetite, mas através disto quer significar outra coisa. De fato, que tem a ver com a virtude ou o vício a comida ser apresentada de uma forma ou de outra, com a cintura cingida ou sem cingir, descalços os pés ou com os sapatos, tendo o bastão na mão ou o havendo deixado? Resulta claro, ao contrário, o que significa simbolicamente a preparação do aparato de viagem. Convida-nos diretamente a que reconheçamos que na vida presente estamos de passagem, como caminhantes, impelidos desde o nascimento até à morte pela mesma necessidade das coisas. E que é necessário que as mãos, os pés e tudo o demais estejam preparados para esta saída a fim de ter segurança no caminho. Para que não sejamos feridos nos pés desprotegidos e descalços pelos espinhos desta vida, os espinhos poderiam ser os pecados, protejamo-los com a defesa dos sapatos. Isto é a vida casta e austera, que quebra e dobra por si mesma as pontas dos espinhos, e evita que o mal penetre dentro de nós com um começo pequeno e imperceptível. Uma túnica que flutua solta sobre os pés e que se enreda entre as pernas seria um estorvo para quem anda corajosamente por este caminho, segundo Deus. Neste contexto, poderíamos entender a túnica como a relaxação prazenteira nos cuidados desta vida a qual uma mente sábia, convertendo-se em cinturão do caminhante, reduz e aperta. Que o cinturão é a temperança, se atesta pelo lugar ao qual cinge. O bastão que defende das feras é a palavra da esperança, com a qual sustentamos a alma em suas fadigas e afugentamos

os que ladram. O alimento para nós preparado no fogo comparo com a fé cálida e ardente que acolhemos sem demora, de que comemos quanto de comestível está à mão do que come, enquanto deixamos de lado, sem buscar e sem espiar curiosamente, a doutrina que está velada em conceitos duros e dificilmente assimiláveis, entregando ao fogo um alimento semelhante. Para explicar os símbolos utilizados em relação a isto, dizemos o seguinte: alguns dos ensinamentos divinos têm um sentido exeqüível; não convém recebê-los preguiçosamente nem de má vontade, mas saciar-nos, como famintos impelidos pelo apetite, dos ensinamentos que estão diante de nós, de forma que o alimento se converta em robustecimento para nossa saúde. Outros ensinamentos são obscuros, como o indagar qual é a substância de Deus, ou o que existia antes da criação, ou o que há alem das aparências, ou que necessidade marca os acontecimentos, e todas as coisas deste estilo que são investigadas pelos curiosos; é necessário deixar que estas coisas só sejam conhecidas pelo Espírito Santo, que penetra as profundidades de Deus, como diz o Apóstolo (1Co 2, 10). Com efeito, ninguém que esteja familiarizado com a Escritura ignora que nela o Espírito freqüentemente é lembrado e é designado como fogo. Somos levados a esta interpretação pela advertência da Sabedoria: Não especules sobre o que te ultrapassa (Eclo 3, 22), isto é, não rompas os ossos do ensinamento, pois não te é necessário o que está escondido (Eclo 3, 23).

Capítulo 15

Assim é que Moisés tira o povo do Egito. Do mesmo modo, todo o que segue as pegadas de Moisés livra da tirania egípcia a todos aqueles a quem chega a palavra. Penso que os que seguem a quem os conduz à virtude não devem ser privados da riqueza egípcia, nem carecer dos tesouros estrangeiros, mas devem levar consigo todas as coisas que pertencem a seus adversários por empréstimo. Isto é o que Moisés manda o povo fazer (Ex 12, 35-36). Que ninguém, tomando isto ao pé da letra, entenda o propósito do Legislador como se ele mandasse despojar os ricos e se convertesse assim em condutor da injustiça. Ninguém que considere atentamente as leis que seguem em continuação proibindo a injustiça contra os que estão perto, tanto aos que estão acima como aos que estão abaixo, diria na verdade que o Legislador tivesse ordenado isto, ainda que a alguns pareça ser justo que, com este subterfúgio os israelitas paguem a si mesmos os salários pelos trabalhos prestados aos egípcios. Com efeito, uma ordem assim não estaria livre da acusação de não estar limpa de mentira e engano. De fato, quem toma uma coisa emprestada, e sendo alheia não a devolve a seu dono, comete injustiça por privá-lo dela; e se esta coisa é sua, ao menos é chamado mentiroso por enganar a quem a tinha com a esperança de tirar proveito. Por esta razão, mais apropriada que a interpretação literal, é a interpretação espiritual que exorta aqueles que buscam uma vida livre através da virtude a abastecer-se com a riqueza estrangeira na qual se glorificam os que são alheios à fé. Assim ocorre com a ética, a física, a geometria, a astronomia, a dialética e todas as demais ciências que são cultivadas por quem não pertence à Igreja. O guia da virtude exorta a tomá-las de quem, no Egito, as possui em abundância, e a usá-las quando forem necessárias a seu tempo, quando seja necessário embelezar o divino templo do mistério com as riquezas da inteligência. Na verdade, aqueles que haviam entesourado para si esta riqueza a apresentaram a Moisés quando trabalhava na construção da tenda do testemunho, prestando cada um sua contribuição para a preparação das coisas santas. Podemos ver que isto também ocorre hoje. Muitos apresentam à Igreja de Deus, como um dom, a cultura pagã. Assim fez o

grande Basílio que adquiriu formosamente a riqueza egípcia no tempo de sua juventude, a dedicou a Deus, e embelezou com esta riqueza o verdadeiro tabernáculo da Igreja.

Capítulo 16

Voltemos ao ponto em que estávamos. Aqueles que já avistam a virtude e seguem o Legislador em seu estilo de vida, quando abandonam os limites do domínio dos egípcios, são perseguidos pelos ataques das tentações que provocam ansiedades, medos e perigos em relação ao êxito final. Assustada por estas coisas, a alma dos principiantes na fé cai em completa desesperança em conseguir os bens. Porem, se Moisés ou alguém como ele se encontra à liderança do povo, ao medo se oporá o conselho, reconfortando a alma em seu desfalecimento com a esperança da ajuda divina. Mas isto não ocorrerá se o coração de quem está na liderança não fala com Deus. De fato, a muitos que estão colocados nesta posição só preocupa a maneira como se encontra organizado o que se vê, enquanto que as coisas que estão ocultas, que só são vistas por Deus, lhes produzem um cuidado pequeno. Não foi assim com Moisés. Quando exortava os israelitas a terem confiança, mesmo não pronunciando exteriormente nenhuma palavra dirigida a Deus, o próprio Deus testemunha que gritou (Ex 14, 13-15), ensinando-nos a Escritura - penso - que a voz que é sonora e sobe aos ouvidos divinos não é o clamor que tem lugar com vozes, mas o pensamento interior que sobe de uma consciência pura. A quem se encontra nesta situação, parece pequeno o irmão como ajuda para as maiores batalhas, refiro-me àquele irmão que saiu ao encontro de Moisés quando, conforme o mandado de Deus, se dirigia aos egípcios, e a quem nosso discurso apresentou em seu ministério de anjo (Ex 4, 27). Agora tem lugar a manifestação do Ser transcendente, que se mostra de modo que possa ser captado por quem o recebe. Conhecemos pela história que isto aconteceu então e sabemos pela interpretação espiritual que isto ocorre sempre. De fato, cada vez que alguém foge do egípcio e, ao chegar fora de seus territórios, se assusta ante os ataques das tentações, e quando o inimigo rodeando com suas forças o perseguido só lhe deixa disponível o mar, o guia, isto é, a nuvem, lhe mostra a salvação imprevista que vem de cima. Até ali, ao mar, o conduz o guia, quer dizer, a nuvem (Ex 13, 21). Os que nos precederam interpretaram este nome dado ao guia como a graça do Espírito Santo que conduz ao bem os que são dignos. O que a segue

atravessa a água, enquanto o guia lhe abre nela uma passagem estreita através da qual se realiza um caminhar seguro até a liberdade, onde desaparece debaixo da água aquele que o perseguia para escravizar. Quem ouve isto, talvez reconheça o mistério da água a que alguém desce junto com todo o exército do inimigo e da qual emerge só, depois de se afogar na água o exército inimigo (Ex 14, 26-30). Pois quem desconhece que o exército egípcio significa as diversas paixões da alma às quais se escraviza o homem? Isto são os cavalos, isto são os carros e os que estão montados neles; isto são os arqueiros, e os infantes e o resto do exército dos inimigos (Ex 14, 9). De fato, em que se diria que os movimentos de cólera ou os impulsos ao prazer, à tristeza e à avareza diferem do exército que acabamos de mencionar? A afronta é pedra lançada pela funda, e o ataque de cólera é lança que agita sua ponta, enquanto que os cavalos que puxam os carros com impulso irrefreável podem ser entendidos como o afã de prazeres. Nos três homens montados no carro - a quem a história chama tristates (Ex 14, 7) -, e que são levados por ele, reconhecerás, instruído pelo simbolismo do montante e das ombreiras das portas, a tríplice divisão da alma, pensando no racional, no concupiscível e no irascível.

Capítulo 17

Todas estas coisas e quantas lhes são afins, precipitam-se na água perseguindo os israelitas junto com o promotor do perverso ataque. Porem a água, posto que o bastão da fé e a nuvem luminosa usam como guia, se converte em fonte de vida para os que se refugiam nela e em destruição dos perseguidores. A história nos ensina através disto, como convém que sejam os que atravessam a água. Quando alguém emerge da água não deve conservar consigo nada do exército inimigo. Se o inimigo emergisse juntamente com ele, este permaneceria em escravidão ainda depois da água, ao haver feito emergir vivo consigo o tirano, ao que não afogou no abismo. Isto quer dizer, se explicarmos abertamente o simbolismo aproximando-o de um significado mais claro, que é necessário que quantos, no batismo, passam através da água sacramental, façam morrer na água todo o exército do vício: a avareza, o desejo impuro, o espírito de rapina, a tendência à soberba e à prepotência, o impulso à violência, a ira, o rancor, a inveja, os ciúmes e todas essas coisas. Posto que, de alguma forma, as paixões seguem a natureza humana, devemos afogar na água inclusive os maus movimentos da alma e suas seqüelas. No mistério da Páscoa, este é o nome da vítima cujo sangue preserva da morte quem se vale dela, sucede o mesmo. Recomenda-se que coma pão ázimo na Páscoa. Ázimo é o que não está misturado com o fermento do dia anterior (Ex 13, 6 e 1Co 5, 7-8). Através disto a Lei nos dá a entender que não se deve misturar nenhum resíduo de maldade com a vida nova, mas que comecemos a vida nova com um começo novo, rompendo a cadeia dos pecados com a conversão ao bem. Por esta razão quer que afoguemos no batismo salvador - como no batismo do mar - toda pessoa egípcia, isto é, toda forma de maldade, e que devemos emergir sós, sem arrastar conosco em nossa vida nenhum estrangeiro. Isto é o que aprendemos com a história quando diz que na mesma água se distingue o inimigo e o amigo com a morte e com a vida: o inimigo é destruído, o amigo é vivificado (Ex 14, 27-30). Muitos dos que receberam o sacramento do batismo, por desconhecimento dos preceitos da lei, misturaram a levedura do vício, já abandonada, à vida nova, e, depois de ter atravessado a água, em sua forma de viver levam consigo,

vivo, o exército egípcio. Com efeito, quem antes do dom do batismo se havia enriquecido com a injustiça ou a rapina, ou adquiriu alguma terra com perjúrio, ou coabitava com uma mulher em adultério, ou qualquer das demais coisas proibidas, pensa que mesmo que depois do batismo continue a gozar das coisas que adquiriu perversamente, permanece livre da escravidão dos pecados, sem perceber que se encontra escravizado por perversos senhores. Pois a luxuria é um dano cruel e furioso, que atormenta a alma submetida a sua escravidão com os prazeres como se fossem látegos. Um tirano semelhante é a avareza, que não permite nenhum descanso a seu escravo, senão que por muito que trabalhe obedecendo as ordens de seu dono e ganhando para ele o que ambiciona, sempre o incita a mais. E todas as outras coisas que se fazem impulsionados pela maldade constituem uma serie de tiranos e donos. Se alguém lhes obedece, ainda que haja passado através da água, apesar disso - é meu parecer -, não tocou na água sacramental cuja obra é a destruição dos perversos tiranos.

Capítulo 18

Voltemos à continuação do relato. Quem atravessou o mar que já nos é conhecido, e viu em si mesmo perecer o egípcio, não só olha para Moisés como guia da virtude, como, sobre tudo, crê em Deus como diz o texto da história (Ex 14, 17). Confia também em Moisés, seu servidor. Vemos que também hoje sucede isto com quem verdadeiramente atravessou a água: estes se entregaram a Deus e, como diz o Apóstolo, confiam nos que em razão do sacerdócio cuidam das coisas divinas, e lhes obedecem (Hb 13, 17). Depois da passagem do mar, segue-se uma marcha de três jornadas (Ex 15, 22) durante a qual, acampados em um lugar, acharam água que, a principio, não parecia potável por causa de seu amargor; porem o bastão, sendo arrojado na água, converteu o líquido em potável para os que estavam sedentos (Ex 15, 23- 25). A narração está conforme com o que agora também sucede. A principio, a vida afastada dos prazeres parece desagradável e insossa a quem abandonou os prazeres egípcios que o escravizavam antes de atravessar o mar. Porém se o madeiro, isto é, o mistério da ressurreição, que teve começo por meio do madeiro, é arrojado à água, - ao ouvir madeiro entenderás evidentemente a cruz-, então a vida virtuosa, adoçada com a esperança dos bens futuros, se converte em mais doce e agradável que toda doçura que acaricia os sentidos com o prazer. A etapa seguinte da marcha, amenizada com palmeiras e fontes, repara o cansaço dos caminhantes. São doze as fontes de água, de corrente limpa e gratífica; setenta as palmeiras, grandes e frondosas, pois o tempo havia feito crescer as árvores (Ex 15, 27). Que encontramos nestas coisas, ao seguir o fio da narração? Que o mistério do madeiro, pelo qual a água da virtude se torna potável para os que têm sede, nos atrai com doze fontes e setenta palmeiras, isto é, com o ensinamento do Evangelho. Nele, as fontes são os doze Apóstolos que o Senhor escolheu para esta graça, fazendo brotar a palavra através deles como fontes, de forma que um dos profetas anunciou assim a graça que mana deles: Bendizei a Deus, o Senhor, nas assembléias, os das fontes de Israel (Sal 67, 27). As setenta palmeiras poderiam ser os apóstolos que, alem dos doze discípulos, receberam a

imposição das mãos por toda terra e que numericamente são tantos como a história diz que eram as palmeiras.

Capítulo 19

Penso que seja conveniente apressar a marcha do discurso, pois com as poucas coisas que já consideramos facilitamos aos amantes do esforço a reflexão sobre as etapas restantes. Estas etapas podem significar as virtudes; quem avança ordenadamente seguindo a coluna de nuvem, acampa e descansa nelas. Passando por alto as etapas intermediárias, recordarei em meu discurso o prodígio da rocha, cuja natureza dura e sólida se converteu em bebida para os que tinham sede, dissolvendo-se sua dureza na brandura da água (Ex 17, 6 e Sal 77, 15 e 1Co 10, 4). Não há nenhuma dificuldade em adaptar a continuação do relato à consideração espiritual. Aquele que abandonou na água o egípcio morto, e foi adoçado com o lenho, e gozou das fontes apostólicas repousando à sombra das palmeiras, esse também já se fez capaz de receber a Deus. Pois a pedra, como diz o Apóstolo, é Cristo, seca e resistente para os que não crêem; porem se alguém aproxima o bastão da fé, se converte em bebida para os sedentos e flui dentro de quem a recebe. Pois diz: Eu e meu Pai viremos e faremos nele morada (Jo 14, 23). Tampouco devemos deixar de considerar isto: depois de atravessar o mar e ter sido adoçada a água para os caminhantes da virtude; depois daquele delicioso acampamento junto às fontes e às palmeiras, e depois de beber da pedra se ter esgotado totalmente as provisões trazidas do Egito, caiu do alto sobre eles um alimento simples e ao mesmo tempo variado. De fato, seu aspecto era simples, porem sua qualidade era variada, acomodando-se convenientemente a cada um segundo a natureza de seu desejo (Ex 16, 2-16). Que aprendemos com isto? Aprendemos com que purificação convém que cada um se limpe da vida egípcia e estrangeira até o ponto de esvaziar totalmente o odre da própria alma de todo o alimento impuro preparado pelos egípcios, e receber assim, com alma limpa, em um só, o alimento que vem do alto: um alimento que não se fez brotar para nós de uma semente mediante seu cultivo, senão que é um pão preparado, sem semente e sem cultivo, que, descendo do céu, aparece sobre a terra. Pelo simbolismo da narração sabes perfeitamente qual é este alimento verdadeiro. O pão que desce do céu (Jo 6, 51 e 6, 31) não é uma coisa sem corpo. Pois como poderia uma coisa incorpórea converter-se em alimento

para o corpo? O que não é incorpóreo, evidentemente, é corpóreo. Pois bem, o corpo deste pão não foi produzido pela terra, nem pela semente, mas a terra, permanecendo tal qual é, se encontra cheia deste divino alimento que recebem os que têm fome, havendo conhecido previamente o mistério da Virgem através deste prodígio. Este pão, não produzido pelo cultivo da terra, é também a palavra que, graças à diversidade de suas qualidades, adapta sua força às capacidades dos que comem (Sb 15, 21).

Capítulo 20

Na verdade, não só tem sabor de pão, como se converte também em leite e em carne e em legumes e em tudo aquilo que se adapte e seja apetecível para quem o recebe, como ensina o divino apóstolo Paulo, que preparou aos seus uma mesa assim, convertendo a palavra em comida sólida e de carne para os mais perfeitos, em legumes para os mais frágeis, e em leite para as crianças (Rm 14, 2 e 1Co 3, 2 e Hb 5, 12). As maravilhas que nos mostra a história em torno daquele alimento são ensinamentos para a vida virtuosa. Pois diz que a todos se oferecia uma participação igual no alimento, e que a diferença de forças em quem o recolhia não implicava em excesso ou em falta do necessário. Isto, a meu ver, é um conselho oferecido a todos: que quem procura as coisas materiais necessárias para viver não ultrapasse os limites da necessidade, mas que saiba bem que, para todos, a medida natural do alimento é a satisfação da necessidade diária. Ainda que se preparem muito mais coisas que o necessário, o estômago não tem uma natureza capaz de ultrapassar suas próprias medidas, nem de se dilatar conforme a abundância do preparado, mas que, como diz a história, nem o que colhia mais tinha de sobra, não tinha, de fato, onde guardar a sobra, nem o que colhia pouco estava desprovido, pois a necessidade se reduzia acomodando-se ao encontrado. Enquanto para os que guardavam o supérfluo, o excesso se convertia em viveiro de vermes. Com isto a Escritura indica de algum modo aos avarentos que todo o supérfluo amontoado pela paixão da avareza, no dia seguinte, isto é, na vida futura, se converterá em vermes para quem o reuniu. Ao ouvir isto, sabes perfeitamente que com este verme se designa o verme que não tem fim, gerado pela avareza. O fato de que o guardado só se conserve livre da corrupção no sábado introduz um conselho: que existe um tempo em que convém utilizar o trabalho de possuir aquelas coisas que, entesouradas, não se corrompem; elas nos serão proveitosas quando, havendo concluído esta vida de preparação, depois da morte, nos encontremos no descanso. Não é por acaso que o dia anterior ao sábado é chamado - e é realmente - parasceve, dia de preparação para o sábado.

Capítulo 21

Este dia é esta vida na qual nos preparamos as coisas da vida futura. Nela, nenhum dos trabalhos que realizamos agora é factível: nem a agricultura, nem o comércio, nem a milícia, nem nenhum outro trabalho no qual agora nos afanamos, senão que vivendo em um total repouso destes trabalhos, recolheremos os frutos das sementes que tivermos semeado durante esta vida. Frutos incorruptíveis, se eram boas as sementes desta vida; corruptíveis e funestos, se assim no-las houver produzido a lavoura da vida. O que semeia para o espírito - diz - do espírito recolherá vida eterna; o que semeia para a carne, da carne recolherá corrupção (Ga 6, 8). Por esta razão, a Lei chama parasceve com propriedade e só considera como tal a preparação para melhor, desde que o que ela entesoura é incorrupção; seu oposto não é parasceve e nem recebe este nome. Com efeito, ninguém chamaria com propriedade preparação à privação do bem, senão falta de preparação. Por esta razão, a história prescreve aos homens só a preparação endereçada ao melhor, dando a entender com seu silêncio aos discretos, em que consiste o contrário. Da mesma forma que nos alistamentos militares, o chefe da expedição entrega primeiro as provisões e depois dá o sinal de guerra, assim também os soldados da virtude, depois de haverem recebido a provisão mística, marcham para a guerra contra os estrangeiros, dirigindo a batalha Josué, sucessor de Moisés. Vês com que coerência prossegue a narração? Enquanto o homem está muito debilitado, maltratado pela perversa tirania, não afasta por si mesmo o inimigo. Tampouco pode. Outro é que se faz companheiro de combate dos fracos, o que fere o inimigo com sucessivos golpes. Porem, uma vez que tenha sido libertado da escravidão dos opressores, e tenha sido adoçado com o lenho, e tenha descansado da fadiga no acampamento das palmeiras, e tenha reconhecido o mistério da pedra, e tenha participado do alimento do céu, então não afasta o inimigo pelas mãos de outro, mas como quem abandonou o tempo da infância e alcançou a altura da juventude, ele mesmo luta corpo a corpo contra os adversários, sem ter já como general Moisés, o servo de Deus, mas o próprio Deus do qual é servo Moisés (Dt 34, 5 e Ex 14, 31). Com efeito, a Lei, dada como sombra e figura dos bens

que estavam por vir (Hb 8, 5), é inadequada para as verdadeiras batalhas. Aquele que é a plenitude da Lei e sucessor de Moisés, que foi prenunciado na igualdade de nome de quem então mandava, esse dirige agora a batalha. O povo, quando vê levantadas as mãos do Legislador, avantaja-se sobre o inimigo no combate; se as vê caídas, cede (Ex 8, 5). Ter Moisés as mãos elevadas significa a contemplação da Lei através do sentido espiritual; o deixá-las cair para a terra, a pobre exegese presa ao solo, e a observação da Lei segundo a letra. O sacerdote sustenta as mãos de Moisés que se tornaram pesadas, ajudado neste trabalho por um membro da família. Nem mesmo isto é alheio à coerência das coisas que estamos contemplando. De fato, o sacerdote verdadeiro, graças à palavra de Deus que está unida a ele, conduz novamente para o alto as energias da Lei, caídas à terra pelo peso da interpretação judia, e apóia na pedra - como em um fundamento -, a Lei que cai, de forma que esta, como sugere a figura formada pelas mãos estendidas, mostra a quem as vê qual é seu sentido. Efetivamente, para aqueles que sabem ver, o mistério da cruz aparece constantemente na Lei. Por esta razão diz o Evangelho em algum lugar que não passará um jota ou um til da lei (Mt 5, 18), significando com isto o traço horizontal e o acento perpendicular com que se desenha a figura da cruz. Essa mesma cruz, mostrada então em Moisés - que é figura da Lei -, se erguia como bandeira e causa de vitória para os que a olhavam.

Capítulo 22

A narração conduz nossa consideração, uma vez mais, ao mais alto da virtude em uma contínua subida. Aquele que foi fortalecido pelo alimento, e mostrou sua força na luta corpo a corpo com os inimigos, e venceu seus oponentes, é levado agora àquele inefável conhecimento de Deus, àquela teognosia. A narração nos ensina com isto, quais e quantas coisas é necessário ter chegado a bom termo na vida para nos atrevermos a nos aproximar, com o pensamento, da montanha da teognosia, suportar o fragor das trombetas, penetrar nas trevas onde está Deus, gravar nas tábuas os divinos mandamentos e se, por causa do pecado, se quebrarem aquelas tábuas, apresentar de novo a Deus as tábuas polidas a mão, para que os caracteres que foram destruídos nas primeiras sejam desenhados novamente pelo dedo divino. Talvez seja melhor adaptar nosso conhecimento à interpretação espiritual, seguindo passo a passo a ordem da narração. Quem segue Moisés e a nuvem, pois ambos servem de guia aos que avançam na virtude, Moisés representaria aqui os preceitos da Lei, e a nuvem a interpretação espiritual da Lei que nos serve de guia, quem com mente purificada na passagem da água depois de haver matado e apartado de si o que era estrangeiro experimentou a água de Mara, isto é, a água da vida afastada dos prazeres, a qual primeiro parece amarga e sem sabor aos que a experimentam, porem regala com uma sensação doce a quem aceitou o lenho; quem depois disto se deleitou com a beleza das palmeiras e das fontes evangélicas e da água viva (Jo 4, 11) que é a pedra; quem foi saciado recebendo em si mesmo o pão do céu (Jo 6, 32) e lutou valentemente contra os estrangeiros, cuja vitória foi causada pelas mãos levantadas do Legislador que prefiguram o mistério da cruz, este é levado à contemplação da natureza que tudo transcende. O caminho que o conduz a este conhecimento é a limpeza, não só do corpo, purificado com algumas aspersões, mas também a das vestes, lavadas de toda mancha com água. Isto significa que é necessário que quem está a ponto de ascender à contemplação dos seres esteja completamente limpo, de forma que seja puro e sem mancha na alma e no corpo, havendo lavado as manchas igualmente de uma e de outro. Assim apareceremos puros a quem vê o

secreto (Mt 6, 4) e o decoro exterior estará de acordo com a disposição interna da alma. Por ordem de Deus, as vestes são lavadas antes de subir a montanha (Ex 19, 10), indicando-nos com o simbolismo das vestimentas o decoro exterior da vida. Com efeito, ninguém diria que uma mancha exterior do vestido se converte em obstáculo para a subida de quem se aproxima de Deus, a menos que com vestido se aluda convenientemente - penso - ao exterior das ocupações desta vida. Feito isto, e havendo afastado da montanha o mais possível o rebanho dos irracionais, Moisés empreende a ascensão aos mais altos conhecimentos (Ex 19, 13). O não ter permitido a nenhum ser irracional aparecer na montanha significa, a meu ver, que na contemplação das realidades espirituais se transcende o conhecimento que provem da sensibilidade. De fato, é próprio dos seres irracionais deixar-se guiar pelos sentidos sem refletir. O sentido da visão é o guia dos sentidos; muitas vezes o ouvido desperta o impulso para alguma coisa. Todas as coisas através das quais se ativa a sensibilidade, têm um amplo espaço nos irracionais. Ao contrário, a contemplação de Deus não tem lugar nem no âmbito do que se vê, nem no âmbito do que se ouve. Não se prende e nenhum dos conceitos habituais. Nem o olho viu, nem o ouvido ouviu. Não consiste em nenhuma das coisas que ordinariamente sobem até o coração do homem (1Co 2, 9). Quem tenta ascender ao conhecimento das coisas do alto, deve limpar previamente seus costumes de todo impulso sensível e irracional, purificar qualquer opinião proveniente de um preconceito anterior ao pensamento, e afastar-se da relação ordinária com a própria companheira, isto é, com a sensibilidade que, de certa forma, está unida a nossa natureza como esposa e companheira. E purificado dela, enfrentar assim a montanha.

Capítulo 23

A montanha verdadeiramente escarpada e de difícil acesso designa o conhecimento de Deus: a teologia. A turba apenas alcança chegar trabalhosamente até sua base. Porem, se se trata de algum Moisés, talvez suba um grande trecho, suportando no ouvido o fragor das trombetas que, como diz o texto da narração, se faz mais forte quanto mais se avança (Ex 19, 19). Efetivamente, a pregação em torno da natureza divina é trombeta que golpeia o ouvido; parece já forte no começo, se faz maior e mais forte para o ouvido nas etapas finais. A Lei e os profetas proclamaram o mistério divino da Encarnação, porem as primeiras vozes eram muito débeis para alcançar os ouvidos dos indóceis. Por esta razão, a dureza de ouvidos dos judeus não percebeu o som das trombetas. Ao avançar, as trombetas, como diz o relato, se fazem mais fortes. Os últimos sons, emitidos através das pregações evangélicas, golpeiam os ouvidos pois, através destes instrumentos, o Espírito ressoou com maior clareza para aqueles que vieram depois, e produziram um ruído mais vigoroso. Os instrumentos que clamam no Espírito são os profetas e os apóstolos. Como diz a salmodia, seu clamor chegou a toda a terra e suas palavras aos confins do mundo (Sal 18, 5). Que a multidão não tenha podido suportar a voz que vinha do alto e tenha encarregado Moisés de conhecer por si mesmo os mistérios ocultos e comunicar ao povo a doutrina que houvesse aprendido através do ensinamento divino (Ex 19, 23-24), também isto está entre as coisas praticadas na Igreja: nem todos se lançam à compreensão dos mistérios mas elegem entre eles quem possa perceber as coisas divinas, prestam-lhe ouvidos confiantemente e tomam como digno de fé tudo quanto ouçam aqueles que tiverem sido iniciados nos mistérios divinos. Não todos - diz - são apóstolos, nem todos profetas (1Co 12, 29). Isto não está sendo observado muito hoje nas igrejas. Muitos que têm necessidade de se purificar de ações passadas, sem lavar-se e ainda com manchas em torno de suas vidas, colocando ante si mesmos a irracionalidade do sensível, cometem a ousadia de tentar a divina ascensão. Daí serem apedrejados por seus próprios raciocínios. Com efeito, as opiniões heréticas são realmente pedras que matam o próprio inventor de doutrinas

perversas. Que significa o fato de Moisés penetrar as trevas e nelas ver Deus? O que se narra aqui parece contrário à primeira teofania (Ex 20, 21). Pois então a divindade foi vista na luz; agora, nas trevas. Não pensemos que isto destoa quanto à coerência com o que consideramos em nossa interpretação espiritual. Através disto, o texto nos ensina que o conhecimento da piedade, no começo, se faz luz em quem o recebe. De fato, concebemos como trevas o contrário da piedade, e o afastamento das trevas é produzido pela participação na luz. Mas a seguir a mente, avançando na compreensão do conhecimento dos seres mediante uma atenção sempre maior e mais perfeita, quanto mais avança na contemplação, tanto mais percebe que a natureza divina é invisível. Em conseqüência, abandonando tudo o que é visível, não só tudo o que está no campo da sensibilidade, mas também tudo quanto a inteligência parece ver, marcha sempre para o que está mais oculto, até penetrar, com o trabalho intenso da inteligência, no invisível e incompreensível, e ali vê Deus. Nisto consiste o verdadeiro conhecimento do que buscamos, em ver no não ver, pois o que buscamos transcende todo o conhecimento, totalmente circundado pela incompreensibilidade como por trevas. Por esta razão disse o elevado João que esteve nas trevas luminosas: A Deus nunca ninguém viu (Jo 1, 18), definindo com esta negação que o conhecimento da essência divina é inacessível não só aos homens, senão também a toda natureza intelectual.

Capítulo 24

Assim pois, quando Moisés cresce em conhecimento, confessa que vê Deus nas trevas, isto é, que agora sabe que a Divindade, por sua própria natureza, é algo que supera todo conhecimento e toda compreensão. Moisés - disse - entrou nas trevas, onde estava Deus (Ex 20, 21). Que Deus? Aquele que fez das trevas seu esconderijo (Sal 17, 12), como disse Davi, o qual foi iniciado nos mistérios secretos no mesmo santuário. Chegando ali, Moisés recebe de novo por meio da palavra os mandamentos que recebeu por meio das trevas, para que - assim creio -, nos confirmasse os ensinamentos sobre estas coisas com o testemunho da palavra divina. Pois em primeiro lugar, a palavra divina proíbe que os homens comparem a Divindade com alguma das coisas conhecidas, porque todo conceito, elaborado pelo entendimento com uma imagem sensível para conhecer e alcançar a natureza divina, dá uma imagem falsa de Deus, e não dá a conhecer o próprio Deus. A virtude da piedade tem dois aspectos: o que concerne a Deus e o que concerne à retidão dos costumes, pois a pureza de vida é uma parte da piedade. Moisés, ao aprender em primeiro lugar o que é necessário saber a respeito de Deus, que conhecê-lo consiste em não formar nenhuma idéia dEle a partir das coisas conhecidas segundo a forma humana de conhecer, entende também a outra face da virtude, ao aprender com que modo de viver se conduz retamente a vida virtuosa. Depois disto Moisés chega à tenda não feita por mão de homem. Quem o seguirá em seu caminhar através destas realidades e em seu elevar-se a tal altura com a mente, a ele, que subindo mais e mais, se eleva constantemente acima de si mesmo em ascensão às coisas mais altas? Primeiro abandonou a base da montanha, separando-se daqueles que careciam de forças para a ascensão. Depois, tendo chegado ao alto da subida, agüenta nos ouvidos o fragor das trombetas. Depois destas coisas, penetra no santuário secreto da teognose. Porem tampouco aqui permanece quieto, mas ascende até a tenda não feita por mão de homem (Hb 9, 11). Pois quem se elevou com tais ascensões encontra aqui o término. Parece-me que a trombeta celeste, interpretada de outra forma, se converte, para quem a ouve, em guia do caminhar até o que não está feito

por mão de homem. Pois a harmonia das maravilhas existentes no céu grita a sabedoria divina que resplandece no universo e proclama por meio das coisas visíveis a grande glória de Deus, conforme o que foi dito: os céus proclamam a glória de Deus (Sal 18, 2). Esta, com a claridade e sonoridade de seu ensinamento, se converte em trombeta de grande voz, como disse um dos profetas: o céu fez soar a trombeta no alto (Eclo 45, 20). Quem purificou o ouvido do coração e o tornou sensível, depois de acolher este som - refiro-me ao que se origina da contemplação dos seres e que leva ao conhecimento do poder divino -, é guiado por ele até penetrar com o pensamento ali onde está Deus. Isto é chamado trevas pela Escritura, para indicar, como dissemos, o incognoscível e o invisível; tendo chegado ali vê aquela tenda não feita por mão de homem e mediante uma imitação material a dá a conhecer aos que estão abaixo.

Capítulo 25

Como era, pois, aquela tenda não feita por mão de homem, que foi mostrada a Moisés no alto da montanha, recebendo ordem de tomá-la como modelo para dar a conhecer, através de uma obra feita a mão, a maravilha não feita por mão de homem? Olha - disse - farás todas as coisas conforme o modelo que te foi mostrado na montanha (Ex 25, 40). Colunas de ouro apoiadas em bases de prata e adornadas também com capitéis de prata. Depois outras colunas cujos capitéis e cujas bases eram de bronze e o corpo do meio de prata. Todas tinham um suporte de madeira incorruptível e em toda sua volta se espalhava o resplendor próprio destes materiais de construção. Havia também uma arca de ouro puríssimo, que resplandecia do mesmo modo; o apoio do revestimento de ouro era também de madeira incorruptível. Alem disso um candelabro: único em sua base, mas dividido no alto em sete braços e sustentando em seus braços igual número de lâmpadas. Ouro era a matéria do candelabro, e seu interior não era oco, nem estava chapeado na madeira. Alem destas coisas, o altar, o expiatório e os querubins cujas asas davam sombra à arca (Hb 9, 5). Todas estas coisas eram de ouro; o ouro não só dava o brilho de ouro à superfície, mas era ouro maciço que estava inclusive no interior dos objetos. Havia ainda tapetes de diversas cores, tecidos com arte, com flores diversas abrindo-se entrelaçadas entre si como adorno do tecido. Com estes tapetes se separava o que, na tenda, era visível e acessível para alguns ministros sagrados, e o que estava vedado e era inacessível. O nome da parte anterior era o Santo, e o da parte secreta Santo dos Santos (Ex 26, 33). Enfim havia pias, incensários, a cobertura exterior das tendas, e tecidos de crinas e peles tingidas de vermelho; e todas as outras coisas que Moisés expôs com palavras (Ex 30, 18). Quem poderia compreendê-las com exatidão? Que realidades não feitas por mão de homem estas coisas imitam? Que proveito recebem os que vêem a imitação material daquelas coisas que foram contempladas ali por Moisés? Parece-me oportuno deixar a interpretação exata destas coisas a quem tem o poder de investigar as profundezas de Deus por meio do Espírito (1Co 2, 10), se há alguém que possa manifestar os mistérios no Espírito, como diz o Apóstolo (1Co 14,

2). De nossa parte, propomos hipoteticamente nossa interpretação destes assuntos, e a submetemos ao bom sentido de quem a ouça, deixando sua aceitação ou seu repúdio ao parecer de quem a examine.

Capítulo 26

Posto que Paulo nos revela em parte o mistério contido nestas coisas, tomando quanto já se disse como simples ponto de partida, dizemos agora que Moisés foi instruído profeticamente, em figuras, sobre o mistério da tenda que abrange o universo. Esta tenda é Cristo, força de Deus e sabedoria de Deus (1Co 1, 24), cuja própria natureza não é feita por mão de homem, mas que permitiu ser feito, quando foi conveniente que este tabernáculo fosse construído entre nós. Assim esta tenda é de certa forma incriada e criada: incriada em sua preexistência; vem a ser criada ao receber esta existência material.

Capítulo 27

O que foi dito não parecerá obscuro a quem acolheu com retidão o mistério de nossa fé. Há certamente um só ser entre todos, que existia antes dos séculos e que foi criado nos últimos tempos, embora não tivesse necessidade de ser criado no tempo (Col 1, 17). Com efeito, como teria tido necessidade de nascimento temporal Aquele que existia antes dos tempos e dos séculos? Por nós, que por causa de nossa inconsideração nos havíamos afastado do ser, aceitou ser criado como nós para levar novamente a ser ao que se havia afastado do ser. Este é o Deus Unigênito, que abarca em si mesmo o universo, e que plantou sua tenda de campanha entre nós (Jo 1, 14). Ao ouvir chamar tenda a um bem tão elevado, não se turbe o amigo de Cristo, como se com o significado desta expressão se diminuísse a grandeza da natureza de Deus. Não existe nenhum outro nome digno para expressar esta natureza, pois todos são igualmente incapazes de uma definição adequada, sejam aqueles que valorizamos pouco, sejam aqueles com os quais cremos vislumbrar algo da grandeza dos conceitos. Assim como todos os demais nomes, cada um com significado parcial, são empregados piedosamente para indicar o poder de Deus - como médico, pastor, protetor, pão, videira, caminho, porta, mansão, água, pedra, fonte e todos os demais nomes que se usam para Ele -, assim também agora, o chamamos tenda em um sentido digno de Deus. De fato, o poder que contem o universo inteiro, no qual habita toda a plenitude da divindade (Col 2, 9), a proteção comum de tudo, que abrange o universo, é chamado tenda com todo o direito. Porem é necessário que a visão esteja em harmonia com este nome, isto é, que cada uma das coisas vistas nos leve à consideração de um conceito digno de Deus. E posto que o grande Apóstolo diz que o véu da tenda inferior é a carne (Hb 10, 20) por estar tecida de fios diferentes que indicam - penso - a substância dos quatro elementos, talvez também ele tenha tido a visão da tenda nos santuários celestiais, quando por meio do Espírito lhe foram revelados os mistérios do paraíso (2Co 12, 4), será oportuno, partindo desta interpretação de uma parte, harmonizar com ela a contemplação da toda a tenda. O simbolismo

da tenda pode ser esclarecido por meio das mesmas palavras do Apóstolo. Pois em algum lugar diz do Unigênito, ao que conhecemos designado como tenda: Tudo foi criado por Ele, as coisas visíveis e as invisíveis, os tronos, as potestades, os principados, as dominações, as virtudes (Col 1, 16).

Nem sequer o fato de que o resplendor que ilumina a alma do profeta se ascende de um arbusto de espinhos (Ex 3, 1-6) é inútil em nossa busca. De fato, se Deus é a verdade (Jo 14, 6; 8, 12), e a verdade é luz, e a palavra do Evangelho utiliza estes nomes sublimes e divinos para o Deus que se nos manifestou através da carne, conclui-se que este caminho da virtude nos conduz ao conhecimento daquela luz, que desceu até a natureza humana, que não brilha com a luz que se encontra nos astros para que não se pense que seu resplendor provem da alguma matéria que ali está oculta, mas sim com a luz de uma sarça da terra, que com seus resplendores ilumina mais que todos os astros do céu. Esta passagem nos ensina o mistério da Virgem: a luz da divindade, que graças a seu parto, ilumina a vida humana, guardou incorrupta a sarça que ardia sem que a flor da virgindade se secasse no parto. Com esta luz aprendemos o que devemos fazer para permanecer dentro dos resplendores da luz verdadeira: que não é possível correr com os pés calçados até aquela altura da qual se contempla a luz da verdade, mas que é necessário despojar os pés da alma de seu invólucro de peles, morto e terreno, com o qual foi revestia a natureza no princípio, quando fomos despidos por causa da desobediência à vontade divina (Gn 3, 21). Se fizermos isto, seguir-se-á o conhecimento da verdade, pois ela manifestará a si mesma, já que o conhecimento do que é, se converte em purificação da opinião em relação ao que não é. A meu ver, esta é a definição da verdade: não errar no conhecimento do ser. O erro é uma ilusão que se produz no pensamento a respeito do que não é, como se o que não existe tivesse consistência, enquanto a verdade é um conhecimento firme do que verdadeiramente existe. E desta forma alguém, depois de ter passado muito tempo em solidão embebido em altas meditações, conhecerá com esforço o que é verdadeiramente existente – aquilo que tem ser por sua própria natureza -, e o que é o não existente, isto é aquilo que tem ser só em aparência, ao ter uma natureza que não subsiste por si mesma (Ex 3, 14). Julgo que o grande Moisés, instruído pela

teofania, compreendeu então que fora da causa suprema de tudo, na qual tudo tem consistência, nenhuma das coisas que são captadas com os sentidos e que se conhece com o pensamento tem consistência no ser. De fato, ainda que a mente considere diversos aspectos nos seres, o pensamento não vê nenhum deles com tal suficiência que não necessite em nada de outro, isto é, com tal suficiência que lhe seja possível existir sem participar do ser. O que sempre é de igual forma, aquele que nem cresce e nem diminui, aquele que não se move a nenhuma mudança, nem para melhor ou para pior, este é, na verdade, alheio ao pior e não há nada melhor que ele; aquele que é participado por todos e que não fica diminuído com esta participação: este é o que verdadeiramente existe e cuja contemplação é o conhecimento da verdade.

Capítulo 28

Por conseguinte, as colunas reluzentes de prata e recamadas de ouro, os suportes e argolas e aqueles querubins que cobriam a arca com suas asas e todas as outras coisas que contêm a descrição da tenda, se alguém as considera tendo presentes as realidades do alto, são as forças supramundanas que estão na tenda e que, conforme a vontade de Deus, sustenta o universo. Ali estão nossos verdadeiros suportes, que foram enviados para o serviço, por causa dos que hão de herdar a salvação (Hb 1, 14), os quais aderidos a nossas almas como anéis, elevam acima da virtude os que estão Afixados à terra. O texto, que chama querubim ao que cobre com suas asas os objetos secretos colocados na arca da aliança (Ex 25, 18-20), confirma a interpretação que fizemos da tenda. Sabemos que este é o nome das potências que estão em torno da natureza divina, e que Isaías e Ezequiel puderam vislumbrar (Is 6, 2 e Ez 10, 1-17). O fato de que a arca da aliança esteja oculta pelas asas não deve produzir estranheza a quem ouve. De fato, está escrito em Isaías simbolicamente o mesmo em relação às asas. O que aqui se chama arca da aliança, ali é chamado face (Is 6, 2). Em um lugar se oculta com as asas a arca, e em outro a face, significando o mesmo, no meu entender, em ambos os lugares: que é inacessível a contemplação das coisas inefáveis. E se ouvindo falar das lâmpadas que surgem de um só pé e se dividem em muitos braços para que se difunda por toda parte uma luz generosa e abundante, não errarás se entenderes que nesta tenda brilham os variados fulgores do Espírito, como diz Isaías ao dividir em sete as iluminações do Espírito (Is 11, 2 e Ap 4, 5). Quanto ao propiciatório, penso que sequer necessite de interpretação, uma vez que o Apóstolo já colocou a descoberto seu sentido profundo quando disse: A quem Deus propôs como propiciatório (Rm 3, 25). Por altar e incensário, entendo a adoração das criaturas celestes que se realiza continuamente naquela tenda. De fato, diz que não só a língua dos que estão na terra e abaixo da terra (Flp 2, 10), mas também a dos que estão nos céus dirige seu louvor àquele que é Princípio de todas as coisas. Este é o sacrifício agradável a Deus: o fruto dos lábios (Hb 13, 15 e Is 57, 19), como diz o Apóstolo, e o bom perfume das orações (Ap 5, 8). E se entre estes objetos se considera a pele tingida de vermelho e as crinas entrelaçadas, tampouco

se cortará a coerência de nossa interpretação. Na visão das coisas divinas, o olhar profético verá prefixada ali a paixão salvadora, conforme simboliza cada uma das coisas enumeradas: na cor vermelha, o sangue; nas crinas, a morte. No corpo, as crinas estão privadas de sensibilidade; por esta razão se convertem em símbolo apropriado da morte.

Capítulo 29

Quando o profeta considera o tabernáculo celestial, o contempla através destes símbolos. Se depois considera a tenda inferior, posto que muitas vezes a Igreja é chamada Cristo por Paulo, poderíamos entender, com todo o direito, que estes nomes designam os servidores do divino mistério, os que a palavra chama também colunas da Igreja, julgando que estes nomes designam os apóstolos, os mestres e os profetas (Col 1, 18 e 1Co 12, 12 e Ef 1, 23 e Ga 2, 9). Com efeito, não só são colunas da Igreja Pedro, João e Tiago, nem só João Batista foi lâmpada que ilumina, senão que todos os que com seu esforço sustêm a Igreja e os que, por suas obras, se convertem em luminárias, são chamados colunas e lâmpadas (Jo 5, 35). Vós sois a luz do mundo (Mt 5, 14), disse o Senhor aos Apóstolos. E o divino Apóstolo, dirigindo-se a outros, manda novamente que sejam colunas, dizendo : Sede firmes e inquebrantáveis (1Co 15, 58). E edificou Timóteo como coluna formosa, fazendo-o, como disse com suas próprias palavras, coluna e fundamento da verdade (1Tm 3, 15). Neste tabernáculo, vemos oferecidos perpetuamente, de manhã e à tarde, o sacrifício de louvor e o incenso da oração (Hb 13, 15). O grande Davi nos dá a entender isto dirigindo a Deus o incenso da oração em perfume e suavidade, e oferecendo o sacrifício com a elevação das mãos (Sal 140, 2 e Ef 5, 2). Ao ouvir falar de peles, se reconhecerá facilmente os que se purificam da mancha dos pecados na água sacramental. Piscina era João, purificando no Jordão com o batismo de penitência; piscina era Pedro, que conduziu até a água três mil pessoas, e isto de uma só vez; piscina de Candace foi Felipe, e todos os que causam a graça em quantos recebem a participação do dom (At 2, 41 e At 8, 27-40). Talvez não nos afastemos do conveniente se interpretarmos que os tapetes, que unidos entre si rodeiam circularmente a tenda, significam a unanimidade de amor e de paz entre os crentes, pois Davi o entende assim quando diz: Fiz da paz teus limites (Sal 147, 14). A pele tingida de vermelho e as cobertas de crinas para completar o adorno da tenda, poderiam ser entendidas respectivamente como a mortificação da carne de pecado (Rm 8, 3) - da que é símbolo a pele

tingida de vermelho -, e a austeridade da vida em continência, coisas com as quais o tabernáculo da Igreja se embeleza especialmente. As peles, com efeito, que não têm em si mesmas a força vital que provem da natureza, se torna colorida com a imersão na tinta vermelha, a qual ensina que a graça que floresce por meio do Espírito não nasce senão naqueles que deram morte ao pecado em si mesmos. E se com o tecido vermelho se designa no relato o pudor casto, isto deixamos ao juízo de quem queira pensar assim. O trançado de crinas, que proporciona um tecido áspero e grosso, alude à áspera austeridade que debilita nossas paixões familiares. A vida em virgindade, que mortifica a carne de quem assim vive, mostra em si todos estes traços (1Co 9, 27). O fato de que o interior da tenda, que se chama Santo dos Santos, esteja vedado à maioria, não pensamos que destoe da coerência de nossa interpretação. Pois na verdade é coisa santa, e coisa santa entre as santas, intangível e inacessível à maioria, a verdade dos seres. Posto que está colocada na parte mais íntima e secreta da tenda do mistério, nós não devemos nos ocupar inoportunamente do conhecimento dos seres que estão alem de nossa compreensão, crendo sim que o procurado existe, ainda que não seja patente aos olhos de todos, mas que permanece inefável nas regiões secretas do espírito.

Capítulo 30

O olho da alma de Moisés, instruído nestas coisas e em outras semelhantes, purificado pela visão do tabernáculo e elevado por tais maravilhas, novamente ascende ao cume de outros conhecimentos, ao ser instruído sobre as vestimenta sacerdotal. A ela pertencem a túnica, o efod, aquele peitoral que brilhava com os múltiplos fulgores das pedras, o turbante em torno da cabeça e a lâmina (Ex 28, 36) que estava em cima; os calções, as romãs, as campainhas. Depois, por cima de tudo, o oráculo com o juízo, e a verdade que aparece em um e em outro (Ex 28, 30); e, em fim, as correntinhas que unem ambas as partes e nas quais estão inscritos os nomes dos patriarcas. Os nomes mesmo das vestimentas fazem supérflua uma consideração total e particularizada de cada detalhe. Com efeito, que vestes corporais têm como nome juízo, oráculo ou verdade? Isto nos demonstra claramente que a palavra, por meio destas coisas, não nos está descrevendo uma vestimenta perceptível com os sentidos, mas um ornamento da alma tecido com a prática da virtude. Jacinto é a tinta da túnica que cai até os pés. Alguns dos que nos precederam na interpretação dizem que o relato, com esta tinta, designa o ar. De minha parte, não seria capaz de decidir com exatidão se a plenitude desta cor tem algo em comum com a cor do ar. Contudo, não repudio esta interpretação, pois seu sentido é coerente com uma aplicação à vida virtuosa, já que significa que quem quer consagrar-se a Deus e oferecer seu próprio corpo para o sacrifício e converter-se em vítima viva do sacrifício vivo e do culto espiritual (Rm 12, 1), não deve danificar sua alma com a vestimenta de uma vida dissipada e carnal, mas fazer leves como uma teia de aranhas, pela natureza dos costumes, todas as vestes da vida, e aproximar de si o que leva ao alto, o que é leve e aéreo, para tecer de novo esta natureza corporal, de forma que, quando ouvirmos a trombeta escatológica, nos encontremos sem carga e leves à voz de quem convoca e, levantados ao ar, sejamos elevados juntamente com o Senhor (1Ts 4, 17), sem que nenhum peso nos arraste para a terra (1Co 15, 42-44). Quem conforme a exortação do Salmista fez adelgaçar sua alma como a aranha (Sal 38, 12), se revestiu daquela túnica

arejada que vai da cabeça aos pés. Com efeito, a Lei não quer que a virtude esteja mutilada. As campainhas de ouro colocadas entre as romãs designam o esplendor das boas obras. Com efeito, duas são as coisas com as quais se realiza a virtude: com a fé em Deus e com uma vida segunda a consciência. O grande Paulo aplica estas romãs e estas campainhas à vestidura de Timóteo ao dizer que deve ter fé e consciência reta (1Tm 1, 19).

Capítulo 31

Assim pois, que a fé ressoe com som puro e grande na pregação da santa Trindade; que a vida imite a natureza do fruto da romã. Sua aparência é de algo incomestível por estar recoberta com uma casca dura e rugosa, porem seu interior é agradável de ver pela maneira variada e formosa da localização do fruto. E é ainda mais agradável de saborear, por seu doce paladar. O modo de vida sábio e austero não é agradável nem suave aos sentidos, porem está cheio de boas esperanças e amadurecendo tempo oportuno. Quando nosso jardineiro abrir a romã da vida no tempo oportuno e mostrar a beleza do que se guarda nela, então a participação nos próprios frutos será doce para quem os desfrute. Pois diz o divino Apóstolo que toda disciplina no presente não parece trazer gozo, senão tristeza, essa é a primeira impressão de quem toca a romã, porém depois dá um fruto de paz (Hb 12, 11). Esta é a doçura do interior comestível. No texto se ordena que a túnica esteja também com franjas (Ex 28, 35). As franjas são pendentes esféricos colocados no vestido para adorno e não por necessidade. Aprendemos com isto que é necessário medir a virtude não só pelo preceito, mas que devemos buscar também o que está alem do exigido, de forma que se acrescenta ao vestido algo de adorno. Assim se comportava Paulo, que unia de sua parte franjas formosas aos preceitos. Ainda que a Lei prescreva que todos os que servem o altar vivam do altar (1Co 9, 13-14), e que todos os que anunciam o Evangelho vivam disso, ele prega gratuitamente o Evangelho, passando fome, sede e estando nu (2Co 11, 7 e 1Co 4, 11). Estas são as formosas franjas, acrescentadas por nós, que embelezam a túnica dos mandamentos. Ainda mais, em cima da túnica, colocam-se as peças de tela que caem dos ombros e que cobrem até o peito e a espádua, unidas entre si por dois broches em cada lado dos ombros. Estes broches são de pedras que levam gravados os nomes dos patriarcas, seis em cada um. O tecido destas peças de tela é de diversas cores: o jacinto se entrelaça com a púrpura, e o vermelho carmim se mescla com o linho fino; o fio de ouro está entremeado com todas estas cores a ponto de fazer resplandecer uma única formosura em um tecido de tão diversas cores. O

que aprendemos com isto é o seguinte: a parte superior do vestido, que se converte propriamente em adorno do coração, é feita da mescla de muitas virtudes. O jacinto se entrelaça com a púrpura, pois a dignidade real se une à pureza da vida. O escarlate se mescla com o linho, porque o resplandecente e límpido da vida cresce juntando-se com o vermelho do pudor. O ouro que brilha entre estas cores designa o tesouro escondido em uma vida assim.

Capítulo 32

Os nomes dos patriarcas, gravados junto aos ombros, contribuem não pouco a nosso ornamento, pois a vida dos homens se encontra enriquecida com os exemplos de boas obras que eles nos deram. Sobre este ornamento das peças de tela, ainda desce, desde cima, outro ornamento. Os escudos de ouro fixados em cada lado dos ombros, sustentando entre eles um objeto de ouro de forma quadrangular resplandecente com doze pedras colocadas em fila. Quatro filas, cada uma com três pedras. Entre elas não havia nenhuma igual à outra, mas cada uma brilhava com seus resplendores especiais. Esta era a forma destes ornamentos. A interpretação dos escudos pendentes dos ombros designa as duas partes da armadura contra o inimigo. Da mesma forma que a virtude está dirigida, como dissemos a pouco, pela fé e pela boa consciência, uma parte e outra é protegida com a defesa dos escudos, e se faz invulnerável ante os dardos do inimigo graças às armas da justiça a direita e a esquerda (2Co 6, 7). O ornamento quadrado que pende dos escudos de uma e outra parte e no qual, gravados em pedras, estão os patriarcas que dão nome às tribos, designa o véu que protege o coração. O relato nos ensina através das vestes que aquele que afastou o perverso arqueiro com estes escudos, adorna a própria alma com todas as virtudes dos patriarcas, cada um resplandecendo de forma diferente no tecido da virtude. A forma quadrada significa a estabilidade no bem, pois um objeto com esta forma é difícil de desarticular, por estar apoiado uniformemente nos ângulos pela retidão dos lados. As correntinhas com que estes ornamentos se aderem aos braços, parece-me que ensinam que, no que se refere à vida superior, é necessário unir a filo prática à que se realiza na contemplação, de forma que o coração se converte em símbolo da contemplação e os braços das obras. A cabeça adornada por diadema significa a coroa destinada aos que viveram retamente. Ela é adornada com o nome que está gravado na lâmina de ouro (Ex 28, 36) com caracteres indizíveis. Quem está revestido com tais ornamentos não leva calçado a fim de não estar sobrecarregado na estrada, nem ser entorpecido com um revestimento de peles mortas, conforme a interpretação que já fizemos na exegese do acontecimento da montanha. Com efeito, como poderia o calçado ser ornamento dos pés, se já na

primeira iniciação do mistério foi afastado como estorvo para a subida? Aquele que passou através das sucessivas ascensões que consideramos, leva nas mãos as tábuas feitas por Deus e que contêm a Lei divina. Estas se quebram ao chocar-se com a dureza da resistência dos pecadores. A classe de pecado foi a idolatria. Os idólatras haviam esculpido a imagem de um bezerro, que, uma vez destruída por Moisés, foi dissolvida em água que se fez beber os que haviam pecado até que desaparecesse totalmente a matéria que havia sido posta ao serviço da impiedade dos homens (Ex 32, 15- 20). O relato anunciou então, profeticamente, coisas que principalmente aconteceram agora entre nós, em nosso tempo.

Capítulo 33

Pois o erro da idolatria desapareceu completamente da vida, absorvido pelas bocas piedosas dos que realizaram em si mesmos o aniquilamento da matéria da impiedade por meio da confissão da fé. Os mistérios antigamente bem estabelecidos entre os idólatras se converteram em água que flui sem consistência, água que é bebida pelas mesmas bocas que em outro tempo eram seguidoras dos deuses. Assim pois, quando vês que os que antes se ajoelhavam ante esta vacuidade agora destroem e fazem desaparecer as coisas nas quais haviam posto sua confiança, não te parece que o relato anuncia abertamente que um dia todo ídolo será absorvido pelas bocas daqueles que se converteram do erro à piedade? Moisés arma os levitas contra seus compatriotas. E percorrendo o acampamento de um extremo ao outro, dão morte de forma indiscriminada aos que encontram, deixando à ponta da espada a escolha de quem partir ao meio. Ao causar a morte igualmente a todos os que encontra, o que decidia sobre a morte dos que eram suprimidos não era o ser inimigo ou amigo, estrangeiro ou vizinho, parente ou estranho; a mão acometia da mesma forma e atuava igual mente sobre todos os que atacava. Talvez a útil lição que nos oferece este relato seja a de que cai sobre eles um castigo indiscriminado porque todos foram cúmplices com o povo inteiro no mal, e todo o acampamento se havia feito um só homem no sentir. Da mesma forma, quem castiga com açoites alguém surpreendido em um delito golpeia com o chicote a parte do corpo que se lhe põe diante sabendo que a dor de uma parte se estende ao todo, assim também, posto que todo o corpo devia se castigado igualmente por ter estado unido na alma, o chicote atingiu o todo atuando sobre uma parte. Portanto, se a cólera de Deus, ao contemplar a mesma maldade em muitos, não atuou contra todos senão só contra alguns, convém ter em conta que a correção foi feita por causa do amor ao homem; ainda que nem todos tenham sido castigados, com os golpes de alguns todos foram corrigidos para que se afastem do mal. Esta consideração está feita ainda ao fio da literalidade do relato. O sentido espiritual talvez possamos aproveitar do seguinte modo. O Legislador disse

a todos em uma exortação pública: Quem estiver a favor do Senhor, que venha a mim (Ex 32, 26). É a voz da Lei convidando a todos: Se alguém quer ser amigo de Deus, que se faça meu amigo, da Lei, pois efetivamente, se alguém é amigo de Deus, se faz também amigo da Lei. A todos os que se reuniram em torno dele por causa deste chamado, Moisés ordenou tomar a espada contra o irmão, o amigo e o vizinho (Ex 32, 27). Se tivermos presente o contexto da consideração espiritual, entenderemos que todo aquele que presta atenção a Deus e à Lei se purifica com a morte dos costumes que habitam perversamente nele. Com efeito, as palavras irmão, amigo ou vizinho nem sempre são usadas pela Escritura no bom sentido, mas há ocasiões em que o irmão é um estrangeiro, o amigo um inimigo, o vizinho alguém que se levantou como adversário. Entendemos por estes, nossos pensamentos íntimos, cuja vida causa nossa morte, e cuja morte causa nossa vida.

Capítulo 34

Concorda esta interpretação com as coisas já ditas a respeito de Aarão, quando, por ocasião de seu encontro com Moisés, o reconhecemos como o que socorre e protege, o que realiza juntamente com ele os prodígios contra os egípcios. O conhecemos justamente como superior, já que a natureza angélica e incorpórea foi feita antes que a nossa; como irmão, obviamente, pelo parentesco de sua natureza intelectual com nossa natureza intelectual. Existe a objeção de como se pode tomar em seu sentido melhor o encontro de Aarão, que se converteu para os israelitas em servidor da idolatria? Porem, neste lugar, o texto explica claramente o equívoco da "irmandade", pois o significado desta palavra não é o mesmo em todos os lugares, já que toma este nome em sentidos opostos. Um é o irmão que abate o tirano egípcio, e outro o que faz uma cópia do ídolo para os israelitas, ainda que seja idêntico o nome de ambos. Contra irmãos desta classe impunha Moisés a espada. O que ordena aos demais, sem dúvida o estabelece também para si mesmo. A destruição de um irmão desta classe é a aniquilação do pecado. Com efeito, todo o que faz desaparecer o mal metido dentro de si pela sedução do adversário, este matou em si mesmo o que vivia pelo pecado. Nosso ensinamento em torno disto se confirma ainda mais, se colocarmos a relação de alguns outros elementos do relato com a interpretação espiritual. Dissemos, de fato, que foi ordem daquele Aarão que eles se desprendessem de suas arrecadas. O desprendimento destas se converteu na matéria do ídolo (Ex 32, 2-3). Que diremos? Que Moisés havia adornado as orelhas dos israelitas com adorno de arrecadas, que é a Lei, e que o falso irmão, pela desobediência, tira o adorno colocado nas orelhas e faz com ele um ídolo. A primeira entrada do pecado foi o tirar as arrecadas, isto é, a decisão de desobedecer ao preceito. Como julgar a serpente como amiga e vizinha dos primeiros pais, a ela que sugeriu como coisa útil e boa afastar-se do mandado de Deus? Isto é o livrar as orelhas das arrecadas do preceito (Rm 10, 17). Portanto, quem tiver matado tais irmãos, amigos e vizinhos ouvirá da Lei aquela palavra que conta o relato que disse Moisés aos que haviam matado a estes: Cada um de vós

consagrou hoje as suas mãos ao Senhor, matando seu filho, e seu irmão, para vos ser dada a benção (Ex 32, 29). Penso que a recordação daqueles que consentiram no pecado se introduziu oportunamente no discurso. Aprendemos assim que as tábuas feitas por Deus, nas quais havia sido gravada da lei divina, caíram na terra das mãos de Moisés e, quebrando-se pela dureza do solo, Moisés as refaz, embora não sejam inteiramente as mesmas, mas só o escrito nelas. Com efeito, tendo tomado as tábuas da matéria daqui de baixo, as apresenta ao poder de quem grava nelas a Lei, e assim atrai de novo a graça levando a Lei em tábuas verdadeiras, ao haver gravado Deus sua palavra na pedra. Guiados por estas coisas, talvez seja possível alcançar alguma inteligência da providência de Deus em nosso favor. Com efeito, se o divino Apóstolo disse a verdade chamando tábuas os corações (2Co 3, 3), isto é, a parte superior da alma - e sem dúvida diz a verdade aquele que sonda pelo Espírito as profundezas de Deus (1Co 2, 10) -, pode-se deduzir conseqüentemente que, no princípio, a natureza humana estava sem fraturas e era imortal, moldada pelas mãos divinas e embelezada com os caracteres não escritos da Lei, pois fisicamente estava dentro de nós uma vontade conforme à Lei, no afastamento do mal e no honrar à Divindade.

Capítulo 35

Porém depois de aparecer o ruído do pecado, ao que o começo da Escritura chama voz da serpente (Gn 3, 4) e o relato das tábuas chama voz dos que começam um canto na embriaguez (Ex 32, 18), então, as tábuas se quebram ao cair na terra. E o verdadeiro Legislador, aquele de quem Moisés era figura, novamente lavrou para si, de nossa terra, as tábuas da natureza. Pois sua carne, que contem Deus, não foi feita por obra do matrimônio, mas ele mesmo é o escultor da própria carne gravada pelo dedo de Deus. Com efeito, o Espírito Santo desceu sobre a Virgem e a força do Altíssimo a cobriu com sua sombra (Lc 1, 35). Depois deste acontecimento, a natureza foi feita de novo inquebrável, feita imortal pelos caracteres gravados pelo dedo. Dedo é o nome dado muitas vezes pela Escritura ao Espírito Santo (Ex 8, 19 e Dt 9, 10 e Lc 11, 20). Desta forma acontece uma tal transformação de Moisés, tão grande e de tanta glória, que os olhos daqui de baixo não podiam suportar a manifestação daquela glória (2Co 3, 12-4, 6). Quem tiver sido bem instruído no divino mistério de nossa fé não desconhecerá como a interpretação espiritual concorda com o relato. Com efeito, aquele que restaurou nossa natureza destroçada - pelo já dito, sabes bem quem é aquele que curou nossas roturas -, depois de haver elevado novamente a tábua quebrada de nossa natureza a sua primitiva beleza, havendo embelezado com o dedo de Deus, como dissemos, não é já suportável à vista dos indignos, pois pela super abundância de sua glória é já inacessível a quem o olha. Em verdade, quando vier em sua glória, como diz o Evangelho, e todos os anjos com Ele (Mc 8, 38), a duras penas os justos poderão contemplar seu aspecto. Quanto ao que é injusto e ao que pertence à seita judia, como diz Isaías, permanecerá incapaz desta visão. Que desapareça o ímpio - diz - para que não veja a glória do Senhor (Is 26, 11). Seguindo a concatenação das coisas que examinamos, nos deixamos levar à formulação de uma hipótese de interpretação espiritual desta passagem. Voltemos à questão que havíamos proposto: como aquele que viu Deus claramente nestas teofanias, o atestam a palavra divina, quando diz face a face, como quem fala a um

amigo (Ex 33, 11 e 1Co 13, 12), ao chegar aqui, como se nunca tivesse alcançado o que cremos que alcançou pelo testemunho da Escritura, pede a Deus que lhe apareça, como se nunca tivesse visto Aquele que lhe tem aparecido continuamente. A voz do alto acede agora ao desejo do que pede e não lhe recusa a entrega desta graça, porem novamente o leva à desesperança, ao deixar claro que o que ele busca é inalcançável à natureza humana. Apesar disto, Deus diz que há um lugar junto a ele, e nesse lugar uma pedra, e na pedra, uma fenda (Ex 33, 21-23) na qual manda que Moisés se coloque. Depois Deus põe a mão na boca daquela fenda e, passando adiante, o chama. Ao ser chamado, Moisés sai fora da fenda, vê as costas de quem o chamou, e assim parece que viu o procurado, pois se cumpre a promessa da voz divina.

Capítulo 36

Se nos apegarmos à letra, o sentido destas coisas não só permanecerá obscuro a quem o examina, como nem sequer estará livre de uma concepção inverossímil de Deus. Com efeito, parte anterior e parte posterior existem só nas coisas que têm forma, e toda forma é limite de um corpo. Portanto, quem imagina uma figura delimitando Deus, não pensará que Ele está livre de uma natureza corporal. Pois bem, todo corpo é evidentemente composto. O composto é constituído pela concorrência de elementos heterogêneos. Ninguém diria que o composto é indissolúvel. O que se pode dissolver não pode ser imortal. De fato, a corrupção é a dissolução do que é composto. Se tomarmos ao pé da letra as costas de Deus, por via de conseqüência seremos levados necessariamente a um absurdo. De fato, diante e atrás só se dão no que tem forma, e a forma só se dá no que tem corpo. E este, por sua própria natureza, pode ser dividido, posto que todo o composto pode dividir-se. O que pode ser dividido não pode ser imortal. Portanto, quem é escravo da letra pensará como conseqüência que a Divindade está submetida à corrupção. E sem dúvida, Deus é imortal de incorruptível. Mas então, que interpretação alem do sentido literal será coerente com a letra? Se uma parte nos obriga, no contexto do discurso, a buscar outra interpretação das palavras escritas, sem dúvida será conveniente fazer o mesmo com relação ao todo. O que entendemos de uma parte, isso mesmo havemos de tomar necessariamente em relação ao todo, pois não existe um todo se não está composto de partes. Portanto, o lugar perto de Deus, e a pedra neste lugar, e nela o lugar que se chama fenda, e a entrada de Moisés ali, e o estender da mão de Deus até a boca da fenda, e sua passagem, e a chamada, e depois disto a contemplação das costas, tudo isto será considerado de forma mais adequada se seguirmos a norma da interpretação espiritual. Qual é o significado? Que da mesma forma que os corpos pesados, se algo recebe impulso em um plano inclinado, ainda que nada o empurre depois deste primeiro movimento, se não há nada que corte o impulso com um obstáculo, são empurrados por si mesmos para baixo com força pela ladeira

enquanto o plano permanecer inclinado costa abaixo; assim de forma contrária, a alma que se liberta da paixão terrena, se volta leve e veloz, começando a voar desde baixo até às coisas de cima, até o alto. E como nada acima corta seu impulso, pois a natureza do bem atrai a si a quem levanta os olhos para ela, a alma sempre se eleva alem de si mesma, em tenção pelo desejo das coisas celestiais, como diz o Apóstolo, até às coisas que estão adiante (Flp 3, 13), e elevará seu vôo cada vez mais alto. Com efeito, graças ao já conseguido, deseja não renunciar ao que está acima e torna incessante seu impulso às coisas de cima renovando sempre, com o já conseguido, a tenção para o vôo. De fato, o trabalhar da virtude alimenta sua força no cansaço, já que sua tenção não diminui pelo esforço, mas aumenta. Por esta razão dizemos que o grande Moisés, apesar de fazer-se cada dia maior, nunca se deteve no caminho para o alto, nem impôs a si mesmo algum limite até o cume, mas que uma vez posto o pé na escada em cujo cimo estava Deus (Gn 28, 12), como diz Jacob, subiu ininterruptamente ao nível superior, sem cessar nunca de subir, porque sempre há um degrau mais alto do que aquele a que já se chegou.

Capítulo 37

Moisés rechaça o parentesco aparente com a rainha dos egípcios. Faz-se vingador do hebreu. Translada-se a uma vida solitária no deserto, não turbada pelo contato com os homens. Pastoreia ali em si mesmo o rebanho de animais domados. Vê o esplendor da luz. Torna leve sua subida à luz despojando-se do calçado. Conduz à liberdade seus parentes e compatriotas. Vê afundar-se o inimigo, carregado pelas ondas. Permanece sob a nuvem. Sacia a sede com a pedra. Recolhe pão do céu. Depois, com a elevação das mãos, vence o estrangeiro. Ouve a trombeta. Entra nas trevas. Penetra nas estâncias inacessíveis do tabernáculo não feito por mão de homem. Aprende as coisas inefáveis do sacerdócio divino. Destrói o ídolo. Aplaca Deus. Restabelece a lei quebrada pela maldade dos judeus. Resplandece pela glória e, alçado por estas elevações, ainda arde em desejos, e não se sacia de ter mais; ainda tem sede daquele de que foi completamente saciado, e pede obtê-lo como se nunca o tivesse obtido, suplicando a Deus que se revele a ele, não na forma em que ele é capaz de participar dela, mas tal qual Ele é. Este sentimento me parece próprio de uma alma possuída pela paixão do amor à beleza essencial: a esperança não cessa de atrair a partir da beleza que se viu até à que está mais alem, acendendo sempre no que já conseguiu o desejo do que ainda está por conseguir. De onde se conclui que o amante apaixonado da Beleza, recebendo sempre as coisas visíveis como imagem do que deseja, aspira saciar-se com o modelo original desta imagem. E isto é o que quer a súplica audaz que ultrapassa o limite do desejo: gozar da beleza, não através de espelhos e reflexos, mas face a face (1Co 13,12). A palavra divina admite a petição mesmo tempo que a repudia, mostrando em poucas palavras um abismo incomensurável de conhecimento. Com efeito, a magnanimidade de Deus concede a Moisés saciar o desejo, porem não lhe promete nenhum repouso nem fartura desse desejo. Pois não se teria mostrado a si mesmo a seu servo se a visão houvesse sido tal que detivesse o desejo do que via, pois nisto consiste ver verdadeiramente a Deus: em que quem o vê não se sacia jamais em seu desejo. Por isso diz: Não poderás ver meu rosto. Com efeito,

nenhum homem verá meu rosto e seguirá vivendo (Ex 33, 20). O relato diz isto não como se o mostrar-se convertesse Deus em causa de morte para quem o visse. Como poderia a face da vida converter-se jamais em causa de morte para quem se acercasse dela? A menos que, posto que Deus é por essência o que dá a vida, e posto que um traço essencial do conhecimento da natureza divina é o de estar acima de todo o conhecimento, quem pensar que Deus é alguma das coisas agora conhecida, esse não tem vida, pois se desviou do ser dos seres a ponto de, com uma fantasia fora da razão, se pensar que existe. Pois o que verdadeiramente existe é a vida verdadeira. E isto é inacessível ao conhecimento. Se pois a natureza que dá a vida transcende todo o conhecimento, aquilo que é abarcado pelo conhecimento certamente não é a vida. O que não é a vida não tem uma natureza apta para dar a vida. Por esta razão, se dá satisfação ao desejo de Moisés precisamente naquilo que este desejo fica sem satisfação. Com efeito, aprende do que já foi dito que a Divindade, pela própria natureza, é inabarcável, pois não está circunscrita por nenhum limite. Pois se pensássemos a Divindade com algum limite, seria necessário considerar juntamente com o limite o que haveria mais além deste limite. Com efeito, o que está limitado termina certamente em alguma coisa, como o ar é limite dos animais terrestres, e a água é o limite dos aquáticos. E posto que o peixe é rodeado pela água em todas as partes, e o pássaro pelo ar, e o meio da água no caso dos aquáticos e o do ar no caso do pássaro é o marco do limite no ponto extremo que abarca o pássaro ou o peixe ao qual delimitam a água e o ar, assim necessariamente, se pensarmos a Divindade dentro de um limite, é necessário que esteja abarcada por algo heterogêneo a sua natureza, e a lógica mostra que o continente é maior que o contido.

Capítulo 38

Afirma-se que a Divindade é o Bem essencial. Pois bem, o que tem uma natureza distinta do bem é alheio ao bem, e o que é alheio ao bem pertence à natureza do mal. Demonstra-se que o continente é maior que o contido. Segue-se necessariamente que os que julgam que a Divindade está contida em um limite, devem admitir também que está abarcada pelo mal. Sendo evidentemente menor a natureza do contido que a do continente, segue-se a superioridade do mais vasto. Portanto quem encerra a Divindade em um limite estabelece que o bem está dominada por seu contrário. Porem isto é absurdo. Não se pensará, pois, em nenhum limite da natureza infinita. O que não está limitado não tem uma natureza que possa ser compreendida. Eis aqui porque todo o desejo do bem, que atrai para aquela ascensão, cresce constantemente junto com a trajetória de quem se apressa para o bem. Isto é ver realmente a Deus: não encontrar jamais a saciedade do desejo. É totalmente inevitável que quem vir se inflame em desejos de ver ainda mais, precisamente por causa daquelas coisas que é possível ver. E desta forma nenhum limite interromperá o progresso na ascensão a Deus, por não haver limite no bm, nem ser interrompido por nenhuma fartura o aumento do desejo do bem. Qual é aquele lugar perto de Deus? Que é a pedra? E qual é novamente a fenda na pedra? Que é a mão de Deus que tapa a fenda da pedra? Que é a passagem de Deus? Que são suas costas, cuja visão promete Deus a Moisés quando pedia para ver sua face? É necessário que cada um destes dons seja verdadeiramente grande e digno da magnificência do doador, ao ponto de julgar uma promessa mais esplêndida e elevada que todas as teofanias outorgadas já ao grande servidor. Porem, como pode alguém deduzir destas palavras acima com que Moisés pede subir depois de tantas ascensões, e a cuja subida Aquele que faz cooperar todas as coisas para o bem de quem ama a Deus (Rm 8, 28) conduz dizendo: Eis aqui um lugar junto de mim (Ex 33, 21)? Eis aqui uma interpretação que se harmoniza facilmente com as coisas que já consideramos. Ao falar do lugar, não delimita quantitativamente o que lhe mostra, pois não existe medida do

que carece de quantidade, mas conduz o ouvinte ao infinito ilimitado por meio da consideração do limitado por uma medida. O relato parece significar isto: Posto que o desejo te lança ao que está adiante e não tens nenhuma fartura em tua corrida, e o bem não tem limite algum, mas o desejo se orienta sempre àquilo que é ainda maior, há tanto lugar junto a mim, que quem corre nele jamais poderá alcançar o final da corrida. Porem, de outro ponto de vista, a corrida é quietude. Coloca-te - diz - sobre a fenda (Ex 33, 21).

Capítulo 39

Isto é o mais paradoxal de tudo: como a quietude é o mesmo que o movimento. Com efeito, quem corre não está quieto, e quem está quieto não marcha para cima; aqui, ao contrário, o permanecer estável se origina do caminhar para cima. Isto quer dizer que quanto mais sólida e firmemente alguém se mantém no bem, tanto mais consuma a corrida da virtude. Quem é instável e vacilante quanto à base de suas convicções, por carecer de uma segura estabilidade no bem, sacudido pelas ondas e levado de um lado a outro, como diz o Apóstolo (Ef 4,14), ao estar agitado e duvidoso em sua concepção dos seres, jamais alcançará a virtude. Os que sobem uma costa de areia, ainda que dêem grandes passos, fadigam-se com pouco resultado, pois seus pés se afundam sempre juntamente com a areia; se esforçam no movimento, porem deste movimento não obtêm nenhum avanço. Porém se alguém, como diz o salmo, tira seus pés do seio do abismo (Sal 40, 3), e os coloca sobre a pedra, - e a pedra é Cristo, virtude perfeita (1Co 10, 4) -, quanto mais firme e imóvel se faz no bem conforme o conselho de São Paulo (1Co 15, 58), tanto mais veloz corre sua corrida, servindo-se da estabilidade como de asas: em sua marcha para cima, o coração, por sua segurança no bem, lhe serve de asas.

Capítulo 40

Assim pois Deus, ao mostrar a Moisés o lugar, o excita à corrida. Ao prometer-lhe estabilidade sobre a pedra, mostra-lhe a forma de correr este certame divino. Quanto ao espaço que há na fenda, ao que o relato chama buraco, formosamente o interpretou o divino Apóstolo com suas próprias palavras, dizendo que uma morada celestial não feita por mão de homem está preparada, na esperança, para aqueles cuja tenda terrena tenha sido desfeita (2Co 5, 1). Aquele que na verdade tiver consumado a corrida, como diz o Apóstolo (2Tm 4, 7), naquele estádio amplo e espaçoso a que a palavra divina chama lugar, e tiver guardado efetivamente a fé, como diz o símbolo, este, tendo assentado seus pés sobre a fenda, será recompensado com a coroa da justiça pelas mãos do presidente do certame. Este prêmio é chamado pela Escritura de diversas formas. O mesmo que é chamado aqui cavidade da fenda, em outros lugares é chamado jardim de felicidade, tenda eterna, morada junto do Pai, seio do patriarca, terra dos viventes, água do descanso, Jerusalém celestial, reino dos céus, prêmio dos eleitos, coroa de graças, coroa de felicidade, coroa de formosura, torre de poder, banquete de festa, estar sentado junto de Deus, trono para julgar, lugar ilustre, tenda escondida (Gn 3, 23; Lc 16, 9; Jo 14, 2; Lc 16, 22; Is 38, 11; Sal 23, 2; Ga 4, 26; Mt 3, 2; Flp 3, 14; Pr 1, 9 e 4, 9; Is 62, 3; Sal 61, 4; Ap 3, 21; Sal 89, 15; Is 56, 5; Sal 27, 5). Assim pois, dizemos que a entrada de Moisés na fenda designa a mesma realidade que todas estas expressões. Posto que a fenda é interpretada por Paulo como Cristo (1Co 10, 4), e cremos que em Cristo está a esperança de todos os bens, e sabemos, com efeito, que nEle estão todos os tesouros dos bens (Col 2, 3), quem alcançou algum bem, esse certamente está em Cristo, o qual contem todo bem. Quem avançou até este ponto e esteve protegido pela mão de Deus, como pôs em relevo o relato, a mão talvez seja a força de Deus, criadora dos seres, o Unigênito de Deus por meio do qual foram feitas todas as coisas (Jo 1, 3), o qual é também lugar para quem corre; é, segundo sua própria expressão (Jo 14, 6 e 1Tm 4, 7), caminho dos que correm, e é também rocha para quem está firme, e casa para os que alcançaram o repouso, esse

se sentirá chamar, e verá as costas do que chama, isto é: marchará atrás do Senhor Deus (Dt 13, 5), conforme prescreve a Lei. Também o grande Davi, ao ouvir isto, o entendeu, quando diz a quem habita sob a proteção do Altíssimo: Ele cobrirá com suas asas (Sal 91, 4), que é o mesmo que encontrar-se atrás de Deus, pois as asas se encontram nas costas, e grita com relação a si mesmo: minha alma aderiu a Ti, tua direita me sustentou (Sal 53, 9). Vês como concorda o salmo com o relato? Da mesma forma que este diz que a direita protegeu a quem estava aderido a Deus, assim também ali a mão toca em quem espera na fenda a palavra divina, e lhe pede que o siga. Também o Senhor que, ao converter-se em plenitude da própria Lei, recebia a riqueza de Moisés, dirige-se de forma parecida a seus discípulos, e revela claramente as coisas que haviam sido ditas em figuras, quando diz se alguém quer vir atrás de Mim (Lc 9, 23). Não diz: "Se alguém quer ir adiante de Mim". E dirigiu o mesmo convite a quem suplicava pela vida eterna: Vem e segue-me (Lc 18, 22). Pois bem, quem segue vê as costas. Portanto, Moisés, que anseia por ver Deus, recebe o ensinamento de como é possível ver Deus: seguir a Deus aonde quer que Ele conduza, isto é ver Deus. Sua passagem indica que guia a quem o segue. Para quem ignora o caminho, não é possível percorrê-lo com segurança senão seguindo atrás de quem guia. Por esta razão aquele que guia, indo adiante, mostra o caminho a quem o segue, e quem segue não se separará do bom caminho se olhar continuamente para as costas de quem conduz.

Capítulo 41

Quem em seu movimento se deixa levar para os lados, ou se coloca olhando o guia de frente, inventa outro caminho para si, e não aquele que lhe mostra o guia. Por esta razão diz Deus ao que é guiado: Meu rosto não será visto por ti (Ex 33, 20), isto é, não te ponhas de frente a quem te guia, pois obviamente o caminho seria em sentido contrário. O bem não olha de forma oposta ao bem, mas o segue. O que conhecemos como contrário ao bem, isto se o põe de frente. O mal olha para a virtude em sentido contrário; ao passo que a virtude não é olhada de forma oposta pela virtude. Por esta razão, Moisés não olha agora a Deus de frente, mas vê o que está atrás dEle. Pois quem olha de frente não viverá, como atesta a palavra divina: Ninguém verá a face do Senhor e viverá (Ex 33, 20). Vês quão importante é aprender a seguir a Deus: aquele que aprendeu a colocar-se às costas de Deus, depois daquelas altas ascensões e daquelas terríveis e maravilhosas teofanias, já quase na consumação de sua vida, apenas se acha digno desta graça. A quem desta forma segue Deus, não detém nenhuma das contradições suscitadas pelo mal. Pois após isto, nasce a inveja dos irmãos. A inveja, a paixão malvada primordial, pai da morte, primeira porta do pecado, raiz do mal, origem da tristeza, mãe das desgraças, fundamento da desobediência, princípio do paraíso convertendo-se em serpente para dano de Eva. A inveja nos separou com um muro da árvore da vida, nos despojou das vestimentas sagradas e, para vergonha, nos revestiu com folhas de figueira. A inveja armou Caim contra sua natureza, e inaugurou a morte castigada sete vezes. A inveja fez escravo José. A inveja é incentivo portador de morte, arma oculta, enfermidade de nossa natureza, veneno bilioso, putrefação voluntária, dardo cruel, loucura da alma, fogo que abrasa o coração, chama que devora as entranhas. Para ele, é uma desgraça não o próprio mal, mas o bem alheio e, vice versa, é um bom sucesso não o bem próprio, mas o mal do próximo. A inveja, que se entristece com os êxitos dos homens e se alegra com suas desgraças. Dizem que os abutres, devoradores de cadáveres, são aniquilados pelo perfume, pois sua natureza se fez afim do insalubre e pútrido. Assim também quem

está dominado por esta enfermidade se consome com a boa sorte do próximo como com a presença de um perfume, e ao ver algum sofrimento por alguma desgraça, revoa sobre ele, e mete seu bico torcido, trazendo à luz os aspectos ocultos da desgraça. A inveja atacou a muitos antes de Moisés. Arrojando-se contra este grande homem, se pulveriza como um vaso de argila estraçalhado contra uma pedra. Nisto, sobretudo, se mostrou o prêmio de caminhar atrás de Deus como fez Moisés; ele havia corrido no lugar divino, havia permanecido firme sobre a fenda e, metido em seu vão, havia sido protegido pela mão de Deus, e havia marchado atrás de quem guiava, sem vê-lo face a face mas olhando suas costas. E que ele alcançou por si mesmo a felicidade ao seguir a Deus se demonstra por ter se mostrado mais elevado que um tiro de arco. A inveja, com efeito, enviou seu dardo contra ele, porem o tiro não alcançou a altura em que se encontrava Moisés. A corda do arco da maldade não teve força suficiente para lançar esta paixão tão longe para que o contagiasse esta enfermidade partindo dos que já haviam caído nela. Aarão e Maria, roídos pela paixão da inveja, se converteram em um arco feito de selos de barril lançando contra ele a palavra como um dardo.

Capítulo 42

Porém ele estava tão longe de participar da enfermidade que curou a doença de quem havia adoecido. Não só permaneceu quieto, sem se deixar levar pela vingança contra os que o haviam ferido, mas aplacou a Deus em favor deles, mostrando com sua ação - penso - que quem se encontra bem protegido com o escudo da virtude não é arranhado pelas pontas dos dardos. Ele, com efeito, engrossa a ponta das armas, e a solidez da armadura as faz voltar para trás. A armadura que protege destes dardos é o mesmo Deus, do qual se reveste quem combate pela virtude. Revesti-vos, diz, de nosso Senhor Jesus Cristo (Rm 13, 14 e Ef 6, 13), isto é, da armadura completa, sem fissuras. Moisés, bem protegido por ela, tornou ineficaz o malvado arqueiro. Com efeito, nem ele foi presa de um impulso de vingança contra os que o haviam feito dano, nem depois de eles serem condenados por um juiz irrepreensível, ignorou o que é justo segundo a natureza, mas se fez suplicante diante de Deus em favor dos irmãos. Certamente não haveria de ter feito isso se não tivesse estado atrás de Deus, que lhe havia mostrado suas costas como guia seguro da virtude. As coisas que seguem são parecidas. Posto que o inimigo natural dos homens não encontrou nele campo para o dano, volta a guerra contra os mais fáceis de caçar. E tendo lançado no povo, como um dardo, a paixão da gula, preparou-os para comportar-se ao modo egípcio no que concerne ao paladar, fazendo-os preferir as ansiadas carnes do Egito àquele alimento celestial. Porem ele, mantendo sua alma no alto, sobrevoava acima de semelhante paixão e estava todo inteiro pendente da herança futura, prometida por Deus aos que saíssem do Egito espiritual e marchassem para aquela terra na qual mana leite misturado com mel. Por esta razão constituiu exploradores que informassem dos bens daquela terra. Os portadores de boas esperanças são, a meu ver, as considerações nascidas da fé, que fortalecem a esperança com os bens que estão preparados; os que causam a desilusão das melhores esperanças são os pensamentos que provêm do inimigo, os quais debitam a fé na promessa. Sem levar em conta nenhuma palavra dos adversários, Moisés julgou digno de fé quem dava as

melhores referências acerca daquela terra. Josué era o chefe da melhor exploração e o que com sua autoridade dava credibilidade às notícias. Ao vê-lo, Moisés teve como indubitáveis as esperanças destes bens futuros, tomando o ramo de uvas, transportado por ele em varas, como sinal das riquezas dali (Nm 13, 24). Evidentemente, ao ouvir que Jesus revela aquela terra e que levanta o ramo de videira no madeiro, entendes que coisa confirmava Moisés nas esperanças. O ramo de uvas pendurado no madeiro que outra coisa designa senão o ramo pendente do madeiro nos últimos dias, cujo sangue se converte em bebida salvadora para os crentes? Moisés nos anunciou isto como símbolo, dizendo: Bebiam vinho, sangue da uva (Dt 32, 14), referindo-se por meio disto à Paixão salvadora. Novamente o caminho através do deserto. O povo, que havia perdido a esperança nos bens da promessa, se vê incomodado pela sede.

Capítulo 43

Moisés novamente inunda o deserto para eles por meio da pedra (Nm 20, 2-11 e Ex 17, 1-7). Este relato, em sua interpretação espiritual, nos ensina como é o sacramento da penitência. Com efeito, aqueles que depois de haver experimentado a água da pedra se voltam para o ventre, a carne e os prazeres egípcios, são castigados com a ânsia da participação dos bens. Porem graças ao arrependimento lhes é possível encontrar de novo a rocha que abandonaram, e abrir de novo o veio de água e saciar-se novamente da fonte. A pedra o outorga isto àquele Moisés que acreditou que a exploração de Josué era mais verdadeira que a de seus adversários, que via o ramo de uvas (Jo 15, 1) pendente em nosso favor, e que de novo fez com a vara que a pedra manasse para eles. O povo ainda não havia aprendido a seguir as pegadas da grandeza de Moisés. Ainda se deixa arrastar para baixo, para os desejos servis, e se inclina aos prazeres egípcios. O relato mostra através destas coisas que a natureza humana é propensa a esta paixão acima de todas as demais, capaz de sucumbir à enfermidade por mil caminhos. Moisés, como médico que impede com sua arte que o mal vença sempre, não permite que a enfermidade predomine sobre eles a ponto de causar a morte (Nm 21, 6-9). Posto que a concupiscência de coisas absurdas engendrou serpentes cuja mordida era portadora de morte ao introduzir o veneno em quem era alcançado por seus dentes, o grande Legislador neutralizou com a imagem de uma serpente a força das feras verdadeiras. Talvez seja tempo de revelar mais claramente o enigma. Existe uma só proteção contra estas perversas paixões: a purificação de nossas almas que tem lugar através do mistério da piedade. Entre as coisas que cremos no mistério, é ponto capital a fé na Paixão Daquele que por nós aceitou o padecimento. A cruz, com efeito, é um padecimento; quem olha para ela, como explica o relato, não é atingido pelo veneno da concupiscência (Nm 21, 9 e Jo 3, 15). Olhar para a cruz não é outra coisa que converter a vida inteira de cada um em crucificação e morte ao mundo (Ga 6, 14), inamovível por qualquer pecado, crucificando verdadeiramente as próprias carnes com o temor de Deus, como diz o profeta (Sal 119,

120). O cravo que sujeita a carne é a continência. E posto que a concupiscência de coisas absurdas faz sair da terra serpentes portadoras de morte, - todo rebento da concupiscência é uma serpente-, a Lei nos mostra o que se revela no madeiro. Este é figura de serpente, porem não é serpente, como também disse o grande Paulo: Em semelhança da carne de pecado (Rm 8, 3). A verdadeira serpente é o pecado; quem marcha junto do pecado se reveste da natureza da serpente. Assim pois, o homem é libertado do pecado por aquele que tomou sobre si a aparência de pecado e se fez igual a nós que nos havíamos transformado em imagem da serpente. Por ele é evitada a morte proveniente das mordidas, porem não são aniquiladas as feras. Chamo feras à concupiscência. Com efeito, a má morte dos pecadores não tem força contra aqueles que olham para a cruz, ainda que a concupiscência contra o espírito, que está metida dentro da carne, não tenha sido destruída de tudo (Ga 5, 16-17). Também os crentes se deixam sentir muitas vezes as mordidas da concupiscência, porem quem olha para aquele que foi levantado no madeiro evita a paixão, dissolvendo o veneno com o temor do preceito, como se fosse um antídoto.

Capítulo 44

Que a serpente levantada no deserto é símbolo do mistério da cruz o ensina abertamente a palavra do Senhor quando diz: Da mesma forma que Moisés levantou a serpente no deserto, assim é necessário que seja levantado o Filho do homem (Jo 3, 14). Novamente marcha o pecado por seu caminho habitual, avançando regularmente em uma concatenação malvada, com uma lógica perversa. E o Legislador, como um médico, amplia a cura conforme o progresso do mal. Posto que a mordida das serpentes se havia tornado ineficaz para os que olhavam para a figura da serpente, pelo já explicado entendes bem o simbolismo, aquele que maquina enganos tão diversos contra nós inventa outro caminho para o pecado. Também agora podemos observar que isto mesmo sucede a muitos. Com efeito, muitos que reprimem a paixão da concupiscência por meio de uma vida mais sensata, cheios de soberba, se lançam ao sacerdócio contra o plano de Deus, por esforços humanos e intrigas para ser escolhidos. Aquele a quem o relato acusa de fazer o mal aos homens é o que empurra a esta perversa cadeia de pecados. Com efeito, depois que, por causa da fé naquele que está elevado sobre o madeiro, cessou a terra de dar a luz serpentes contra os que estavam cheios de concupiscência, e eles se acreditaram mais fortes que as mordidas venenosas, então, quando se ultrapassa a paixão relativa à concupiscência, se apresenta a enfermidade do orgulho. Julgando que é pouco estar no lugar em que foram colocados, se lançam à dignidade do sacerdócio, intrigando para afastar aqueles que receberam por sorte esta função sagrada da parte de Deus. Estes desaparecem deglutidos pelo abismo. Os que haviam de seu grupo sobre a terra foram abrasados por raios (Nm 16, 31-35). Penso que com este relato a palavra ensina que o final da exaltação própria do orgulho é a descida para debaixo da terra. Talvez alguém, inspirando-se nestas coisas defina a soberba, não sem razão, como uma subida para baixo. Não estranhes se este pensamento está em contradição com o sentir de muitos. As pessoas pensam que com o nome soberba se designa o estar acima dos demais. A verdade do que foi aqui narrado confirma nossa definição. Com efeito, se

os que se elevaram a si mesmos acima dos demais se afundaram no abismo da terra aberta debaixo deles, talvez ninguém repudie a descrição que define o orgulho como uma caída ao mais baixo. Moisés ensina a quem contempla estas coisas a ser comedidos e a não envaidecer-se com os êxitos, mas a administrar sempre bem o presente. Pois ainda que hajas sido mais forte que os prazeres, não por isso estás isento de ser preso por outra forma de paixão. Toda paixão é uma caída enquanto é paixão. Não há nenhuma diferença de caída na diversidade de paixões: quem resvalou na suavidade do prazer, caiu; e quem foi derrubado pelo orgulho, caiu. Para quem tem inteligência não é desejável nenhuma forma de caída, pois toda caída, enquanto caída, deve ser igualmente evitada. Por esta razão, se agora vês em algum lugar alguém que se purificou da debilidade dos prazeres, porem que se lança de novo com afã ao sacerdócio por julgar que está acima dos demais, pensa que, na mesma elevação do orgulho, o vês cair terra abaixo. No que segue a continuação, a Lei ensina que o sacerdócio é um assunto divino, não humano. O ensina desta forma: Havendo marcado as varas de cada tribo com o nome dos que as haviam oferecido, Moisés as colocou sobre o altar de Deus, de forma que a vara distinguida das outras por um prodígio divino fosse o testemunho da eleição do céu (Nm 17, 6 -11). Feito isto, as varas dos demais permaneceram como estavam, porem a vara do sacerdote, que havia lançado raízes em si mesma não por uma umidade vinda de fora, mas pela força metida por Deus dentro dela, germinou ramos e frutos, e o fruto, - era uma amêndoa-, chegou a amadurecer. Este acontecimento ensinou a todo o povo a permanecer submisso em boa ordem. No fruto que produziu a vara de Aarão, podemos ver como a vida no sacerdócio deve ser continente, severa e dura na manifestação externa da conduta, porem levando por dentro, no oculto e invisível, o fruto que se come, o qual se mostra quando, com o tempo, amadurece o comestível, parte-se a casca rugosa e se abre a envoltura lenhosa do fruto.

Capítulo 45

Se chegasses a saber que a vida de um sacerdote é doce, folgada e cor de rosa, como aqueles que se vestem de linho e púrpura e engordam em mesas esplêndidas (Lc 16, 19), que bebem vinho filtrado, estão ungidos com o melhores perfumes e reúnem para si tudo o que parece suave ao gosto superficial dos que desfrutam de uma vida mole, poderias aplicar com toda exatidão o dito evangélico: olhando o fruto, não reconheço a árvore sacerdotal, pois um é o fruto do sacerdócio e outro muito diferente este (Lc 6, 43-44). Aquele fruto é a continência, este é a moleza; aquele não está alimentado por umidade terrestre, a este regam muitos arroios de prazeres daqui de baixo, graças aos quais nesta hora o fruto de vida se colore de rosa. Uma vez que o povo se tenha purificado também desta paixão, atravessa a vida estrangeira guiando-o a Lei pelo caminho real, sem desviar-se de um lado ou de outro (Nm 20, 17). É perigoso para o caminhante desviar-se para qualquer lado. Quando dois precipícios se estreitam no caminho de um rompente elevado, é perigoso para quem marcha por ele desviar-se para uma parte ou outra, pois o abismo do precipício traga igualmente a quem se desvia de um lado ou de outro; assim a Lei quer que quem segue suas pegadas não abandone o caminho, o qual, como diz o Senhor, é estreito e empinado (Mt 7, 14), isto é, que não se desvie nem à esquerda, nem à direita. Esta palavra, ao definir que as virtudes se encontram no meio, contem este ensinamento: todo vício nasce ou por falta ou por excesso no fazer em relação à virtude. Assim com respeito ao valor, a covardia é uma falta de virtude, e a temeridade um excesso: o que está livre destes extremos se encontra situado no meio dos vícios que se encontram em seus flancos. Isto precisamente é a virtude. Da mesma forma todas as demais coisas se encontram, em sua relação com o bem, no meio de vizinhos perigosos. A sabedoria ocupa o lugar intermediário entre a astúcia e a candura: nem a astúcia da serpente é aprovada, nem a candura da pomba, se tomarmos cada uma delas separadamente em si mesma (Mt 10, 16), pois a virtude consiste na disposição intermediária que modera estas duas. O que está falho de temperança é um libertino, enquanto que quem se excede em sua

prática cauteriza a própria consciência, como declara o Apóstolo (1Tm 4, 2): um, de fato, se entregou voluntariamente aos prazeres, enquanto o outro sente horror ante o matrimônio, como se fosse adultério. A disposição intermediária entre estes dois é a temperança. Posto que, como diz o Senhor, este mundo está sob o poder do maligno (1Jo 5, 19), e para quem segue a Lei tudo quanto se opões à virtude - isto é, a maldade - lhe resulta estranho, aquele que marcha através deste mundo levará a bom termo durante sua vida este caminho da virtude, se não perder a grande estrada, pisada e abrandada pela virtude, sem desviar-se pelo vício para caminhos impraticáveis que estão aos lados. Como já foi dito, a tentação do adversário - que, em qualquer situação, encontra ocasiões para desviar-nos para o mal - cresce juntamente com o progresso da virtude. Na hora que o povo cresceu muito na vida segundo Deus é quando o inimigo tenta atacar com outra forma de tentação segundo o uso de melhores estratégias. Estes quando julgam difícil vencer a frente do exército do inimigo, superior em forças, o combatem com emboscadas e enganos. Por esta razão, a estratégia do mal não apresenta frontalmente sua força contra aqueles que estão robustecidos pela Lei e a virtude, mas realiza a tentação veladamente, com emboscadas. Chama agora a magia como aliada para atacar. O relato diz que era um adivinho e um investigador do vôo das aves, o qual tinha um poder daninho contra os adversários, sem dúvida por alguma força dos demônios. Este estava sendo pago pelo chefe dos madianitas para danar com maldições os que viviam para Deus, porem trocou a maldição em benção (Nm 22, 2-35). Nós, por coerência com nossa exegese anterior, interpretamos que nem sequer a magia tem força contra quem vive na virtude; quem está fortalecido pela ajuda de Deus vence toda tentação.

Capítulo 46

O fato de que o investigador do vôo das aves, que mencionamos, praticava a magia é atestada pelo relato quando diz que tinha o poder de fazer vaticínios na mão e de consultar através das aves e, antes disso, que havia conhecido pelo zurro da jumenta o concernente à rivalidade que tinha diante. A Escritura apresentou o zurro da jumenta como uma palavra articulada, porque ele habitualmente consultava com uma força diabólica as vozes dos animais. Mostra-nos com isto que quem está enredado com este engano dos demônios chega inclusive a tomar como uma palavra racional o ensinamento que encontra na observação dos sons dos irracionais. Ao escutá-la, compreendeu por aquelas mesmas coisas em que havia errado, que era invencível a força contra a qual o haviam alugado. Também na narração evangélica a turba de demônios chamada legião (Mc 5, 9 e Lc 8, 30), se prepara para se opor ao poder do Senhor. Porem quando se aproxima Aquele que tem o poder sobre todas as coisas, a horda proclama seu poder excelso e não oculta a verdade: que este é a força divina, e que em tempo vindouro infligirá o castigo aos pecadores. Pois diz a voz dos demônios: Sabemos quem és: o Santo de Deus, e que vieste antes do tempo a atormentar-nos (Mc 1, 24; 5, 7 e Lc 4, 34-35). Isto é o que sucedeu também então: o poder demoníaco que acompanhava o mago ensinou a Balaan que o povo era invencível e invulnerável. Harmonizando este relato com as coisas que já explicamos, dizemos que quem quer maldizer os que vivem na virtude não pode pronunciar nenhuma palavra hostil nem discordante, mas converte sua maldição em benção. Isto significa que a afronta da difamação não alcança os que vivem na virtude. Com efeito, como pode ser caluniado de avareza aquele que não possui nada? Como será reprochado de libertino aquele que vive só levando uma vida de anacoreta? De cólera aquele que é manso? De orgulho aquele que é humilde? Ou como se dirigirá qualquer outra critica àqueles que são conhecidos pelo contrário, que têm por finalidade apresentar uma vida inacessível à critica a fim de que, como diz o Apóstolo, nosso adversário se envergonhe não tendo nada que dizer (Tt 2,

8)? Por esta razão disse a voz de quem havia sido feito vir para maldizer: como maldiria àquele que não maldiz o Senhor? (Nm 23, 8), isto é, como acusarei quem não oferece matéria de acusação, já que, por olhar sempre para Deus, leva uma vida inacessível ao pecado? Apesar de haver falado isto, o inventor da maldade não cessa em absoluto seu projeto contra os que tentava, mas muda a insídia para sua forma mais antiga de tentar, tentando atrair a natureza para o mal outra vez por meio do prazer. Com efeito, o prazer é apresentado por todo vício como isca que arrasta facilmente as almas sensuais a cair no anzol da perdição. É sobre tudo por meio do prazer impuro que a natureza é arrastada para o mal sem que se controle. É o mesmo que sucede agora. Com efeito, aqueles que haviam prevalecido sobre as armas, que haviam demonstrado que todo ataque de ferro era mais débil que sua própria força, e que com seu poder haviam feito fugir o exército dos inimigos, estes foram feridos pelos dardos femininos através do prazer. E os que haviam sido mais fortes que os varões se converteram em vencidos pelas mulheres. Com efeito, logo que vieram às mulheres que punham ante eles suas próprias formas em vez de armas, imediatamente esqueceram o ímpeto de seu valor, apagando seu ardor no prazer. Eles estavam em uma situação na qual era natural deixar-se levar à união proibida com estrangeiros. Com efeito, a vizinhança com o mal já era um afastamento da ajuda do bem. Imediatamente a Divindade se levantou em cólera contra eles. Porem o zeloso Finéias não esperou que o pecado fosse purificado por uma decisão do alto, mas ele mesmo se converteu em juiz e verdugo (Nm 25, 1-9). Enchendo-se de ira contra quem se havia deixado levar pela paixão, fez as vezes de sacerdote purificando o pecado com sangue: não com o sangue de algum animal inocente, que não tivera parte na imundície da intemperança, mas com o dos que se haviam unido entre si no pecado. Sua lança deteve o movimento da justiça divina ao atravessar de um só golpe os corpos dos dois, mesclando com a morte o prazer dos pecadores. Parece-me que o relato propõe aos homens um ensinamento útil à alma. Através dele aprendemos que, sendo muitas as paixões que se opõem à razão do homem, nenhuma outra paixão tem tanto poder contra nós que possa igualar a enfermidade do prazer. Pois o fato de que aqueles israelitas, que unidos se haviam mostrado mais fortes que a cavalaria egípcia, haviam

superado os amalecitas, haviam parecido temíveis ante o povo que lhes era vizinho e depois destas coisas haviam vencido a falange dos madianitas, hajam caído na escravidão da paixão quando viram as mulheres estrangeiras, mostra bem - como dissemos - que a voluptuosidade é para nós um inimigo difícil de combater e de vencer. Tendo vencido imediatamente, só com seu comparecimento, a homens impetuosos com as armas, a voluptuosidade levantou contra eles a bandeira da desonra, publicando sua infâmia à luz do sol. Pois mostrou que os homens, por sua causa, converteram em animais os que o impulso bestial e irracional à impureza convenceu a que esquecessem de sua natureza humana, a ponto de não encobrir sua impiedade, mas gloriar-se com a infâmia de sua paixão e adornar-se com a imundície da vergonha, chafurdando como porcos na lama da impureza, abertamente, à vista dos demais. Que lição tiraremos deste relato? Que sabedores de quanta força para o mal tem a enfermidade da voluptuosidade, mantenhamos nossa vida o mais afastada possível desta vizinhança, de forma que esta enfermidade, que é como um fogo que com sua proximidade acende a chama perversa, não tenha nenhum acesso a nós. Isto é o que ensina Salomão na Sabedoria ao dizer que não se deve pisar a brasa com o pé descalço e que não se deve introduzir fogo no seio (Pr 6, 27-28), pois está em nosso poder permanecer livres de paixão contanto que nos mantenhamos longe de avivar o fogo. Porem se, ao contrário, chegarmos a tocar este fogo ardente, penetrará em nosso seio o fogo da concupiscência, e então se seguirá a queimadura para o pé e a ruína para o seio.

Capítulo 47

O Senhor no Evangelho, com sua própria voz, para que nos mantivéssemos afastados deste mal, cortou o caminho, como raiz da paixão, da concupiscência que nasce do olhar, quando ensina que quem admite a paixão com a vista, abre, contra si mesmo, a porta da enfermidade (Mt 5, 28). As paixões perversas, como a peste, uma vez que tiverem dominado os pontos chaves, só cessam com a morte. Penso que não é necessário alargar o discurso apresentando ao leitor toda a vida de Moisés como exemplo de virtude. Com efeito, para quem se esforça por uma vida mais elevada, as coisas que já foram ditas servirão de não pequeno alimento para a verdadeira filo, enquanto que quem se encontra sem forças para os trabalhos da virtude não obteriam maior proveito com um escrito mais prolixo. Sem dúvida, para que não se esqueça a definição dada no começo na qual se baseava nosso discurso - que a vida perfeita é aquela à qual nenhum limite impede avançar, e que o constante progresso da vida ao melhor é para a alma o caminho para a perfeição - talvez seja bom que, levando o discurso até o final da vida de Moisés, se demonstre que a definição de perfeição que foi dada está certa. Com efeito, Moisés havendo se elevado durante toda a vida com estas ascensões, não duvidou em elevar-se sempre sobre si mesmo, de forma - penso - que sua vida perece em todas as coisas com a da águia, mais celestial e elevada que as nuvens, voando em círculos na abóbada celeste da ascensão espiritual. Nasceu quando entre os egípcios se tinha como um delito que nascesse um hebreu. Como o tirano castigasse então com a lei, ele foi superior à lei que dava morte, pois foi salvo primeiro por seus progenitores e, depois, pelos que haviam estabelecido a lei. E aqueles que haviam procurado sua morte com a lei, esses não só tomaram sobre si o cuidado de sua vida mas também o de uma educação bem planejada, conduzindo o menino através de toda a sabedoria. Depois disto, faz-se superior à honra humana e mais elevado que a dignidade régia, julgando que era mais forte e mais régio ter, em vez de servidores e da pompa real, a guarda da virtude e adornar-se com sua beleza. Depois disto, salva seu compatriota e fere com um golpe o egípcio,

os quais, considerando-os à luz da interpretação espiritual, entendemos como o inimigo e o amigo da alma. Imediatamente faz do silêncio mestre de elevados ensinamentos, e desta forma ilumina seu espírito com a luz que resplandece da sarça. E então se apressa por fazer seus compatriotas partícipes dos bens que lhe foram dados por Deus. Com isto deu uma mostra dupla de sua virtude: com golpes variados e sucessivos mostrou, frente aos inimigos, sua força defensiva e, a seus compatriotas, sua força benfazeja. Conduz a pé através do mar este povo, sem haver preparado para si uma frota de navios, mas aprovisionando-os para a navegação com a fé como se fosse um navio; faz do abismo terra firme para os hebreus, e da terra firme, mar para os egípcios. Então os cantos de vitória. É guiado pela coluna de nuvem. É iluminado pelo fogo do céu. Prepara uma mesa com alimentos do alto. Sacia a sede com água da rocha. Eleva as mãos para a destruição dos amalecitas. Sobe à montanha. Entra nas trevas. Ouve a trombeta. Aproxima-se da natureza divina. Entra dentro do tabernáculo divino. Organiza o sacerdócio. Constrói a tenda. Regula a vida com leis. Leva a bom termo as últimas lutas da forma que explicamos. Para culminar suas obras retas, castigou a impureza por meio do sacerdócio: isto é o que significa a cólera que, através de Finéias, se levantou contra a paixão. Depois destas coisas, se aproxima da montanha do descanso. Não caminha da terra daqui de baixo até a que, em razão da promessa, olha todo o povo. Ele, que se esforçou por viver do alimento que mana do céu, não experimenta mais um alimento terreno, mas elevado ao alto, acima mesmo da montanha, como um hábil escultor que trabalha a estátua inteira de sua vida, ao término de seu trabalho, pôs fim, sem coroa, à obra. Que diz o relato sobre isto? Que Moisés morreu, servo do Senhor segundo a palavra de Deus, e que ninguém conheceu seu sepulcro; que seus olhos não se apagaram, nem seu rosto se corrompeu (Dt 34, 5-7). Aprendemos que, depois de haver passado por tantos trabalhos, é considerado digno deste nome sublime, a ponto de ser chamado servidor de Deus, que é o mesmo que dizer que foi superior a tudo. Com efeito, nada serviria a Deus se não houvesse chegado a ser superior a tudo o que está no mundo. Para ele, este é o final da vida virtuosa dirigida pela palavra de Deus. A história a chama morte, morte vivente, que o sepulcro não é capaz de conter, sobre a qual

não se levanta um túmulo, que não leva a cegueira aos olhos, nem a corrupção ao rosto.

Capítulo 48

Que aprendemos com estas palavras? A ter um só fim durante a vida: ser chamados servidores de Deus por nossas ações. Assim pois, quando tiveres vencido todos os inimigos, - o egípcio, o amalecita, o idumeu, o madianita -, quando tiveres atravessado o mar, quando tiveres sido iluminado pela nuvem, quando estiveres adoçado pelo lenho, quando tiveres bebido da rocha, quando tiveres provado o alimento do manjar celestial, e pela pureza e inocência tiveres aberto um caminho para a subida da montanha; quando, uma vez chegado ali, tiveres sido instruído no mistério divino pelo som das trombetas, e nas trevas que impedem ver te tiveres aproximado de Deus por meio da fé e ali se te hajam dado a conhecer os mistérios da tenda e da dignidade do sacerdócio; Quando te tenhas convertido em escultor de teu próprio coração a ponto de fazer gravar nele pelo mesmo Deus os oráculos divinos; quando tiveres destruído o ídolo de ouro, isto é, quando tiveres feito desaparecer de tua vida a paixão da ambição; quando te hajas elevado de forma que apareças invencível à feitiçaria de Balaam, - ao ouvir falar de feitiçaria entendas o variado engano desta vida, através da qual os homens, como se houvessem bebido de alguma taça de Circe, extraviando-se da própria natureza, tomam as formas de animais irracionais-, quando tiveres passado por tudo isto, e tiveres floreado em ti o ramo do sacerdócio sem que hajas tomado nenhuma umidade da terra para germinar, mas por ter dentro de si o poder de dar fruto, o fruto da amêndoa, cujo primeiro contato é áspero e desagradável, porem cujo interior é doce e comestível; quando tiveres elevado até a aniquilação, - sepultado sob a terra como Datan ou consumido pelo fogo como Coré-, tudo aquilo que se opõe a tua dignidade, então te haverás aproximado do fim. Entendo por fim aquilo por cuja causa se faz tudo, como o fim da agricultura é o gozo dos frutos, o fim da construção de uma casa é habitá-la, o fim do comércio é enriquecer-se e o de todos os esforços desportivos é a coroa de vencedor. O fim da vida superior é ser chamado servidor de Deus, e, junto com isto, o não estar sepultado sob um sepulcro, isto é, o levar uma vida despida e livre de cargas

malvadas. O relato oferece outro traço deste serviço: seus olhos não se apagaram e não se corrompeu seu rosto (Dt 34, 7). O olho que sempre havia permanecido aberto à luz, como poderia ser obscurecido pelas trevas às quais era estranho? Quem houver conservado durante toda sua vida a incorrupção não experimenta em si mesmo nenhuma corrupção. De fato, aquele que chegou a ser verdadeiramente imagem de Deus e não se afastou o mínimo do projeto divino, chega a si os traços e concorda totalmente na semelhança com o arquétipo, pois tem embelezada a própria alma com a incorrupção, a imutabilidade e a ausência de qualquer mistura com o mal.

Conclusão

Nosso breve discurso te ofereceu, homem de Deus, estas coisas sobre a perfeição da vida virtuosa, apresentando-te a vida do grande Moisés como modelo evidente de bondade, para que cada um de nós, imitando suas ações, copie em si mesmo os traços da beleza que nos foi mostrada. E de que Moisés tenha conseguido realizar a perfeição que é possível, que testemunho mais digno de fé poderíamos encontrar senão a palavra divina, quando diz: Eu te conheço pelo teu nome e tu achaste graça diante de mim (Ex 33, 12 e 17)? Também o fato de que seja chamado amigo de Deus pelo próprio Deus (Ex 33, 11), e o fato de que tendo escolhido perecer junto com os demais se Deus não se aplacasse com benevolência daquilo que o havia ofendido, Deus deteve sua ira contra os israelitas ao modificar seu próprio juizo para não entristecer o amigo (Ex 32, 7-14). Todos estes testemunhos são uma clara demonstração de que a vida de Moisés alcançou o limite mais elevado da perfeição. Posto que investigávamos qual é a perfeição da vida virtuosa e, pelo que já dissemos, descobrimos esta perfeição, é hora, nobre homem, de que olhes para o modelo e, aplicando a tua vida quanto temos contemplado nos acontecimentos históricos com interpretação espiritual te faças ser conhecido de Deus (Ex 33, 12 e 17) e assim te convertas em seu amigo. A perfeição consiste verdadeiramente nisto: em afastar-se da vida de pecado não por temor servil do castigo, e em fazer o bem não pela esperança do prêmio, negociando com a vida virtuosa com disposição e ânimo interessado e mercantilista, mas consiste em que, olhando mais alem de todos os bens que nos estão preparados em esperança segundo a promessa, não tenhamos como temível mais que ser repudiados da amizade de Deus, e não julguemos respeitável e amável para nós senão o chegar a ser amigos de Deus. Isto é, em minha opinião, a perfeição da vida. Encontrarás isto quando tua mente se elevar às coisas mais altas e divinas, sei bem que encontrarás muitas. Isto servirá claramente de proveito para todos.